

A shirtless man with a purple overlay. The man's torso is visible, showing his chest and abdomen. He is wearing a white shirt that is open at the collar. The background is blurred, showing some indoor furniture like a white chair. The overall color scheme is dominated by purple and white.

ALINE PÁDUA

o IRMÃ (DA)

MINHA MELHOR

amiga

A REDENÇÃO



ALINE PÁDUA

o IRMÃ O DA

MINHA MELHOR

amiga

A REDENÇÃO

Copyright 2021 ©

1º edição – junho 2021

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Sumário

[Nota](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[PARTE I](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[PARTE II](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[O melhor clichê era nosso](#)

[Contatos da autora](#)

Nota

Essa história é a realização de um sonho, para ser sincera. Todos os álbuns da Taylor Swift me marcaram em momentos diferentes da vida. Quando escrevi “O melhor amigo do meu irmão: A REJEIÇÃO” baseado em RED (álbum lançado em 2012), soube que não conseguiria parar. As ideias de escrever vários clichês, que englobassem os álbuns dessa cantora que eu admiro, são antigas. Mas finalmente, elas se tornaram realidade.

Taylor fez a mesclagem de Enchanted (do álbum Speak Now) e Wildest Dreams (do álbum 1989) em vários shows. Sempre me vi indagando, como seria escrever uma história baseada exatamente nisso. Ane e Fábio foram pedidos por mais de 90% das pessoas que leram o livro de Gabi e Toni (considerem que a estatística está certa rs). Assim, eles vieram, misturados em dois álbuns, que me fizeram revisitar várias lembranças.

Recomenda-se a leitura do livro “O melhor amigo do meu irmão – A REJEIÇÃO” antes de começar este. Contudo, fica a seu critério. Sendo que os livros acabam por se complementar, e alguns detalhes só foram explicados no primeiro livro, assim como, alguns só serão mencionados neste.

Se você é fã da Taylor, com toda certeza, pegará todas as referências e crossovers de eras diferentes dela com *Speak Now* e 1989.

Ane e Fábio, assim como o primeiro livro, tem por objetivo de levar a um clichê que a gente passa nervoso, sua a camisa e se apaixona pelo casal, até mesmo, pela burrice deles. Quem sabe, com um toque de drama e comédia, porque né, tendo Taylor Swift na playlist de uma história, não tem como ser diferente.

Espero que esse livro seja um respirar profundo durante esse momento tão difícil.

Boa leitura,

Aline Pádua

Dedicado aos meus leitores,
por sempre acreditarem nos meus projetos menos esperados.



1 step forward, 3 steps back – Olivia Rodrigo

All You Had To do Was Stay – Taylor Swift

Back To December – Taylor Swift

Bad Blood – Taylor Swift

Better Than Revenge – Taylor Swift

Blank Space – Taylor Swift

Clean – Taylor Swift

Dear John – Taylor Swift

Enchanted – Taylor Swift

Enough For You – Olivia Rodrigo

Favorite Crime – Olivia Rodrigo

Haunted – Taylor Swift

How You Get The Girl – Taylor Swift

I Know Places – Taylor Swift

I Wish You Would – Taylor Swift

Innocent – Taylor Swift

Last Kiss – Taylor Swift

Long Live – Taylor Swift

Mean – Taylor Swift

Mine – Taylor Swift

Never Grow Up – Taylor Swift

Out Of The Woods – Taylor Swift

Shake It Off – Taylor Swift

Sparks Fly – Taylor Swift

Speak Now – Taylor Swift

Style – Taylor Swift

The Story Of Us – Taylor Swift

This Love – Taylor Swift

Traitor – Olivia Rodrigo

Welcome To New York – Taylor Swift

Wildest Dreams – Taylor Swift

Wonderland – Taylor Swift

Sinopse

Ane Sousa nunca quis se apaixonar por ninguém, muito menos, pelo irmão mais velho da sua melhor amiga. Fábio Moraes era um amigo, no fim, mesmo que a cada sorriso ela se visse sorrindo também. Era inevitável desejá-lo. Quando aqueles lábios se tornam seus, por alguns segundos, Ane pensa que talvez estivesse errada. Porém, a forma como ele reage, lhe mostra, que o certo, sempre foi correr do sentimento.

Momentos marcados por desculpas esfarrapadas.

Dois anos de uma amizade consolidada, e nada mais.

Duas pessoas que fogem do real sentimento que as envolve.

No fim, eles se tornarão o clichê que nunca desejaram?



“E ele dizendo o quanto queria me ver de novo. Mas a vida é complicada. E eu dizendo o quanto queria que ele realmente quisesse me ver de novo. Mas ele é complicado.”

Tati Bernardi

PARTE I

“Esta sou eu rezando para que essa seja a primeira página

Não onde a história termina

Meus pensamentos vão ecoar o seu nome até eu te ver de novo

Estas são as palavras que segurei ao ir embora cedo demais

Que eu estava encantada em conhecê-lo

Por favor, não se apaixone por outra pessoa

Por favor, não tenha ninguém esperando por você”

Enchanted – Taylor Swift



“Minha mente esquece de me lembrar que

Você é uma má ideia

Você me toca uma vez e eu sei que é realmente alguma coisa

Você descobre que eu sou ainda melhor do que

você imaginava que eu pudesse ser

Eu estou em guarda para o resto do mundo, mas com você

Eu sei que isso não é bom”^[1]

Ane

— Eu disse que não queria nada. — falei, enquanto caminhava pelo condomínio que minha melhor amiga morava.

Gabriela Moraes me conhecia melhor do que qualquer pessoa. Naquele momento, tínhamos praticamente doze anos de amizade, e não conseguia me esquecer, por nenhum momento, como foi ganhar da vida, uma irmã.

E como eu também a conhecia perfeitamente, sabia da minha festa de aniversário surpresa de vinte anos, meses antes daquele exato dia. Por mais que ela tentasse me driblar e enganar, Gabi era a pessoa mais transparente que conhecia. Ao menos, para comigo.

— Pode ao menos fingir surpresa? — debochou, dando um esbarrão em meu braço, fazendo-me sorrir. — Aposto que vai ficar surpresa quando chegarmos.

— Aposto que minha mãe está por trás disso com você. — sondei, e ela fez um sinal de zíper na boca.

Dona Leila não dava ponto sem nó, e o fato de mal conseguir me responder nos últimos dias ou fugir dos telefonemas, me contava que ela estava a um passo de revelar sobre a festa. Minha mãe e Gabriela juntas, eram planos mirabolantes na certa.

— Agora... — falou, e semicerrei os olhos sem entender nada. Estávamos há algumas casas da dela, e pelo jeito, lá aconteceria minha festa surpresa. — Fábio! — gritou, e quase dei um pulo no lugar devido ao susto.

Paralisei no momento em que mãos fortes se encostaram contra meus braços, e pisquei algumas vezes, completamente surpresa. Olhei-o com a pergunta clara no olhar: *ele não estava no Canadá?*

— Surpresa, coisa linda. — piscou um olho, e me forçou a virar para frente, e encarar sua irmã.

— O que diabos estão fazendo? — indaguei, e Gabi sorriu abertamente, batendo uma palma. — Gabi!

— Vou te vender. — ele sussurrou de forma que todo meu corpo se arrepiou, tanto pela proximidade, quanto pelo fato de que nós dois, na calçada, parecia algo perigoso.

Olhei-o mais uma vez, e os olhos negros me deixaram sem fala. *Por que justamente ele teria que me causar aquilo?*

— Eu vou matar vocês. — soltei de uma vez, ao sentir o tecido ser colocado sobre meus olhos.

Apenas enxergava o preto da venda, e esquecia-me de como respirar, devido ao fato de que Fábio estava tão próximo, que me recordava

do porquê eu adorava suas viagens internacionais.

Fábio Moraes era perigoso para minha sanidade, desde quatro anos atrás, quando olhá-lo, se tornou algo tão pecaminoso quanto o meu corpo o desejando.

Ele é apenas o irmão mais velho da sua melhor amiga! Era o que dizia a mim mesma. Era o que me esquecia quando ele estava tão perto, e me guiava pela calçada. O silêncio me matava, não porque pensava na surpresa, mas porque, não estava preparada para revê-lo.

Ele estar ali, me indicava de que estaria na empresa nas próximas semanas. Engoli em seco, tentando me equilibrar nos saltos, e sentindo uma mão forte ao meu redor. Por que Gabi fazia aquilo comigo? *Porque talvez ela não tenha ideia de que se sente assim pelo irmão mais velho dela!*

— Relaxa. — Fábio falou, fazendo-me parar e escutei a risada de Gabi próxima a mim.

— Eu estou ótima. — rebati, revirando os olhos, que infelizmente, eles não poderiam ver. — Eu só tô pensando que meu estágio que estava tão tranquilo, agora...

— Eu sou um chefe melhor que Antônio. — ele falou, e ouvi a gargalhada alta de Gabi. — Vou fingir que não estava com saudades de

mim.

— Não precisa fingir, eu realmente não estava. — falei, e notei seu corpo se afastar, e poderia vislumbrar o sorriso no canto da boca, que me desmontava por inteira.

— Ok, crianças. — Gabi falou e ouvi o som de palmas a minha frente. — Pronta?

— Eu nasci pronta, para qualquer coisa. — respondi, e senti uma mão segurar a minha, que só poderia ser a dela, já que o toque de Fábio me destruía e devastava por completo. — Feliz aniversário, amiga.

Senti a venda ser tirada dos meus olhos, e meu coração foi na boca ao olhar para a sala principal da casa dos Moraes. Prendi uma respiração, enquanto meus olhos se encheram de lágrimas. Todos estavam vestidos com trajes antigos.

Fora como entrar em um dos meus romances de época favoritos. Fora como ser telentransportada no tempo, enquanto todos ao meu redor batiam palmas e o *parabéns* era cantado. Pessoas do estágio. Pessoas da faculdade. Pessoas da minha cidade do interior. *O que diabos Gabi e minha mãe tinham feito?*

— Não acredito... — minha voz saiu quase em um sussurro, completamente incrédula.

— E esse foi só o primeiro “parabéns”. — ouvi a voz que eu tanto amava, de minha mãe, que vinha da minha direita, ao lado dos pais de Gabi, que também se tornaram parte de mim. — Feliz aniversário, filha.

— Mãe... — soltei, enquanto algumas lágrimas desciam. — O que diabos vocês fizeram?

— Uma noite de época, para a maior fã dos Bridgertons^[2]. — Gabi falou, e foi então que caiu minha ficha do porquê ela usava roupas amarelas gritantes, que nunca a vi antes. — Sim, Penelope.

— Meu Deus do céu! — falei, levando uma mão a boca, enquanto música clássica tocava ao redor e meu coração estava disparado.

— Agora falta a gente ficar pronta. — Gabi falou, e me puxou para si, levando-me. — Já voltamos, e você vai ver todo mundo, dançar, beber e vamos comer seu bolo favorito.

— Eu quase nunca não sei o que dizer, mas agora... — soltei o ar com força. — Tô pronta para me sentir como Kate Sheffield.

— E eu, vou correr para colocar a minha roupa. — senti um leve beijo no meu rosto, e sabia que era ele.

O qual subiu as escadas praticamente pulando os degraus, e sequer parecia um homem mais velho que eu, quando era tão leve. Porém, ele o era, por seis anos.

— Feliz aniversário, Ane. — ouvi a voz de Antônio a minhas costas, que estava perfeito em um traje de época, e só poderia imaginá-lo como Colin Bridgerton.

O Colin da Penelope à minha frente, que se derreteu por inteira, apenas pela aproximação dele. Ele me abraçou levemente e eu sorri, torcendo para que ele não quebrasse o coração de Gabi, dali alguns meses, quando ela se declararia. Ela era apaixonada pelo melhor amigo do irmão mais velho, e eu... desejava o irmão mais velho da minha melhor amiga. *Que clichê e fanfic terríveis que nos tornamos, não?*

— A gente volta já, príncipe. — ela falou, piscando um olho para ele, que sorriu em sua direção, de um jeito que era claro: *ele sentia o mesmo*.

Subi as escadas, sentindo-me uma bagunça de sentimentos. Gabi me abraçava, e eu pulava junto a ela, sem acreditar que fizera tudo aquilo.

— Você quis viajar no seu aniversário de dezoito, e eu sei que não pudemos fazer grandes coisas, já que eu ainda tinha dezesseis. A nossa diferença de dois anos é uma merda, às vezes. — falou, adentrando seu closet, e eu fiquei sentada na cama, perplexa. — Mas daí, eu sei de algo que ama mais que viajar, e então...

— Romances de época. — respondi e ela deu um grito de “sim”,

enquanto ouvia seus passos em minha direção. — E eu só quero ver você linda e maravilhosa como Kate...

Ela então abriu uma capa que cobria um cabide na cor preta. Fiquei paralisada diante do lindo vestido azul, que parecia ter saído de ensaios de época do Pinterest, para a vida.

— Eu já disse que você foi o melhor presente que ganhei depois da minha mãe? — perguntei, e vi o exato momento que sua expressão de sorriso se transformou, e ela se emocionou. — Eu odiava tanto a ideia de ter que voltar dois anos na escola, mas hoje... Hoje sei que tinha que te conhecer. Eu te amo muito, Gabi. Você é minha alma gêmea.

— E você é a minha. — levantei-me, e fui até ela, que colocou o vestido sobre a poltrona ao seu lado, e me puxou para si.

Era um fato: eu tinha sorte. Encontrei uma parte minha tão cedo, e a tinha, pelo resto da vida.

— Ok, sem choro. — falei, assim que nos afastamos, mesmo que eu já estivesse uma bagunça. — Acho que vou morrer até o fim da noite.

— Não ouse. — deu um pulo no lugar. — Ainda temos bolo e comprei sua tequila favorita.

— É sobre isso que se trata a amizade.

— Vaca. — rebateu, indo em direção ao closet, e tinha certeza que

pegaria seu vestido. Sorri sozinha, e ouvi o exato momento em que batidas na porta se tornaram presentes.

— Pode entrar. — falei, e meu sorriso quase se perdeu quando Fábio adentrou o ambiente, vestido a caráter, e minha linha de raciocínio se perdeu por ele estar perfeito em cada detalhe.

— Não sei se o cabelo penteado para trás faz sentido, mas... — abriu os braços, como se esperando algum elogio. Enquanto eu só conseguia pensar em tirar peça por peça que estava sobre ele. — Agora é hora de dizer que tô sexy de morrer como um mocinho de romance.

— Nunca. — respondi, e pisquei um olho, vendo-o dramatizar, e ajeitar as botas que usava. — Seu irmão quer elogios! — gritei para Gabi, que já vinha do fundo do closet, e revirava os olhos.

— Eu quero elogios seus, coisa linda. — falou, e por um segundo, nossos olhares ficaram presos um no outro. A tensão poderia ser palpável, ao menos, para mim. Quis negar com a cabeça, mas a forma como ele me olhou, parecia impossível.

— No máximo, gostosinho. — sussurrei, revirando os olhos.

— Você, como sempre, faz bem ao meu ego. — falou, e fez um sinal dramático como se apunhalasse seu coração e piscou um olho em seguida. — Espero as duas lá embaixo, então.

— Vai logo, mano. — Gabi praticamente intimou, enquanto mexia na sua penteadeira no canto oposto do quarto, e eu fiz um sinal com a cabeça para ele ir.

Ele então deu mais uns passos atrás, com o olhar preso ao meu, e piscou um olho, antes de abrir a porta e sair.

— A carência do meu irmão tem que ser estudada. — Gabi zombou e eu sorri, tentando disfarçar o momento que acontecera ali.

Ela parecia não notar aquilo, ao menos, não demonstrava. Era como se eu fosse muito boa em não demonstrar o que sentia, ou fosse apenas algo da minha cabeça. Talvez o fosse. Talvez enxergasse sempre *mais*, no pouco que Fábio me entregava. Ele era família, no fim. Ele era um amigo, de alguma forma. Ele era até mesmo, o meu chefe de estágio. Suspirei pesadamente, concentrando em começar a me trocar.

Era o meu dia, e eu poderia esquecer, todo o turbilhão que ele me fazia sentir, apenas por estar presente.



Saí para o lado de fora, caminhando pelo grande jardim, enquanto tomava um pouco do vinho branco. Suspirei fundo, deixando uma lágrima descer, agradecendo aos céus, por tudo aquilo.

Precisava de um momento sozinha, depois de tantos abraços, bençãos e sorrisos, naquela noite. Não era uma pessoa que esperava o melhor de ninguém, mas algo em Gabi e minha mãe sempre pareciam querer me destinar tal sensação.

Toquei meu peito, sobre meu coração e agradei, de olhos fechados, ao que fosse, por ter aquela noite. Quando os abri, notei a forma como as estrelas brilhavam naquela noite, e sabia que Gabi adoraria estar ali também. Ao mesmo tempo que meus pensamentos se perderam, e sabia que eu gostava do escuro total.

Do escuro total que ele tinha nos olhos.

— Merda! — reclamei, tomando o resto de vinho em minha taça.

Ouvi passos a minhas costas, e quando me virei, para zombar para Gabi, que ela adoraria compartilhar aquele céu estrelado com seu Colin, vulgo, Antônio, o sorriso morreu – Fábio caminhava em minha direção, tão belo quanto sempre, tão perigoso quanto nunca.

— Dizem que jardins são perigosos em romances de época. —

falou, e notei que tomava uísque, apenas pelo cheiro ao se aproximar com o copo. — Servida?

Aceitei a bebida, perdida na escuridão do olhar escuro, que estava em minha mente, segundos antes. Era o velho ditado popular adaptado: *pensando do diabo...*

— Forte. — comentei, ao sentir a bebida queimar minha garganta, e ele assentiu, e notei que não sorria. O que era raro para ele. — Desde quando sabe algo sobre jardins e romances?

— Você contou a minha mãe, em algum almoço de domingo, de como a cena de algum casal era perigosa simplesmente por estarem sozinhos no jardim. — pisquei algumas vezes, incrédula por ele ter guardado aquilo. Tivera tal conversa com a mãe dele, meses antes, quando ela começou a ler os Bridgertons e se aventurar com romances de época. — Não me olhe como se eu não soubesse nada sobre você.

— Sabe dos morangos. — dei de ombros, e segurei a taça de vinho com mais força do que necessário. — Acho que já vou entrar.

— Ane. — falou, assim que passei ao seu lado, e paralisei um passo.

Quando levantei meu olhar, notei o quão próximos estávamos. Nossos lábios a um fio de cabelo de distância, e eu quis implorar por

aquele beijo. *O que ele fazia comigo?*

— O que? — perguntei, e sabia que ele estava a um passo de tomar minha respiração por completo.

— Está linda e... como eles diriam? — pareceu pensar por um segundo e eu permaneci presa aos seus lábios, com o olhar escuro no meu. — Linda e adorável.

Assenti, completamente imersa, e no segundo seguinte, sua mão veio para meu rosto, fazendo minha respiração falhar e molhei meus lábios instantaneamente.

— Como você diria? — vi-me perguntando, sem conseguir me conter, e ele engoliu em seco.

— A coisa mais linda que já coloquei os olhos.

Quando fechei os olhos, para encostar nossos lábios, um grito fez-me voltar a realidade.

— Ane! — o grito de minha mãe, fez-me dar um passo atrás, e fugir do momento que entrávamos, sem eu ter força para lutar contra sozinha. Era o destino me dizendo que não deveria acontecer. O corte perfeito.

Felizmente, estávamos em uma parte com árvores enormes, em meio a arbustos, e ninguém conseguiria nos ver dali. No caso, apenas

minha mãe e Gabi sabiam que viria para aquele lugar, para ficar a sós um pouco. Elas sabiam da minha paixão por jardins. E no caso, Fábio parecia saber também. *Ou teria me seguido?*

Esqueça isso! Minha mente ordenou, e meu coração bateu freneticamente em negação.

Pensei em dizer algo, mas nada saiu. Apenas dei-lhe as costas e saí, sentindo meu rosto ainda queimar pelo simples toque, e minha pele implorar por mais. No fim, jardins poderiam ser perigosos, até mesmo, na vida real.



“Você tem aquele cabelo comprido penteado para trás, camiseta branca

E eu tenho aquela fé de boa garota e uma saia pequena e apertada”^[3]

Ane

Os aniversários de Gabi sempre se tornavam assustadores para mim.

Porque após certa idade, precisamente, após os meus dezesseis, via-me sempre presa a um momento de compras com o irmão mais velho dela. Não deveria ser nada demais e eu nunca realmente entendi porque me

importava aquele ponto, ao menos, não aceitava que entendia.

Ele era cerca de seis anos mais velho, e mesmo assim, parecia sempre querer me fazer sentir à vontade. O fato de Fábio Moraes sempre se esforçar para me fazer sentir à vontade em torno de sua família, me fazia desejar odiá-lo. Depois do que acontecera, meses atrás, na festa do meu aniversário de vinte anos, as coisas não poderiam de fato ser as mesmas. Ao menos, não para mim.

Por mais que eu tivesse praticamente fingido normalidade. Por mais que a gente se visse quase todos os dias devido ao meu estágio na empresa da sua família. Por mais que eu fugisse dele como o diabo foge da cruz. Lá estava ele, sempre tão cavalheiro, parecendo disposto a me torturar, sem a mínima ideia de que o fazia.

O sorriso fácil. O olhar escuro diferente de todos. O jeito como a barba por fazer e os cabelos compridos o complementavam. A forma como ele parecia se perder tão facilmente em uma conversa.

Eu o conhecia melhor do que um dia imaginei o fazer, e ele mesmo já me dissera aquilo. Talvez por eu estar dentro de sua casa desde os meus oito anos, e ser tão próxima a sua irmã, como parte da sua família. Contudo, para com ele, as coisas mudavam de figura.

Não entendi em que momento passei a odiar a forma como ele se

referia a mim como sua irmã mais nova também, e felizmente, ele parara-o de o fazer nos últimos anos. A partir de certa idade, foi terrível, ouvir de um cara que considerava tão sexy a ponto de me fazer querer pular sobre ele, que ele me considerava uma irmã.

Poderíamos apenas considerar que éramos conhecidos e ponto – eu tentava. Não passaríamos daquilo e eu não buscava mais – *ou buscava?*

— Cheguei! — sua voz me acertou em cheio, e tentei disfarçar o fato de que queria sorrir de imediato. Ao mesmo tempo que agradeci internamente por sua intervenção. — Como sempre, parece feliz em me ver. — caçoou, com um sorriso ainda maior, e me fez levantar, para beijar meu rosto.

Forcei um sorriso, não porque não queria sorrir, mas sim, porque me negava. Eu sabia que aquele homem era perigoso para tudo o que pensava e delineava sobre amor. Existia um quê nele, que me tinha tão fácil, que me fizera apenas entender que não podia ser tudo o que gostaria. Poderia lhe entregar a Ane de cara fechada e poucas palavras. Era o meu melhor *modus operandi* de quando não sabia o que fazer.

Por que ele tinha que ser tão bonito?

Sentou-se à minha frente, e lhe empurrei o copo térmico com café preto sem açúcar, que sabia ser seu favorito. Sempre odiei o fato de me

apegar aos detalhes dele, porém, ele fazia o mesmo, como me levar bandejas de morango frescas quando ia a feira. Existia uma cumplicidade nunca mencionada entre nós. Ele assentiu, levando o café a boca, e então parei para olhá-lo.

A camisa social de cor branca estava dobrada até os antebraços e a gravata jogada ao seu lado no banco estofado. As mãos que seguravam o copo, eram meu real fraco sobre ele. Tão grandes, a ponto de que imaginava como ficariam perfeitas em torno de minha cintura, puxando-me para si. *Merda!*

— Vou ignorar o fato de que está mais estranha do que o normal hoje. — falou, e eu revirei os olhos, sabendo o quanto ele odiava tal movimento, e eu não conseguia evitar. Não com ele. — Ane. — chamou minha atenção, em um tom que apenas imaginava em outro momento.

Por que eu não parava de sonhar acordar com aquele homem?
Inferno!

— Eu vou continuar revirando os olhos para tudo e para todos, Fábio. — falei, e ele sorriu lentamente para o lado, fazendo-me ficar presa aos seus olhos negros. — Ok, me ligou e pediu para vir... Algo errado com o aniversário?

— Não. — respondeu-me simplesmente, e franzi o cenho. — Quer

dizer, não com o que planejamos, mas sim, porque não sei o que dar de presente a Gabi.

— Eu vou dar um grande abraço porque estou mais pobre do que nunca. — falei, tomando um pouco mais do meu chocolate quente, e sorri sozinha.

A realidade em que vivíamos era completamente diferente. No caso, os Moraes eram ricos de uma forma que não conhecia ninguém mais. Eu estava para uma classe média baixa, que trabalhava desde os quatorze anos, nem que fosse vendendo pulseirinhas na escola. Agora na faculdade, as coisas andavam ainda mais apertadas.

— Digamos que você ganhou na loteria... — começou a dizer, e semicerrei os olhos. — O que você daria?

— Você é o irmão dela! — falei o óbvio. — Como pode não saber o que dar a ela?

— Eu sou péssimo em presentes, coisa linda. — soltou, e eu quis enforcá-lo dentro da cafeteria. *Por que ele tinha que usar aquele maldito apelido?* Tudo nele, parecia pronto para me enganar por completo. E em momentos como aqueles, era como se realmente quisesse me deixar levar. — Lembra do quebra-cabeças que eu te dei no seu último?

— *Ei!* Eu adorei! — apontei um dedo em sua direção, e ele me

sorriu de forma tão adorável, que quis socar sua cara por parecer o Anthony Bridgerton dos meus sonhos reais. Menos mandão, contudo, não menos intenso. Nem um grama daquele homem não era intenso. — Você mandou fazer um quebra cabeça com as capas dos meus livros favoritos. Sério que se acha tão ruim em presente?

— Eu sou brega. — admitiu, dando de ombros e bebendo um pouco mais de chocolate. — E isso pode tornar ruim.

— Brega pode ser bom, às vezes. — fiz uma leve careta, e odiei o fato de que achava realmente aquilo.

Ele me encarou e quase perdi uma respiração. No fim, talvez, eu também fosse brega. Culpa dos seus olhos tão negros que me faziam sentir assim, ao imaginar um céu sem qualquer estrela. Cabelos negros antes curtos, agora mais compridos e chegando ao colarinho de suas camisas sociais que não deixavam muito a imaginação. Ele tinha um sorriso gratuito que me aterrorizava. Ele era perigoso e constante. Fábio Moraes era uma constante assustadora.

— Tem uma coleção especial de livros de romance contemporâneos que Gabi está maluca para ter. Porém, são caros estilo “preciso ganhar na loteria”. — falei, finalmente fugindo de seu olhar, e fiz aspas com os dedos. Ele sorriu abertamente e bateu com o copo na mesa.

— É por isso que eu te adoro. — levou uma mão até meu rosto e apertou meu nariz, fazendo-me dar um solavanco para trás, e chutar a perna dele, de forma automática sob a mesa. — Porra! — reclamou, e eu tive que sorrir.

— Não gosto de contato e você sabe. — no caso dele, eu não gostava porque me fazia desejar algo que não poderia ter.

Transar com alguém tão próximo, poderia me levar a quase perder minha melhor amiga. Seria um risco desnecessário, por mais ardente que se tornasse. Ao menos, era a história que contava a mim mesma, para conseguir evita-lo, ou quem sabe, ter mais contras do que prós.

— Não gosta do meu contato. — corrigiu-me, olhando-me sério e ainda reclamando de dor na perna. — Porque eu te vi bem em contato com um cara que nem quem é, em uma boate esses dias.

— Pense como quiser. — pisquei um olho, e ele me encarou como se eu fosse uma megera.

Talvez o fosse.

Gostava daquela definição.

— Então, o que tem para fazer agora? — indagou, e eu só consegui pensar que era domingo, e eu só queria me jogar na cama e dormir. — Nem pense em responder que vai dormir.

— O que diabos quer? — perguntei, e ele riu baixinho, tomando mais um pouco do café, que já parecia vazio.

— Preciso achar os livros da Gabi, e no meio do caminho, posso te mimar com alguns que queira, se...

— Sempre tem um “se”. — revirei os olhos, e ele chamou meu nome, fazendo-me ignorá-lo.

— Se me ajudar a escolher a roupa para o aniversário de dezoito dela.

— Você é realmente tão brega. — falei, rindo de lado, e terminando meu chocolate quente. — Só vou porque é livro, comida e até roupa garantida, na faixa.

— Como sabe que vou te comprar um vestido?

— Porque você é óbvio. — pisquei um olho, e coloquei o copo sobre a mesa.

Assim que me levantei, parei ao lado dele, e apertei sua bochecha. Seu olhar mudou, e por um segundo imaginei que aquelas mãos apenas me puxariam e eu estaria em seu colo. Contudo, ele apenas se levantou, com um sorriso fácil no rosto, e veio para meu lado.

Quando seu braço passou em torno de meu pescoço, bati no mesmo, porém, como sempre, ele se negou a tirá-lo. Era o jeito dele de ser.

E era o meu jeito de aceitar quem ele era. Mesmo que por dentro, eu só quisesse virar, e puxar aquele rosto para o meu.

Em que momento o irmão da minha melhor amiga tinha se tornado meu caos interno?

Merda!



— Eu te disse que estava cansada e agora... — rebolei ainda mais com a música, sentindo o álcool me energizar, assim como, o funk que explodia por todos os lados da boate.

Não saberia dizer em que momento, apenas aceitei sair para uma noitada com Fábio. Era domingo à noite e estaria morta no dia seguinte, porém, a ideia não me foi totalmente dispensável. Era como se não conseguisse me livrar dele. Até mesmo, convidamos Gabi, mas ela disse que preferia passar a noite maratonando o resto da série que começara. E eu, estava ali, dançando com o irmão dela... A que ponto eu chegava?

Fechei os olhos, e senti uma mão firme em minha cintura. Sabia que era dele, e por um segundo, esqueci-me de como se respirava. Seus toques simples e sutis sempre foram constantes. Fábio era uma pessoa de tocar. Eu era a pessoa de falar. Contudo, não era como antes. Nada naquele dia e muito menos, naquela noite, parecia ser como antes.

De repente, os anos e mais anos sendo apenas a melhor amiga da sua irmã mais nova, pareciam se esvaír. Virei-me diante do queimar que a palma dele trazia contra a pele exposta de minha cintura e costas, e vi-me quase prendendo a respiração. Os olhos negros se destacavam ainda mais, e vi neles, um reflexo de todo o desejo que eu tanto lutei para não sentir.

Ele me olhava como se soubesse que era o meu sonho molhado desde os dezesseis anos.

Ele me enfurecia por conseguir me deixar tão presa a si com um simples toque.

Nenhum outro me olhou assim. Ninguém me fazia sentir assim.

E ele, *justamente ele*, o qual eu sabia que não deveria me envolver, devido à minha falha mente não romântica era o que me deixava à beira de querer matar por um beijo.

— Você... — falou, puxando-me para mais perto, e mesmo com toda a música explodindo ao redor, foi como se tudo parasse para que

apenas nós dois ficássemos abraçados, no limite em que aquele toque fosse o suficiente para não nos queimarmos. — Eu não sei nem o que dizer. — sua voz soou rouca, em um quase sussurro contra minha orelha.

Senti seu nariz se arrastar por minha pele, descendo levemente por meu rosto, e eu poderia ter as dez doses de tequila correndo por minhas veias, porém, nenhuma delas nublaria o desejo que se alastrou por todo meu ser, com aquele simples movimento. Quando seu nariz esbarrou no meu, e minhas unhas castigaram a camisa já praticamente entreaberta, nossas bocas estavam a ponto de se devorarem.

Ele me olhou e eu soube, que existia uma batalha interna. Uma batalha que nós dois não queríamos perder. Pelo desejo. Por quem e pelo o que éramos.

Quando a tensão foi tão esmagadora, mais do que poderia suportar, tentei dar um passo atrás, sabendo que custaria todo meu nexo ficar presa e ele, perdida em seu toque. Como se fosse um aviso do destino ou dos céus, alguém esbarrou sobre ele, fazendo-o quase me empurrar para frente, e eu piscar algumas vezes, para sair da névoa que me colocara.

— Preciso ir ao banheiro. — falei, e vi-o molhar os lábios com a língua, o que me fez ter ideias nada boas para aquele momento. Ou até mesmo, perfeitas.

Soltei-me de seu corpo, e saí dali, como quem queria gritar ao universo: *mas que porra?* Assim que parei à frente do espelho, soltando o ar com força, neguei com a cabeça sobre tudo aquilo, e me segurei para não xingar ou amaldiçoar a mim mesma.

— Anos escondendo essa merda para daí... — neguei com a cabeça e abri a torneira, molhando as mãos e trazendo-as para meu pescoço. Quando notei meu reflexo, soube que eu estava uma bagunça. Porém, parecia pronta para ser fodida pelo homem que mais desejava. *Merda!*

Sequei as mãos e peguei meu celular na pequena bolsa que carregava e estava à frente do meu corpo. Abri o contato de Gabi e tentei focar no fato, de que beijar o irmão mais velho da minha melhor amiga, poderia ferrar tudo que mais amava – ela. Porque eu não sabia, até que ponto, o desejo que sentia por ele, poderia ser real ou apenas uma fanfic da minha cabeça.

Fábio tá sendo uma boa companhia?

Li sua última mensagem e quis socar minha cara, ao mesmo tempo que responder: *sim, e eu quero transar com seu irmão.* Soltei o ar com força, e respondi com uma figurinha, sabendo que mesmo que Gabi não

desconfiasse de absolutamente nada, ela me conhecia bem o suficiente para saber que algo me atormentava há semanas.

Semanas que tiveram início com a aparição do seu irmão em minha festa de aniversário. Se ela interligou os pontos, ao menos, não comentou a respeito. E eu deixaria escondido, no mais profundo de meu ser, que aquilo tudo acontecera. Em uma bagunça de mim, que não precisava se apaixonar.

Apaixonar? Eu tinha perdido minha mente. *Por que estava pensando sobre a mera possibilidade daquilo?*

Porque Fábio não é como os outros, a resposta veio certa e direta, como um corte de faca. Fábio era uma constante, como sempre o descrevera mentalmente. Não era alguém que eu simplesmente bateria a porta e nunca mais veria.

Guardei meu celular e resolvi sair do banheiro, parando de fugir da realidade que recaía sobre mim. Eu poderia falar com ele sobre e éramos adultos o suficiente para nos envolvermos, sem envolver a irmã dele naquilo. O meu maior medo e que sempre me manteve longe dele. O medo de que sentisse algo *mais*. O medo de que estragasse tudo, e *tudo*, incluía minha amizade com Gabi.

No segundo que abri a porta, encontrei-o encostado no corredor,

olhando para o chão, como se perdido em si. A imagem dele era o suficiente para me desestabilizar. *O que eu poderia fazer? Como poderíamos fazer?*

Sem conseguir pensar, apenas fui até ele, e vi-me, infiltrando entre seus braços, e tomando seu rosto com as mãos. Ele me encarou, e por um segundo, pensei que não entendesse, porém, *ele entendeu*, pela forma como seu olhar me devorou e o sorriso cafajeste, que sempre disse que detestava, mas no fundo, me devastava, apareceu.

Abri a boca para dizer que poderia ser aquilo: um beijo. Porém, seus dedos tocaram meus lábios, como se para me calar, ao mesmo tempo que me testava. Não precisávamos falar, no fim. Nossos corpos tinham a resposta a clara.

Quando mediu meu lábio inferior, e suas mãos vieram para meu rosto, fazendo com as que as minhas se prostrassem contra sua camisa, apenas senti meus joelhos quase falharem: os lábios de Fábio Moraes se tornaram meus.

Um devorar que eu nunca imaginei que poderia ser tão intenso. Se meus sonhos eram bons, a realidade era o que nunca consegui considerar. Ele não me beijava, ele praticamente me tomava. Ali mesmo, em um corredor semiescuro de uma boate.

Eu não me importava com o local, ou quem estivesse ao redor. Eu me importava com os lábios dele, e suas mãos me puxando para si. A cada toque de nossas línguas, um gemido escapando, e meu nome desaparecendo de minha mente.

Quando o ar se tornou escasso, e nos afastamos, com os dentes dele mordendo a pele do meu pescoço, enquanto puxava o ar com força, eu soube: *acabava de me foder por completo.*

— Ane, eu... — falou, e tocou meu rosto com ambas as mãos, e notei o seu olhar mudar por completo. — Isso não devia ter acontecido. A gente bebeu e... — calou-se, como se estivesse perdido.

Abri a boca para dizer algo, mas me calei no segundo seguinte. *Ele culpava a bebida...* Tive que sorrir, como se fosse uma bela piada de mim mesma.

— Se quer se enganar, boa sorte. — falei, e me afastei de seu corpo, sabendo que aquilo era tão absurdo, quanto o fato de que depois de todos aqueles anos, de repente, a gente se atracava no escuro.

— Ane, espera...

Senti sua mão em meu braço, segurando-me, e parei um passo dentre as pessoas.

— Eu preciso ir para casa. — soltei, mantendo minha postura e sem

querer demonstrar o quanto aquela desculpa era péssima. — Não quero um pedido de casamento, Fábio. Foi só um beijo.

— Eu sei, é que... — paralisou e o encarei como se fosse óbvio. *O que ele esperava?* Eu, de repente, só ansiava por minha cama. *O que eu esperava?* Ao menos, uma desculpa melhor do que aquela. — Vou te levar.

Assenti, e enquanto caminhávamos para fora da boate, ele permaneceu a quase três passos de distância. O oposto do que ele era em seu normal. Um homem assustado como um garotinho após um beijo. Eu poderia gargalhar da cena, se não a achasse patética. Não ri, porque no fim, a patética poderia ser eu.

Eu que praticamente o intimei ao beijo.

O uber finalmente chegou e nós dois entramos. Suspirei fundo ao notá-lo preso ao canto direito, enquanto eu estava no canto esquerdo do banco de trás. Segundos depois, enquanto uma música invadia o ambiente, senti-o me olhar, enquanto eu checava algo no celular.

— Ei. — falou, e sua mão veio para minha, puxando-a para seus lábios, enquanto se aproximava. Aquele era o Fábio que conhecia, e por mais que me matasse por dentro todo o desejo que ele me desencadeava, eu sabia lidar. — Sinto muito. — soltou, e eu apenas me calei.

Não queria saber se era pela situação. Não queria saber se era pelo beijo ou entrega. Apenas aceitei um de seus braços ao redor de meu ombro e deitei minha cabeça sobre o dele. Nós dois, como velhos conhecidos, era o suficiente.

E aquela noite, apenas poderia ser esquecida.



“E eu devia apenas te dizer para ir embora, porque eu

Sei exatamente onde isso leva, mas eu

Fico vendo a gente dar voltas e voltas toda vez”^[4]

Ane

Queria poder dizer que estava surpresa, ao ver minha melhor amiga com o coração destroçado. No caso, destroçado era um apelido, estaria mais para dilacerado. Suspirei profundamente, e virei mais uma dose de tequila junto a ela, que pulava logo atrás do balcão da cozinha do apartamento de seu irmão.

Antônio não só quebrara o coração dela em seu aniversário de dezoito anos por um telefonema, como parecia ter atingido uma parte dela, que acabara de se ligar de fato – o amor não era tudo.

— Sabe que a gente vai juntar cada caquinho, não é? — indaguei, e ela me encarou com o semblante já meio bêbado, fazendo-me sorrir. Assentiu, como se entendesse o que eu dizia, mas parecia longe dali. — Eu sinto muito.

— Eu vou ficar bem. — falou, dando de ombros, e pegando outra dose, a última da fileira que servi para nós minutos antes. — Eu tenho você e Fábio, além disso, a tequila... — praticamente gritou o final, e tive que sorrir.

Por mais que soubesse, que em algum momento, ela desabaria, era reconfortante, vê-la lutar contra a própria dor, para não manchar ainda mais uma data tão importante para si.

— Voltei! — a voz de Fábio preencheu o ambiente, e foquei em virar a minha última dose. Talvez eu também estivesse precisando de muito álcool para esquecer o que aquele homem, que agora estava tão perto, a ponto de esbarrar sua mão na minha, me causava.

Ele parecia disposto a me enlouquecer nos últimos dias, e não era porque se portava de forma diferente, mas sim, porque nenhuma ação dele,

pareceu a mesma desde o momento em que tive aqueles lábios. Foram dias tentando convencer minha mente de que eu sobreviveria tranquilamente ao esquecimento daquele momento, contudo, toda vez que nossos olhos se encontravam, sabia que era em vão. Eu não tinha esquecido, e uma parte de mim, desejava mais lembranças.

— Não querem comer nada? — indagou, abrindo a geladeira, e eu tentei não focar na forma como seus músculos pareciam ainda mais definidos quando usava uma simples camiseta colada ao corpo na cor branca. *Ele conseguia entender que estava arrastando um inferno na minha frente?*

— Eu preciso ir ao banheiro. — Gabi falou de repente, e praticamente correu em direção ao corredor do imenso apartamento, deixando-me presa a enrascada de estar sozinha com Fábio.

O tinha evitado por todas as semanas anteriores, que foram as minhas últimas no estágio em sua empresa. O tinha evitado por toda aquela noite, para no fim, estar ali. Algo me dizia, que estar perto dele, apenas nós, era demais para meus próprios desejos. Porque sozinhos, parecia tão certo, a ponto de não compreender que éramos um erro para o outro.

— Ane? — indagou, e pisquei algumas vezes, desviando de sua boca e tentando me concentrar na realidade. *Porra!* — Algo para comer?

— Estou bem assim. — comentei, levantando a dose de tequila vazia, e me sentando na banquetta que ficava logo atrás do balcão. — Nessas horas, penso na sorte que tive de conseguir aquele auxílio na universidade, e sair do estágio na empresa.

— Como assim? — indagou, e eu dei de ombros.

— Eu não ia me conter e socaria a cara de Antônio, no primeiro instante que o visse. Ou seja, seria demitida. — confessei, e notei de imediato a mudança no semblante de Fábio.

Por mais que ele pudesse parecer perdido para com Gabi sobre o assunto, era claro que ele entendera o que acontecera. O melhor amigo dele quebrara o coração da sua irmã mais nova. Era uma situação de merda.

— Eu ainda não sei o que fazer, confesso. — admitiu, e vi-o tomar um longo gole de água. — Acho que só vou ter um porre junto com vocês, e deixar para amanhã.

— Um porre sempre é bem-vindo. — falei, piscando um olho, e ele sorriu de lado, do jeito cafajeste que eu odiei por grande parte da minha adolescência, mas que depois de certa idade, parecia um charme particular.

— Uma outra carreira de doses de tequila saindo... — virou-se, pegando a garrafa e servindo perfeitamente cinco doses de tequila para cada um de nós.

Alcansei o primeiro copo no segundo que ele o fez, e já o viraria, porém, ele fez um gesto de pausa.

— Ao que vamos brindar? — indagou, e franzi o cenho, sem entender porque iríamos brindar com tequila. — As coisas inevitáveis.

Olhei-o ainda mais perdida, e tentei convencer a mim mesma, de que aquele simples brinde não significava nada. Vindo de Fábio, tudo parecia significar o mundo nas últimas semanas. Uma sucessão de momentos inevitáveis entre nós, que de repente, nos traziam ali, a brindar sobre quase a mesma coisa.

Encostei nossos copos e virei a dose, assim como, o fiz com as outras quatro. Eu já sorria no fim da quinta, e por um segundo, o álcool me deixara leve, a ponto, de esquecer que não deveria estar tão próxima a ele.

— Alexa, tocar Style da Taylor Swift.

Vi-o franzir o cenho, como se me desafiando. Ele sabia que era minha cantora favorita, e também, a de sua irmã. Ou seja, ele mesmo sem querer, conhecia cada música de cada álbum. Comecei a cantar, girando no lugar, e sorrindo de mim mesma.

Parecia tão feita para nós, por alguns segundos. Enquanto eu girava, senti mãos firmes em minha cintura, que me pararam, e me puxaram para si. Olhei-o hipnotizada, e ele sorriu, como se existisse um

segredo por trás de todo o mistério que nunca busquei nele.

O que ele escondia?

Sem me dar resposta, para a pergunta que guardava internamente, mas que de alguma forma, ele parecia conseguir ler, levou-me para o meio da sua sala de estar. Era como se ele estivesse me levando para a pista de dança. Não sabia se pelo álcool ou pelo o que aconteceu nas últimas semanas ou se pelo sentimento que me atormentava, mas eu nos via repetindo o mesmo ciclo, sem conseguir evitar.

Ele me girou, fazendo-me rir, enquanto eu cantava com a música, e me imaginava, presa aqueles braços por uma noite toda. Por um segundo, fora como se apenas nós dois estivéssemos ali, e eu sorria, tão abertamente, como raramente fazia. Ele era... Intoxicante.

— Eu uso o cabelo para trás e camiseta branca... — sussurrou em minha orelha, como a música definia o que poderíamos chamar de mocinho dela. Segurei um gemido, devido à forma como sua voz arrepiara cada parte de meu corpo. — E você, sempre está com saias curtas apertadas...

Dei um passo atrás, e gritei a bridge da música, tentando não pensar que adentrava o clichê que sempre evitara – estar envolvida tão profundamente com o irmão mais velho da minha melhor amiga. O carma

estava me cobrando, só podia. Por anos, aconselhando Gabi a não se deixar levar pelo amor que sentia por Antônio. Para agora, ter o desejo explodindo pelo irmão dela. O carma era certo.

A música parou e ele apenas pediu para que Alexa continuasse a tocar Taylor Swift no modo aleatório. Eu fiquei ali, presa em seus braços, sem saber como fugir, e para minha má sorte, uma música calma começara. Puxando-me para perto, passei as mãos ao redor do seu pescoço, e sorri para a forma séria como ele me encarava. Papéis trocados. Corações disparados. Uma música que confundia minha mente. Um desejo enervante.

“Seus olhos sussurraram: Já nos conhecemos?”

Do outro lado da sala sua silhueta

Começa a fazer sentido pra mim

A conversa brincalhona começa

Contra todas as suas observações rápidas

Como passar bilhetinhos”^[5]

— Eu... — falei, quando seu nariz encostou no meu, e toda minha sanidade quase foi tirada dali. Pisquei algumas vezes, ao ouvir o resmungo

de Gabi, vindo da cozinha, e praticamente dei um pulo atrás. *O que diabos eu estava fazendo?*

— Vocês são lindos juntos. — ela praticamente gritou, e estava claro seu semblante de dor. — Eu só quero que essa noite seja boa e eu esqueça porque bebi.

— Mais doses? — indaguei, e ela bateu palmas, dando-me um sonoro: *sim*. — Ok então.

Usei aquela deixa para sair de perto de seu irmão, e segui em direção a cozinha. A minha cabeça dando voltas, não mais só pelo álcool, mas sim, por toda a atmosfera que me envolvia sempre que estava próxima a ele. Era perigoso, e ao mesmo tempo, viciante.

E eu não poderia, de forma alguma, me viciar naqueles pequenos momentos entre nós.



— Apagada. — falei, assim que fechei a porta de um dos quartos

de hóspedes do apartamento de Fábio, no qual Gabi capotara há alguns minutos.

O álcool e a exaustão daquela noite a faziam dormir como um bebê. Procurei-o ali no corredor, porém, ele não estava. Eu deveria apenas abrir a porta novamente, e me deitar ao lado de Gabi, para dormir e esquecer os meus próprios terrores com aquela noite, porém, como se fosse o certo, vi-me caminhando pelo corredor, em direção ao barulho no fim do mesmo, que dava diretamente para o quarto dele.

Quantas vezes eu já estive ali?

Quantas delas, realmente, pareceram me marcar?

Uma e contando...

— Fábio? — chamei, batendo duas vezes na porta, que estava entreaberta, e paralisando diante da visão dele, sem camisa e com apenas uma calça de moletom em seu corpo.

Engoli em seco, no segundo em que o olhar escuro encontrou o meu, e senti-me como se estivesse nua.

— Gabi dormiu. — falei, como se fosse o que realmente fazia ali. Nem eu sabia o que fazia, no fim. Ele assentiu, enquanto dava passos até mim, e a cada um, era como se estivesse prestes a ser presa em uma armadilha. A qual, eu mesma criara. — Vim desejar boa noite.

— Veio me enlouquecer. — soltou, e no segundo seguinte, puxou-me para dentro de seu quarto, e não tive tempo de sequer conseguir entender, seus lábios vieram para os meus. Gemi com o contato, e senti o exato momento em que subiu meu corpo, batendo-me contra a parede, e fazendo meu corpo implorar pelo dele.

Era o nosso segundo beijo, mas parecia ainda mais devastador que o primeiro. *Seria sempre assim? Desde quando eu usava “sempre” nas minhas perguntas internas?*

Cada toque de suas mãos, me deixando inerte, cada parte de mim, buscando uma parte dele, e eu mal sabia meu nome, quando nos separamos pela falta de ar.

Ao olhá-lo e notar a forma como me adorava, soube que não estava ficando maluca sozinha. Era um sentimento de desejo que explodia entre nós dois. Suspirei profundamente, tentando também não fazer barulho, quando a realidade me atingiu, de que sua irmã estava em um dos quartos a frente.

Suas mãos tocaram meu rosto, como se me reconhecendo como dele, e notei o exato segundo que a sua expressão mudou. De alguma forma, eu a conhecia muito bem. Soube, antes mesmo de ele abrir a boca e foder com tudo, que estava arrependido.

A diferença entre nós era aquela: eu não me arrependia daqueles momentos, por mais inesperados que fossem, ou sem nexos que pudesse parecer.

— Sei que nós dois bebemos demais... — falou, sem me causar surpresa alguma, e me perguntei internamente: *onde o verdadeiro Fábio se escondia quando aquela desculpa vinha à tona?*

Seria a minha mente se enganando de que ele era um cara diferente? Pelo jeito, eu apenas me enganara sobre.

— Não quero estragar o que a gente tem, ou... Mesmo que seja inevitável as vezes. — confessou e era clara a apreensão em seu olhar. — Acho que a gente devia...

— Esquecer isso, não é? — indaguei, e por mais que quisesse negar, algo dentro de mim estava sendo machucado. Torcia com todas as forças para que fosse o meu ego. — Eu acho que é tão ridículo você me dizer isso enquanto estou presa ao seu corpo contra a parede. — falei, forçando-me a me soltar dele, o qual, pareceu piscar algumas vezes, e finalmente entender o que acontecia. — Boa noite, Fábio.

Foi a última coisa que consegui formular, antes de sair de seu quarto, e me esconder debaixo das cobertas do lado de onde Gabi dormia tranquilamente. O cheiro de Fábio impregnado em cada parte de mim, e

odiei que, mais uma vez, estava presa ao fato de que ele queria esquecer e culpava a bebida.

Algo me dizia, antes de finalmente conseguir fechar os olhos e dormir, que, aqueles olhos negros, ainda me atormentariam, muito mais, do que aquela noite.



“Lembre-a de como costumava ser, ser, sim, sim

Com fotos emolduradas de beijos na bochecha, bochecha

Diga a ela como você devia estar louco

Quando a deixou sozinha e nunca lhe explicou o porquê”^[6]

Ane

Cinco chamadas perdidas.

Olhei para o visor e bloqueei a tela novamente, enquanto tentava

me concentrar na aula. Minha mente estava perdida, em braços definidos, olhos negros e cabelos longos jogados para trás. Ao mesmo tempo que, ponderava, o quanto de nós poderia ser real, já que era a segunda vez que Fábio apenas tentava fingir que nada acontecia.

Ao menos, naquela, ele estava me ligando. E eu, como não tinha nada a dizer, e muito menos, gostaria de abrir margem para falarmos sobre o que aconteceu naquela noite em seu apartamento, apenas ignorei. Era mais fácil fugir do que encarar. No caso, estava até mesmo aprendendo com ele.

No momento que deu o horário para sair, soltei o ar com força, e percebi que sequer trocara algumas palavras com meus colegas.

O fato era que Gabi não estava bem naquele dia, e aquilo também me atormentava. A forma como ela foi machucada por Antônio, era visível. Só conseguiria pensar até que ponto ela ficaria presa aquela dor. Era recente e viva demais, para que ela pudesse apenas esquecer.

Enviei outra mensagem a ela, enquanto parava próxima aos banheiros de um corredor, e a mensagem sequer chegara. Ela disse que tentaria apenas dormir o dia todo, enquanto colava as partes de seu coração, que mesmo quebrado, ainda pertencia a Antônio. Era estranho se imaginar a ponto de entregar tal poder a outra pessoa. Aquilo poderia ser amor? Ficar tão vulnerável a ponto de outro ser humano poder te destroçar

de dentro para fora?

— Eu sei que não vai ouvir agora, mas eu tenho a tarde livre do projeto, então... Passo aí depois que almoçar. — mandei o áudio e por um segundo, pensei se comeria apenas um miojo em casa, porque estava sem cabeça para cozinhar, ou se iria até o Restaurante Universitário.

Suspirei profundamente, e no segundo em que pisei no estacionamento externo, que daria para o restaurante, paralisei ao notar Fábio, parado à frente do seu carro, encarando-me, como se esperasse por mim. Neguei com a cabeça, sabendo que nós dois estávamos presos em um drama, no qual, eu nunca quis fazer parte. Por que estávamos nos permitindo aquilo? Por que eu permitia?

— Ane. — falou, assim que me aproximei, e todo meu corpo reconheceu aquela voz, como se fosse uma parte de mim. — Te liguei algumas vezes e mandei mensagem, mas...

— O que está fazendo aqui? — rebati, sem dar tempo para que falasse. — Não precisa ficar me ligando ou tentando se explicar. Eu sou adulta, Fábio. Foi só um beijo e tá tudo bem.

— Não tá tudo bem. — falou, como se conseguisse me ler, e jurei, naquele instante, que precisava aprender a me blindar para com ele. — Eu trouxe algo, como um pedido de paz, e de desculpas.

— Não se pede desculpas por algo que não se arrepende. — soltei, ácida da forma que ele merecia, e a ponto de apenas querer sair dali. *Por que eu parecia sempre me controlar para com ele?* No fim, era como se eu entendesse o porquê de ele se afastar. Era como se eu entendesse o porquê ele deveria me afastar. — E eu digo sobre o beijo e por ser um tanto babaca.

— Babaca. — falou, e notei que testava a palavra, como se não tivesse sido chamado daquela forma antes.

Não duvidava, já que Fábio sempre se mostrara um cavalheiro, fosse com suas ex namoradas ou algumas companhias que o encontrava em baladas. Pensar sobre aqueles encontros, de repente, era tão terrível quanto imaginar que aquele corpo pertenceu a outra pessoa. *Foco, Ane!*

— Passei na feira e lembrei de você. — falou, mostrando-me a caixa, cheia de morangos enormes, e que pareciam deliciosos.

— Comprando sua desculpa com minha fruta favorita? — indaguei, e ele deu de ombros, sorrindo em seguida, claramente envergonhado.

Parecia impossível ficar com raiva dele, por mais que eu quisesse. No fundo, parte de mim ainda tinha alguma esperança de que nós dois fôssemos bons amigos e aqueles beijos, fossem apenas uma fase. Uma fase

que passara na noite anterior, se tudo corresse como o planejado em minha mente.

— Só se estiver funcionando. — respondeu, estendendo-me a caixa, e eu arqueei uma sobrancelha, sem poder negar. — E te levo para almoçar.

— Me comprar com comida... o ponto fraco. — falei, sabendo que de alguma forma, aquele homem, que sorria a minha frente, talvez fosse um deles. *Merda!* — Entre o miojo e a fila do ru... prefiro te aguentar um pouquinho mais.

— Então estou desculpado? — perguntou, abrindo os braços, e eu não resisti, ao pegar um morango e morder, sentindo o gosto da fruta explodir na minha boca.

Fechei os olhos, saboreando a sensação e me lembrando porque era minha fruta favorita. Quando os reabri, para respondê-lo, notei que me encarava, como se preso a cada movimento meu.

Queria implorar para que ele parasse, porém, parecia impossível.

— Esse é um vou pensar no seu caso. — pisquei um olho, e fui em direção a porta de carona. Ele foi mais rápido, e como sempre, abriu a porta para mim, fazendo-me revirar os olhos.

— A única mulher que parece odiar meu cavalheirismo. — falou,

com uma risada presa e eu apenas o encarei de lado, enquanto me sentava, e segurava a caixa de morangos sobre as pernas.

— É o irmão mais velho da minha melhor amiga, então, tecnicamente ou a gente se odeia ou a gente se ama... Acho que criei uma forma de te odiar sem doer tanto assim, vai. — brinquei, no segundo em que ele se sentou no banco do motorista. Contudo, meu sorriso morreu, ao vê-lo colocar os óculos de grau, e ficar ainda mais gostoso.

Por que tudo em Fábio era tão bonito?

— Me reduzindo ao irmão mais velho. — negou com a cabeça, saindo com o carro, enquanto eu comia outro morango, e toquei no rádio para começar uma música. — Sabe que eu nunca te vi como uma irmã, certo? — indagou, e eu o encarei, sem entender muito porque adentrávamos aquele tópico.

— Me chamava de irmã quando eu era mais nova. — rebati, sem poder evitar, e vi-o negar com a cabeça, enquanto estava atento ao trânsito.

— Nós éramos crianças, praticamente. — falou, e ouvi sua risada baixa. — E eu jurei que te veria da mesma forma que vejo a Gabi.

Soltei o ar com força, tentando focar no morango que mastigava, sem querer falar sobre. Mais uma vez, a gente parecia correr atrás do próprio rabo. *Era aquilo que acontecia, quando duas pessoas que se*

conheciam a vida toda e sabiam praticamente tudo uma da outra, mesmo que não precisasse ser falado, passassem a se desejar ardentemente?

— Teve notícias do seu melhor amigo? — perguntei, mudando de assunto, e notei a forma como sua expressão se modificou por completo. — Sabe que se eu o ver, vou socar a cara dele.

— E ele vai deixar. — complementou, fazendo-me sondá-lo, e queria muito, conseguir descobrir o que de fato passara na cabeça de Antônio para ser o pior tipo de cara com minha melhor amiga. — Apenas o impedi de ir na casa dos meus pais ou tentar se aproximar. Gabi me pediu isso.

— Ela está certa, e com o tempo, vai esquecê-lo. — falei, tentando acreditar que seria possível. Era estranho ver sua melhor amiga amar tão verdadeiramente alguém, sem ter a noção de tal sentimento. Ele sumiria? Ele se transformaria? Ao menos, esperava que se curaria, em algum momento. — Aliás, pode me deixar na casa de seus pais depois? — indaguei, e ele assentiu, dando-me um leve olhar quando parou no sinal vermelho.

— Vamos almoçar lá hoje. — comentou e franzi o cenho. — Se você não conseguir tirar Gabi da cama, ninguém mais consegue.

— Ela quer esquecer, Fábio. — dei de ombros, tentando

compreender a dor de Gabi. — Ela vai saber o que fazer, assim que levantar. É a Gabi.

— Falei para ela sair e passar um tempo na fazenda, já que ficarão sem aulas logo mais, por causa do feriado prolongado. — comentou, e eu assenti, pensando a respeito. — E isso inclui você.

— Vou falar com ela sobre. — suspirei pesadamente, enquanto Señorita tocava, e eu tentava ignorar a letra. — Ela sempre pareceu pertencer aquele lugar, talvez agora, pense em passar mais que um tempo no interior.

— Acha que ela vai abrir mão de trabalhar na empresa? — perguntou, e eu dei de ombros, sem ainda ter certeza.

— Ela moldou uma vida após o momento que se declararia para o merda do seu amigo, então... Agora é hora de refazer a rota.

— O amor é uma merda. — soltou, e eu dei de ombros, sem saber o que responder. — Já amou alguém, Ane?

Sua pergunta me acertou em cheio, e apenas pisquei algumas vezes, sem ter a resposta. Se eu tive que pensar, então, só poderia ser negativa.

— Gosto do amor dos livros e ponto. — respondi, sem conseguir negar no fim, e não entendendo o porquê. — E você? — a pergunta saiu livremente, e odiei o momento em que ele pareceu pensar, e poderia jurar,

que se lembrou de vários amores.

O que diabos acontecia comigo?

— Acho que só vou saber que é amor, quando tiver esfregado na minha cara. — admitiu, em tamanha honestidade, que me tocou profundamente.

Fábio nunca precisou mentir para mim, até porque, ele sempre foi completamente transparente. Naqueles últimos encontros inesperados ou nem tão inesperados assim entre nós, as coisas mudaram. A pergunta que eu não sabia se queria a resposta era: *por que?*

— Acho que somos dois. — dei de ombros, sem poder negar. — Acho que é um sentimento muito complexo para alguém com os pés no chão como eu. Prefiro fugir. — pisquei um olho para ele, que não sorriu, o que me surpreendeu.

De repente, a forma como pareceu concentrado na estrada, fez-me entender que as coisas entre nós não poderiam dar certo. Existia uma intensidade nele, que não poderia se tornar minha. Eu já exacerbava intensidade, e zelava por minha sanidade. Até porque, apenas dois beijos e chegávamos ao limbo de desculpas perdidas.

O que poderia acontecer se eu estivesse sob ou sobre o corpo daquele homem?

Ele vai te marcar, minha mente praticamente gritou, como em alerta.

Não consegui dizer mais nada, enquanto a música preenchia o silêncio entre nós, que pareceu pesar mais do que realmente deveria.

“Você diz que somos apenas amigos

Mas os amigos não sabem qual é o seu sabor, la-la-la”

Após longos e torturantes minutos, quando finalmente estacionamos, praticamente pulei do carro, não lhe dando chance para abrir a porta, e mesmo sem conseguir raciocinar, deixei a caixa de morangos sobre o banco do passageiro. Lembraria de pegá-la depois.

Foquei em adentrar a casa, e subir escada acima, em busca do quarto de minha melhor amiga. Toda a casa ainda parecia presa a festa do dia anterior, que deveria, ser incrível para Gabi, mas que infelizmente, fora um desastre total. Suspirei fundo, abrindo a porta de seu quarto, e encontrei-a sentada na cama, encarando um álbum de fotos enquanto o álbum RED explodia por todos os lados.

— Ei. — falei, e quando seu olhar chegou ao meu, notei o quanto seu rosto estava inchado e como ela parecia lutar para não quebrar novamente.

Fui até ela no mesmo instante e tirei o álbum de suas mãos. Puxei-a para mim, abraçando-a, e lhe dando o carinho e colo que ela precisava. Ela então desabou e eu soube, que a dor de um amor rejeitado não poderia ser pior do que aquilo. Doía em mim vê-la de tal forma. Como seria então, se sentir despedaçada?

A porta do quarto se abriu, e fiz um sinal de negativo com a cabeça, no segundo em que notei os olhos escuros de Fábio. A culpa estava clara em seu rosto, e ali, depois de toda a noite de bebedeira e o fato de que Gabi guardou a dor, explodiu. Nem mesmo ele parecia ter entendido, até aquele exato momento, a proporção que o melhor amigo a machucara. Ali, ele soube.

— Filho da puta! — falou baixo, mas o suficiente para que eu ouvisse, e felizmente, não para que Gabi se distraísse com aquilo.

Ele então saiu, e tinha a certeza, de que ele veria o melhor amigo naquele momento. Se ele ainda pudesse ser chamado de tal forma. Soube ali, que de todas as formas, a protegeria para que Antônio, em momento algum, tivesse a chance de quebrá-la novamente. E ninguém mais.



— Então, vamos passar à próxima semana na fazenda? — perguntei, enquanto Gabi comia em silêncio e forçava alguns sorrisos.

— Quero me mudar pra lá. — falou, e fez com que eu parasse com o garfo próximo a boca, sem acreditar que ela tomara a decisão tão rapidamente.

Algo dentro de mim, sempre dissera que Gabi não aguentaria a vida na cidade grande, nem mesmo, pelo grande amor dela. Era ela que importava, no fim. Uma mulher não pode basear seus sonhos no amor por outra pessoa, porque por mais lindo que o sentimento seja, ele pode acabar. E ele acabava.

Gabi pareceu entender aquilo naquele instante.

— Ainda vou terminar o semestre e pensar com calma sobre tudo, e como vai ser minha vida longe daqui... — suspirou pesadamente. — Mas lá é o meu lugar, que eu sempre amei.

— Eu te apoio, como sempre. — pisquei um olho, e notei Fábio apenas a encarando. Seus pais estavam presos em uma reunião de trabalho, portanto, apenas nós dividíamos a mesa. — Fábio? — chamei-o, como se para o acordar, e ele piscou algumas vezes, como se voltando a realidade.

— Eu não te queria vivendo sozinha lá, mas... Sempre teremos os finais de semana e feriados para ir. — falou, e esticou uma mão até a dela, apertando-a. Gabi lançou-nos outro sorriso nada verdadeiro e era claro que a luz dela tinha se apagado.

Batidas incessantes na porta me fizeram arregalar os olhos, e eu não precisei de muito, para ter certeza de quem era.

— Filho da...

— Mande ele embora, por favor. — vi Gabi pedindo a Fábio, porém, fui eu quem levantou.

Fiz um sinal claro para que Fábio ficasse ali, e não pensei duas vezes, antes de deixar meus passos seguirem em direção a porta principal. No momento em que a abri, encontrei Antônio com o semblante irado e claramente insone, sendo segurado por dois seguranças. Era aquele limite claro que Gabi impusera.

— Ane, eu preciso...

— Se foder. — complementei, fechando a porta atrás de mim, e

fazendo um gesto com o dedo em sua direção. — Ela não vai ouvir. Ela não quer ouvir. E eu estou aqui também para não deixar que ela ouça. Você vai voltar por onde veio e não vai aparecer. Fez a merda toda. Fez o show todo de destruí-la, para o que? Se arrepender? Você é um homem, porra! Pelo menos aja como um e a deixe em paz!

— Ane...

Era clara a dor em seus olhos, mas eu me negava a acreditar. A dor que importava, para mim, era a qual ele condenara minha amiga.

— Existem mil jeitos de se rejeitar alguém, até mesmo, sem parecer rejeição. O que você fez foi baixo e não é aparecer no dia seguinte que vai resolver. Duvido que exista algo que resolva. — falei, enfurecida, e dando passos para perto dele. A sorte era que os seguranças estavam ao seu redor, porque se não, minha mão já estaria na sua cara.

— Não vai foder mais com a cabeça dela. — o grito de Fábio veio em nossa direção e era clara a forma como ele estava irado. — Eu te deixei claro que não te queria aqui. E se não for por Gabi, seja por mim. Não te queremos nessa casa mais.

Ele pareceu sentir o peso daquelas palavras de imediato e eu poderia vislumbrar a dor que elas teriam, se um dia, Gabi as destinasse a mim. Antônio estava para perder muito mais do que pareceu pensar ou

ponderar. Sem dizer mais nada, ele apenas se soltou dos seguranças e saiu, a passos tão lentos, que eu jurava que correria por todos nós, e tentaria chegar até Gabi. Contudo, ele apenas demorou, mas se foi.

— Situação de merda. — falei, e passei as mãos pelos meus cachos, que já estavam bagunçados, devido à forma como mexera neles enquanto o xingava.

— Que a gente nunca ame. — Fábio falou, no segundo em que me virei, e eu tive que concordar.

— Não é o amor que fode tudo, são as pessoas. — deduzi, dando duas batidinhas em seu peito, e o encarei por alguns segundos.

Como se tornara meu carma, um toque nele e todo meu corpo correspondia. Suspirei pesadamente, e forcei um sorriso, para me afastar em seguida. No fundo, estava como ele: *que eu nunca amasse alguém a ponto de foder com tudo*. Era um pedido válido, afinal.



“Porque nos despedaçamos um pouco
Mas quando eu te pego sozinho é tão simples
Porque, querido, eu sei o que você sabe
Podemos sentir isso”^[7]

Fábio

— Eu prefiro ir de uber. — falou, olhando-me como se não aceitasse outra sugestão. Vi-a então ir até minha irmã e abraçá-la, como se para deixar claro que cuidaria dela.

A amizade das duas sempre foi algo que me marcou. De toda forma, porque a proximidade delas, trouxe alguém novo para minha vida e da minha família. Contudo, nunca imaginei, que olhar para Ane, seria algo que me torturaria.

Eu a desejava, nos pequenos momentos, nos mais discretos detalhes, e ali, era quase impossível não o fazer também. Os cabelos cacheados estavam soltos e desciam por sua pele negra, com os olhos castanho claros, que pareciam ter o seu brilho próprio. Algo na forma como ela revirava os olhos ou me encarava sem qualquer intenção, me mantinha cativo.

Após aqueles beijos, e toda a situação construída ao nosso redor, tornara ainda mais difícil disfarçar o que sentia. Lutava contra aquele sentimento há tempo demais para poder simplesmente fingir que estava tudo bem. No final, não estava.

Porque eu não queria prendê-la. Porque eu não sabia o que de fato era. Porque eu não queria estragar a relação que tínhamos, que eu zelava tanto, apenas por um desejo que acabaria após uma noite.

Eu não estava preparado para perdê-la e não queria. Por aquilo, eram sempre um passo para frente, e três passos para trás. Ela veio até mim, olhando-me de relance, antes de sair pela porta da frente, e me deixar ali, parado, apenas movimentando minha cabeça para vê-la ir. *Por que era*

tão difícil deixá-la ir depois de certo tempo?

— Desde quando? — Gabi perguntou de repente, fazendo-me piscar algumas vezes, e me virar para ela, sem entender.

Notei que ela já sorria e parecia mil vezes melhor do que antes do almoço. De alguma forma, ela parecia estar conseguindo se manter em pé após o baque de ter o coração quebrado.

— Do que está falando, mana? — indaguei, indo para ela, e tocando seus ombros, os quais ela relaxou, e deu-me um sorriso. Mesmo que ainda sem vida, já era um grande avanço.

— Desde quando olha para Ane assim? — perguntou, e eu fiquei em choque, sem saber o que responder. — E antes que tente disfarçar, tá na sua cara. O jeito que olha para ela, parece que... Não quer vê-la ir.

— Sou tão óbvio assim? — rebati, e ela assentiu, dando de ombros.

— Pra mim, você sempre foi. — provocou, encostando a cabeça contra meu peito, e olhando-me de relance. — Vi que estavam mais próximos no meu aniversário, mas mesmo assim... Essa forma que você a olhou parece mais do que amizade.

— Ainda não tenho definição alguma. — rebati, e apertei sua bochecha, fazendo-a se soltar e reclamar do gesto. — Eu só não quero estragar as coisas, e... Não sei explicar, Gabi. Parece simples quando olho

para ela, mas no fundo, ela continua sendo a Ane. Ela continua sendo a menina que conheço há anos e não quero foder com tudo, só porque a desejo.

— Então você a deseja. — sondou, e percebi o quão nada reservado eu o era para com ela. Gabi, por mais que nossa diferença de idade fosse grande, parecia me entender em todos os momentos. — Não fode tudo, por favor. — pediu, suspirando pesadamente. — Eu não vou perguntar a Ane sobre, porque a conheço bem o suficiente para saber que ela não quer se envolver com alguém agora, mas... não saia com o coração fodido como o meu, ok?

Era como um aviso, e eu assenti, mesmo que soubesse, que o coração de nenhum de nós estava em jogo. Ane já estava no meu, desde sempre, porém, em um espaço reservado para as pessoas que eu queria presente em minha vida, nada mais.

Não existia um lugar onde ela poderia se infiltrar e quebrá-lo. Ao menos, eu pensava que não. Éramos conhecidos de longa data, as vezes amigos, mas ali, tínhamos nos tornado uma bagunça de desejo, beijos e negações. Ao menos, as minhas negações.

— Eu vou ficar bem e com o coração intacto. — falei, e beijei sua testa, antes de ela se afastar, e rumar em direção as escadas.

Fiquei ali parado, e peguei meu celular jogado sobre a mesa de jantar, antes de sair, para ir ao trabalho, no qual ficaria preso até tarde. No momento que abri a porta do carro, surpreendi-me ao ver a caixa de morangos ali, e o cheiro dela por todo o ambiente, como se capaz de me desestabilizar.

Aquele cheiro e morangos, eram o ponto fraco sobre ela. Principalmente, por serem a lembrança de que foi onde tudo começou – quando eu passei a desejá-la, cerca de dois anos atrás.

Domingo de manhã, dia de feira. Ao menos, era o dia que consegui fazer. Olhei para os morangos dentro da grande caixa e só conseguia pensar em como Ane amava aquela fruta. Bati em sua porta, sem saber ao certo se ela me mataria por acordá-la as oito da manhã de um domingo, ou se já estaria acordada. Ela morava sozinha há alguns meses, e torcia, para que estivesse de bom humor.

Quando a porta se abriu, e notei que vestia apenas uma grande camiseta de banda, que me recordava de ser minha, em algum momento, fiquei perplexo. Não fiquei preso apenas aos olhos castanhos claros, mas em tudo nela. Algo dentro de mim explodiu, e foi como se os astros se realinhassem, e eu queria, de alguma forma, tirar aquela camiseta, e vasculhar cada pedaço dela que estava por baixo. Ela estaria nua? Merda!

— Sim, roubei sua camiseta da Gabi. — falou, e eu tive que sorrir, enquanto meu corpo todo lutava para não a deixar perceber o quanto a desejava. O que diabos acontecia comigo? — Morangos! — praticamente gritou, e me puxou para dentro do apartamento no segundo seguinte.

Pegou a caixa de minhas mãos e a colocou sobre a mesa, olhando para as frutas por alguns segundos, como se maravilhada. Nunca entenderia como ela sempre adorava e se surpreendia com os morangos que trazia, mas pela primeira vez, eu me sentia maravilhado por olhar para ela.

— Vou passar um café para gente. — falou, e veio até mim, sorrindo de lado, e parecendo tão linda, que me desestabilizava. — Sorte a sua que acordei cedo para terminar um trabalho e não estou de mau humor. — sentenciou, piscando um olho, e me vi segurando contra o sofá, para disfarçar toda a tensão que percorria meu corpo, apenas por olhá-la.

Desde quando cada passo dela era tão sexy há ponto de me torturar por dentro?

Ela então começou a cantar baixinho, enquanto eu me sentava no sofá e pegava o celular na vã tentativa de ignorar os pensamentos nada decentes que se passavam por minha mente. Quando peguei uma almofada e coloquei no colo, o cheiro dela, me atingiu por inteiro. Como se ela cheirasse a lavanda, e de repente, fiquei paralisado. Até mesmo o cheiro

dela me deixava atordado. Merda!

— Parece mais estranho do que sempre hoje. — falou, e só então notei que estava tão próxima, a ponto de seu rosto estar baixo e perto do meu.

Pisquei algumas vezes, encarando-a, e buscando nela a bagunça que existia em mim. Porém, não encontrei. Ela parecia sequer ter noção do inferno que causava. Quando beijou meu rosto e toda minha pele implorou por mais, sorri, tentando disfarçar que queria puxá-la por sobre o sofá e trazê-la para meu colo. Disfarçar que queria aquele gosto como meu.

Eu estava fodido.

— O que está acontecendo com a gente, Ane? — vi-me perguntando para o nada, enquanto minha mente deixava as lembranças se esvaírem. Os beijos me atormentando, o toque dela me perseguindo, seus gemidos me ensurdecendo.

Saí com o carro, colocando uma música que ela sempre escutava quando estava ali comigo, e fiquei preso ao fato de que não era mais como dois anos atrás, mas sim, existia uma reciprocidade no sentimento – aquele desejo que nos arrastava por corredores de uma balada ou por perdermos a cabeça no meu próprio quarto.

Eu sabia, que estava disposto a perder muito mais que a cabeça
junto a ela. *Mas e ela?*

Ane

— *“O jeito que você se move é como uma tempestade*

E eu sou um castelo de cartas

Você é o tipo imprudente que poderá me mandar correndo

Mas eu meio que sei que não vou chegar longe”

Gritei junto a música, enquanto rodava na minha pequena sala de
estar e meu coração todo se perdia por amar tanto aquela canção, a ponto,
de estar presa a olhos negros que não deveriam me atormentar de tal
forma.

“E você estava ali na minha frente apenas

Perto o bastante para tocar

Perto o bastante para esperar que você não pudesse ver

O que eu estava pensando”

Batidas na porta me fizeram parar de cantar e parei a música, para não perder meu momento. Só poderia ser a minha vizinha do lado, que sempre me pedia fermento para alguma receita e eu nunca deixava de emprestar, já que me garantia grandes pedaços de ótimos bolos que ela fazia. Abri a porta, e meu sorriso se foi quando encarei Fábio e uma caixa de morangos enorme.

Aquilo era um deja vu?

— Esqueceu no carro. — falou, e fiquei surpresa por estar ali, àquela hora, cerca de nove de noite, apenas para me trazer. — Fiquei preso até tarde no trabalho, e deixei eles no meu frigobar para não estragarem. — piscou um olho, e me segurei por inteira para não derreter diante daquele olhar.

Inferno de homem que me desestabilizava!

— Entra. — pedi, com toda boa educação que minha mãe dera e torcendo internamente para que ele inventasse alguma desculpa e corresse dali.

Contudo, como sempre, Fábio não facilitava minha vida. Ele entrou

no apartamento tão rápido quanto apareceu ali. E eu foquei em levar a caixa de morangos até a geladeira, e deixá-los lá.

— Estava se exercitando? — perguntou, encostando-se contra meu sofá e pisquei algumas vezes, lembrando-me da roupa que usava.

Um top e uma short de moletom solto. Completamente exposta a ele, e em um ambiente com apenas nós dois, aquilo se tornava aterrorizante. Um: porque eu gostava da sensação de estar exposta para ele. Dois: porque ele estava gostoso demais vestido em um terno sob medida.

A gravata e paletó já não faziam mais parte dele, já que deveria tê-los tirado no exato segundo que terminou o trabalho do dia. Agora, restara-me um vislumbre do executivo sexy que ele era. Camisa azul dobrada até os antebraços e alguns botões abertos, como se para deixar a imaginação todo o caos que seria aquele homem nu. A calça se apertava nos lugares certos, e eu fiquei ali, perdida por alguns segundos, apenas olhando-o, e sem conseguir disfarçar.

— Não me olha assim. — pediu, praticamente em uma ordem, e pisquei algumas vezes, voltando a realidade, e seus passos foram meus. — Não me olha como eu te olho, porque se não...

— Se não o que? — indaguei, no segundo em que seus passos pararam, e ele estava tão próximo, que seu cheiro tomou conta de tudo ao

meu redor. Intoxicando-me.

— Eu vou esquecer todos os porquês de não poder te beijar e esquecer meu nome na sua cama. — sua voz soou baixa e perigosa, e existia tanta sinceridade ali, que eu soube que nós dois estávamos presos a mesma sensação.

— Somos apenas nós aqui. — falei, subindo uma mão por seu peito e meus dedos esbarrando propositalmente contra sua pele exposta. — Não ligo de esquecer meu nome com você.

— Isso é tortura, Ane. — sua mão veio para meu pescoço, puxando-me e segurei um gemido, enquanto ele me analisava como se fosse a coisa mais linda que já colocara os olhos. Tal como, o maldito apelido. E por um momento, o adorei.

— Não se a gente esquecer dos contras. — fiquei na ponta dos pés, e beijei delicadamente seu queixo, ouvindo-o praguejar, e notar seus olhos escuros tão presos aos meus, ao ponto, que eu soube, ele sabia que que desejava aquilo.

— Não posso. — falou, e entendi que talvez, fosse pedir demais. Talvez, ele fosse mais resguardado que eu. E no fim, termos uma noite, estragaria mais do que eu pudesse vislumbrar. Ao menos, Fábio, era a voz da razão ali.

— Quer beber algo? — perguntei, notando a batalha interna que ele travava, e me afastei um passo, enquanto sua mão se soltou de meu pescoço.

Peguei meu vinho na geladeira e o coloquei sobre o balcão, peguei a única taça que eu tinha e raramente usava, e deixei a frente dele. Servi-o uma boa quantidade do líquido, e levei a garrafa a boca, vendo-o sorrir de leve, e notar que de repente, era como se saíssemos do momento: *vamos foder tudo se fodermos*.

Ele bebeu um pouco do vinho, encarando-me, e o lado bom de um balcão, mesmo em um apartamento pequeno, era porque nos separava.

— Deve ter comido na empresa, mas... Tenho miojo. — anunciei, e ele negou com a cabeça, sorrindo.

— Já comi. — falou, bebendo um pouco mais, e me encarando. — Não devia estar bebendo já que estou dirigindo.

— Sempre se pode pegar um uber. — pisquei um olho, fugindo da alternativa de ele dormir ali. *Não queríamos complicar as coisas, certo?* Então, era o melhor caminho a se seguir. — Por que a gente não vê algo? — indaguei, sem saber ao certo porque não queria deixá-lo ir. No fundo, talvez eu realmente não quisesse que ele fosse, e me negasse a admitir em voz alta.

Era tão simples ser sincera. *Por que com ele não o era?*

Suspirei profundamente, sentando-me no sofá de três lugares e único da minha sala, e ele fez o mesmo. Por mais que existisse uma divisão entre nós, ainda assim, estávamos próximos. Ele com sua taça, eu com a garrafa. Coloquei um filme de terror que eu sabia ser o gênero favorito em comum, e foquei em encher sua taça, assim que a via vazia. Enquanto eu, parecia usar a bebida como um escudo para não sentar sobre o seu colo, e ser dele.

Não saberia dizer como fomos parar ali, mas de repente, eu já estava com a cabeça sobre seu ombro, e a garrafa de vinho vazia. Meu corpo se acomodando ao dele, como se pelo medo junto a filme, como a desculpa perfeita.

— Acho que tenho que ir. — falou, assim que as letras miúdas começaram a subir, e seu tom era baixo, a ponto de quase não o ouvir.

Olhei-o, e senti uma de suas mãos em meu rosto.

— Ane...

— Não diz nada. — falei, e apenas uni nossos lábios. O gosto de

vinho na boca dele explodiu na minha, e o gosto apenas dele, era meu novamente. Fiz o que se passara em minha mente por mais de uma hora e meia de filme, e subi sobre seu colo, esquecendo-me de toda a razão que poderíamos ter.

Ele então veio para mim. Suas mãos se espalharam por minha bunda e nuca, devorando-me com a boca, da forma como eu imaginava nos meus sonhos perdidos na noite com ele. Não queria pensar no depois. Não queria pensar no que aconteceria. Queria o agora. O queria.

Suas mãos espalhadas por meus cabelos, enquanto o pouco de roupa que eu vestia era jogada para os lados. Minhas mãos arrebatando todos os botões de sua camisa social, enquanto sua boca me devorava. Briguei com seu cinto, e seu sorriso me desestabilizou, no segundo em que notou que era uma briga em que perdia. Em um segundo, ele desceu as mãos a cintura e tirou o cinto, abrindo a calça social, onde ficava mais do que claro o seu desejo, e eu não pude evitar tocá-lo.

— Porra. — falou, e puxou-me pela nuca, beijando-me novamente. Senti a parede do corredor as minhas costas, enquanto as mãos dele castigavam meu corpo, apenas coberto pela calcinha. — Sabe como foi te imaginar exatamente assim? — perguntou baixo e perigoso, prendendo-me contra a parede com uma mão em meu pescoço, enquanto o olhar negro de espalhava por tudo de mim. — Você gosta da dor.

Assenti, e desci a boca para morder sua mão, o que o fez quase rugir, e me soltar, trazendo-me para seu colo.

— Feita para mim, porra. — soltou baixo, quase em um sussurro, no segundo em que finalmente senti a cama a minhas costas. De repente, era como se ele conhecesse minha casa melhor do que eu mesma. Como se ele tomasse conta de tudo ao redor. Se o quarto queimava, eu não tinha certeza, mas com toda certeza, cada pequeno pedaço de pele exposto meu, queimava por ele.

— Vem cá. — pedi, puxando-o com as unhas cravadas em suas costas, e sentindo seu corpo quase nu sobre o meu, e cada parte de mim, necessitada por mais. — Se não tirar essa calcinha de mim agora...

Ele então a arrebentou contra minha pele, fazendo-me gemer, e esqueci até mesmo como se respirava por um segundo. Sexy como o inferno. Era a personificação do pecado sobre mim, olhando-me como sua próxima vítima. No momento em que seus lábios vieram novamente para os meus, não sei o que me ocorreu, mas eu só consegui pensar que ele era meu. Aquele corpo. Aqueles lábios. Aquele toque.

Sua boca se espalhou por cada limite meu, fazendo-me gemer seu nome, ao mesmo tempo, que tentava colocar meus pensamentos nada coerentes e meu coração fora da jogada. Contudo, no momento em que ele se apossou de mim, foi como se meu corpo todo entendesse, que era

exatamente ali que eu deveria estar – com ele.

A sensação se tornou tão esmagadora, que apenas consegui me concentrar no prazer. A cada encontro de nossos corpos, as palavras sujas sendo sussurradas contra minha orelha... A cada encontro com seu olhar, e sua boca me enlouquecendo, eu soube que não era apenas uma noite. Ao menos, não para mim.

Eu pedi por aquilo, e eu transbordava no prazer, em cada ponto que ele me tocava. Tendo tudo de mim, completamente entregue e desesperado por ele. Quando a sensação se tornou demais, minhas unhas se arrastaram por suas costas, e eu não sabia se o fazia apenas pelo prazer, ou se porque queria marca-lo tanto quanto o fazia comigo.

Soube que era demais para suportar, no momento em que ele se entregou ao prazer, e me encarou como se fosse de fato a coisa mais linda que já colocara os olhos. *Eu o era?*

— Coisa linda... — soltou, como se aquela intimidade fosse real. Como se algo naquela noite tão incerta e inesperada, fosse certo. Seus lábios vieram para os meus, e eu apenas o beijei, deixando minhas palavras desconexas presas em meu pensamento. *O que eu poderia dizer?*

De alguma forma, era como se sentisse que o entregara muito mais do que meu prazer naquela noite.



“Tudo não parecia novo e excitante?

Eu senti seus braços se contorcendo em minhas costas

Eu deveria ter dormido com um olho aberto à noite”^[8]

Ane

Virei-me na cama, sentindo o outro lado frio, enquanto minha mente explodiu com as lembranças de tudo que acontecera na noite anterior e boa parte da madrugada também. Respirei fundo uma e duas vezes, antes de ter a coragem de levantar. Não sabia se ele ainda estaria ali.

Não sabia de fato o que esperar.

Contudo, minha mente estava perdida por ele e eu soube, que além do meu corpo, descobri que meu coração batia freneticamente, apenas pela expectativa de vê-lo. Nunca pensei que chegaria aquele ponto, ou se ele fora o suficiente, mas sabia, que existia mais de desejo em mim. E eu não queria admitir. E eu não queria entender.

O que eu poderia fazer a respeito?

— Já estou indo trabalhar.

Ouvi sua voz e todo meu corpo tremeu, como se na expectativa de vê-lo novamente. Senti-me vulnerável, e aquela sensação me desordenara por completo. Dei passos leve em direção a sua voz, e meu coração parecia quase na boca, a cada momento em que tinha um vislumbre melhor dele. Agora parado, perto da minha janela, com o celular nas mãos. Mãos que estiveram sobre cada parte de mim e deixaram marcas suficientes para tê-lo em mim, por toda a vida.

Merda, eu tinha me ferrado por completo!

— Eu sei que não dormi aí como prometi. — soltou o ar com força e não soube dizer porquê, mas me mantive parada no corredor, apenas o encarando de longe, sem me fazer presente. — Eu bebi bastante na noite passada e acabei dormindo na casa de uma amiga, foi isso.

Engoli em seco e meu coração sofreu o solavanco.

A bebida como o cerne entre nós. A bebida como a razão entre nós.

Mas que merda!

— Gabi, eu não estou com Ane. — rebateu ao telefone, e engoli em seco, mais uma vez, sentindo todo meu coração afundar e raiva se alastrar por cada parte de meu corpo. — Eu não vou estar com Ane, e você, vá dormir. — fechei os olhos, ao ouvir as palavras sussurradas e me segurei para não desabar.

Desgraçado!

Voltei para meu quarto de imediato, sem precisar ouvir mais nada, e sem querer ouvir. Não que eu esperasse contar tudo abertamente assim para a irmã dele, porém, odiava mentiras. E ele sabia, o quanto Gabi as odiava também. Mas ali estava ele, apenas após foder muito mais que o meu corpo, mentindo abertamente e completamente lúcido, importante ressaltar, para a irmã dele. *A questão era: o que mais ele poderia estar mentindo?*

Troquei-me na velocidade da luz, enquanto pegava minha mochila de sempre para a faculdade. Teria apenas uma aula naquela manhã, mas o projeto seria a tarde toda. Usaria aquilo para me manter ocupada e deixar minha mente esvair cada lembrança dele de mim. *Inferno!*

No segundo em que cheguei à sala, ele mexia em algo na geladeira, e quando me encarou, soube que era o mesmo olhar de culpa que me entregou após nossos beijos.

— Pode deixar a chave extra com a minha vizinha do 102. — falei, e apenas lhe dei as costas, saindo de casa. O meu corpo todo sentindo o prazer colocado sobre ele a noite toda se transformando em dor. Aquela merda era demais para mim.

Quando o elevador se fechou e tive o vislumbre dele, na porta de minha casa, como se pensando em me parar, sabia que ali estava ele: Fábio, o bom mocinho. No caso, eu não queria ouvir desculpas ou sinto muito. *Seria tão mais fácil ser sincero, não? Seria tão mais fácil apenas me dizer que foi uma noite e pronto?* Mas ter que ouvi-lo usar a bebida e mentir abertamente para sua irmã, olhando-me com a culpa de sempre nos olhos, antes de alguma merda vir, era demais.

Poderia não ser antes, mas no agora, o era.

Porquê de alguma forma inevitável e ridícula, eu gostava dele. Gostava além do que entendia antes de tê-lo em mim. Gostava mais do que um dia fiz com outro alguém. E por aquilo, cada palavra dele, se arrastava como brasa em meu interior. Porque era ele, e ninguém mais. Era ele que me deixava vulnerável. Era ele, o único capaz, de me desestabilizar. E o fizera, da pior maneira possível.

E eu me odiei, naquele instante, por lhe dar, inconscientemente, o poder de me quebrar. E eu tentei odiá-lo, não apenas por ser o homem que fazia aquilo, mas também, por ser covarde.



Ligações perdidas, e eu poderia jurar, que ele estaria novamente no estacionamento da faculdade. Foquei em apenas desligar a internet do celular e me concentrar no que tinha para fazer. Fábio e todo seu drama, que me envolvia, não eram o meu foco.

Juntei minhas coisas e aceitei a carona de uma colega, o que me livrava, de quem sabe, esbarrar com ele por ali. *Ele não se cansava daquele joguinho?* Porque, em pouco tempo, eu já estava exausta. Uma chamada de Gabi, e atendi, no segundo em que saí do carro e já adentrava meu prédio.

— *Liberada ou não?* — *perguntou de imediato, e eu sorri sozinha.*

— *Vamos passar à próxima semana no interior.* — rebati e ela deu

um grito ao fundo. — Só preciso fazer minha mala, e você me avisar quando vamos.

— *Amanhã bem cedo. — respondeu, e pareceu mais animada do que nunca. — Quero me jogar naquele lago e esquecer toda essa merda.*

— E eu vou me jogar no lago com você. — suspirei profundamente, colocando a chave na fechadura da minha porta. — E antes que a detetive Gabi surja, eu estou bem! Só foi um dia cansativo.

— *Por que eu acho que meu irmão está mentindo e você tem algo a ver com isso? — indagou e eu me vi negando com a cabeça, como se ela estivesse ali.*

— Podemos falar disso amanhã? — perguntei, sem forças para falar daquela noite e muito menos, sobre como me sentia. — Preciso de um banho quente e dormir.

— *Eu vou fazer o mesmo, mas... Seja o que for, sabe que pode gritar, né?*

— Sempre. — rebati, e sorri sozinha, assim que adentrei meu apartamento e fechei a porta novamente. — Te mando mensagem já já.

— *Só aceito vídeos de gatinhos fofos para eu rir. — praticamente sentenciou e eu ri. Apenas Gabi para me fazer lembrar da minha paixão por animais, os quais teria aos montes, se não vivesse na correria e em um*

apartamento tão pequeno. — Te amo, irmã.

— Eu também. — falei, desfazendo a ligação. No segundo em que fui jogar o celular em direção ao sofá, paralisei com ele, ao ver Fábio sentado ali.

Ele parecia péssimo. E eu, fiquei perplexa, por ele ainda estar ali. Franzi o cenho, e vi-me abrindo a porta novamente, sem pensar duas vezes. Fábio se levantou e tentou vir até mim, mas fiz um claro sinal com a mão que nem tentasse.

— O que está fazendo aqui? — indaguei, e seu semblante caiu, como se não esperasse por aquilo. — Antes que comece algum discurso sobre sinto muito ou blá blá blá, eu ouvi sua conversa com Gabi de manhã. — falei e ele abriu a boca, mas pareceu se calar no segundo seguinte, e eu, não lhe dei tempo para ter algo a dizer. — Não quero saber e não quero entender, pra ser sincera. Não gosto de mentiras e muito menos desse drama todo.

— Ane, o que eu disse foi porquê...

— Porque é covarde! — soltei com força, sem conseguir me segurar. Por que o faria? Ele já tinha ultrapassado todas as linhas. — Culpendo a bebida três vezes, já até pode pedir música no fantástico — sorri sem vontade e fugi de seu olhar. Se tivesse que ouvi-lo falar sobre a

bebida e culpa novamente, me deixaria ainda mais machucada. O melhor era eu colocar um ponto final. — Estou cansada e quero dormir, não tenho tempo para perder falando sobre a nossa foda... Então, vamos culpar a bebida e vida que segue.

— Ane...

— Boa noite, Fábio! — mantive a porta aberta, e não lhe dei a chance de dizer nada. Enquanto, eu segurava as lágrimas, que nem sabia de onde vinham.

— Ainda vamos conversar. — sua voz soou baixa, assim que parou ao meu lado, e me neguei a olhá-lo. — Boa noite, Ane.

Quis mandá-lo ao inferno, mas me segurei, fechando a porta, e me negando a olhá-lo enquanto caminhava pelo corredor do meu prédio. Assim que a fechei, encostei-me contra a mesma, e soltei o ar que mal sabia que segurava. Uma lágrima desceu, e odiei por me sentir fraca de tal forma. *Por que ele me causava tudo aquilo?*

Porque não é só desejo, a resposta veio cortante, assim como, me atingira, durante aquela madrugada. Eu estava apaixonada pelo irmão mais velho da minha melhor amiga.

Fábio

— Merda! — falei para o nada, enquanto segurava o volante do carro com força.

Passara o dia em sua casa, após vê-la sair de forma tão fria. Trabalhara dali, sem saber ao certo o que esperar, e porque simplesmente não ia embora. Ane pareceu me prender a si, e ao seu lugar, sem ter a mínima ideia. Não esperara porque sentia muito ou queria me desculpar. A realidade era que: eu sequer sabia o porquê.

A nossa noite girava em minha mente, como em uma retrospectiva de que eu apenas queria mais. Queria descobrir o que era me sentir daquela forma com ela. Porque nunca, em meus vinte e seis anos, senti-me de tal maneira. Um toque dela, e ela me encantava, como uma sereia.

Contudo, a entrega que ela me deu, mostrou que existia muito mais do outro lado. Existia mais do que o sexo em si. Existia mais do que o desejo que eu jurei ser a única causa de me sentir de tal forma perto dela. Existia mais do que o sentimento de carinho que guardara por ela em todos aqueles anos. Existia nós.

Em um panorama que eu apenas tentei evitar e tentei me conter —

existia nós. Existiam aqueles cachos perdidos em meus dedos durante uma noite insone. Existia a forma como seu corpo se encaixava perfeitamente com o meu, enquanto a assistia dormir tranquilamente em seu sono. Eu só queria poder mostrar-lhe que não fora porque não a queria ou porque agiria como um babaca novamente, mas sim, porque não queria a interferência de ninguém mais sobre.

Eu sequer sabia o que explicar para Gabi e optei pela saída mais fácil – mentir.

— Merda! — reclamei novamente, odiando-me por não ter usado a cabeça de fato, e ter deixado as coisas tão pessimamente entendidas daquela maneira.

Ane merecia mais do que aquilo. E eu sabia, que se olhasse para a retrospectiva daqueles últimos dias, eu apenas tinha sido péssimo para com ela. Ela não precisava me dizer, estava claro em seu semblante e na forma como sempre tinha uma resposta pronta na ponta da língua. Olhei para o banco vazio do carona, e fora como vislumbrar ela exatamente ali, ao meu lado. Sabia que ela não iria me ouvir, porque conhecia-a bem demais para simplesmente voltar lá e tentar colocar a porta abaixo. Eu estava errado e precisava esperar. Eu estava errado e precisava consertar aquilo. *O que eu faria?*



“E eu não consigo acreditar em mais nada agora

E está vindo sobre você como se tudo fosse um grande erro”^[9]

Ane

— Eu estou levando o repelente. — falei para minha mãe, enquanto ela praticamente me listava tudo que eu deveria levar para a fazenda dos Moraes, no interior, mesmo que eu já fosse adulta. Dona Leila nunca mudava. — E vai ser apenas eu e Gabi, então...

— *Você vai me mandando mensagem.* — *falou, praticamente*

ordenando, e eu tive que sorrir, enquanto adentrava a estradinha de pedras que dava para a grande porta da entrada da casa dos pais de minha melhor amiga. — Parece que ainda são aquelas meninas de quinze anos, que faziam festas no interior.

— Já somos maiores de idade e, como sempre, vamos festar apenas nós. — rebati, e pude ouvi-la praguejar ao fundo. — Eu acabei de chegar aqui, peço para Gabi te ligar do meu celular quando passarmos a primeira cidade, ok?

— Se cuide, Ane, do jeito que...

— A senhora me cuidaria, eu sei. — meu coração ficou quentinho, apenas por ouvir aquilo, a forma como ela sempre me ensinou a ser, complementando a frase que se tornou nossa, quando eu ainda tinha apenas cinco anos.

Ela então desfez a ligação, fazendo-me sorrir sozinha. Ela me lembrava Fábio quando fazia tal coisa. Quando o assunto acabava e nada mais precisava ser dito, eles agiam da mesma maneira. Sem “tchau” ou “até logo”, apenas um desligar.

Pare de pensar nele! Falei para mim mesma, enquanto abria a porta da casa de Gabi, e que conseqüentemente, fora a de Fábio por muitos anos. Como era um dia de semana, as chances de encontrá-lo ali eram

praticamente nulas. Não queria aquele embate entre nós, nem mais nada. Era um sentimento conflitante, que não estava pronta para enfrentar de fato.

— Eu tentei fazer uma mala pequena. — Gabi gritou do topo da escada, fazendo-me revirar os olhos, enquanto apenas segurava minha mala de mão pequena e uma mochila nas costas. Ela descia com uma mala enorme de viagem, e não parecia que passaríamos apenas uma semana fora. — Mas eu fui vendo vestidos e quando vi...

— Um look para cada dia nos próximos cinco anos. — provoquei, e ela tirou a pantufa que usava e jogou em minha direção, fazendo-me rir no meio da sala de estar, sem sequer desviar. Porque no final, não existia chance de ela me acertar. — Péssima.

— Você! — rebateu, e quando finalmente se aproximou, notei as olheiras e o rosto inchado. Com toda certeza, por mais que ela tentasse, ainda estava sendo mais difícil do que qualquer coisa, enfrentar tal rejeição. — Aliás, eu não consegui dizer não.

— Do que estamos falando agora? — perguntei, enquanto ela me abraçava levemente, e se afastou no segundo seguinte. Ela me olhou parecendo pensar sobre e não querendo falar. — Gabi...

— Você ia me contar o que houve entre vocês, mas... Fábio vai nos

levar. — comentou, e eu pisquei algumas vezes, incrédula. — Por favor, não me odeie por isso.

— Não me vem com essa cara de gato de botas, fanfiquera. — cutuquei sua barriga, e ela sorriu abertamente, como se esperando que eu não a matasse. — Não estranhe ou pergunte algo, então, certo?

— Sim senhora! — fez um sinal como se batesse continência, e eu revirei os olhos. — Ele já está com o carro na rua, não sei como não o viu...

— Eu sequer me atentei. — rebati, e ela me olhou, mordendo o lábio, como se receosa. — Tá tudo bem, ok?

— Jura mesmo? — perguntou, e eu a olhei como se fosse apenas a minha maior pedra no caminho. — Ok, não me responde sinceramente.

— Não vou. — pisquei um olho, e sorri, tentando não a deixar preocupada com aquilo. No caso, apenas eu poderia me preocupar. — Mas vai ter que fazer meu bolo de chocolate favorito. — praticamente ordenei, e ela bateu palmas, sorrindo.

— É fácil te comprar. — provocou, e eu esbarrei com o ombro no dela, quando estávamos já quase do lado de fora.

— Não conte a ninguém. — falei, piscando um olho para a ela, que me entendia por completo.

Quando virei meu olhar, para o final do caminho de pedras pelo qual passei minutos antes, olhos negros me aguardavam. Era como se ele estivesse me esperando bem ali, e sua boca, mesmo fechada, parecia ter muito o que falar. O seu olhar também me dizia aquilo. Era claro como água, assim como era um fato a forma como ele me tratou. *Por que eu me prendia aquilo?*

— Bom dia, meninas. — falou, em um tom mais baixo que o natural, e seu sorriso sempre presente, parecia perdido.

Ele me descontruía ao me desolar após ter aquele corpo como meu.

Eu o descontruía ao lhe tirar o sorriso que praticamente o moldava.

Forcei um sorriso, sem conseguir dizer nada, e apenas os segui em direção a carro. O silêncio fora tamanho que tentei acreditar que era por ser sete da manhã, e não por ser um péssimo dia para nós dois estarmos frente a frente. As malas foram colocadas no porta-malas, e abri a porta do banco de trás, pensando que fugiria de qualquer trapa que Gabi pudesse fazer.

— Eu preciso dormir. — ela falou, fazendo minha mão parar na maçaneta, e olhei-a de forma tão mortal, que com toda certeza, se não a amasse, a odiaria bem ali. — Não consegui pregar o olho. Juro que não é algo que estou forçando. — sussurrou apenas para que eu ouvisse, enquanto seu irmão ainda estava terminando de ajeitar as malas no porta-

malas, e eu assenti, sabendo que ela, melhor do que ninguém, sabia que não aceitava mentiras.

Abri a porta para ela, que entrou, com sua manta nas mãos e praticamente se jogando contra um travesseiro que estava ali. O qual, acreditava que Fábio deveria ter descido mais cedo. Sentei-me no banco do carona, passando o cinto de segurança de imediato, como se ele fosse me proteger do homem que se sentava ao meu lado naquele exato momento.

— Coloca Taylor pra gente. — Gabi pediu, parecendo já bêbada de sono, e eu ri, levando a mão até o som do carro no mesmo instante.

No segundo seguinte, os dedos de Fábio se encontraram com os meus, e o choque fora instantâneo. Seu olhar parou no meu, e ficamos assim, por alguns segundos, como se não pudéssemos fugir. Suspirei profundamente, e tirei minha mão da dele, permitindo que ele fizesse o movimento.

— Desculpe. — falou, e apenas fechei os olhos, sabendo que não queria ouvir aquilo. Se ouvisse qualquer outro pedido de desculpas vindo dele, talvez explodisse. No fato de que eu não queria mais nos ver na mesma situação.

— Tá tudo bem. — soltei com os olhos fechados, e me encostando contra o vidro.

A música então finalmente começou e tentei focar apenas na melodia, enquanto minha mente estava perdida. O problema de tudo aquilo era que ela poderia ser encontrada justamente, ao meu lado.



— Ei!

Pisquei algumas vezes, acostumando-me com o fato de que tinha caído no sono. No caso, não poderia reclamar, porque por alguns bons minutos, eu apenas tinha saído da realidade e focado em um sonho aleatório em que vivia uma belíssima novela turca com Kerem Bursin de protagonista.

— Acordei. — falei, bocejando e me espreguiçando levemente. Quando olhei pela janela, e notei a parada, que geralmente fazíamos durante aquela mini viagem de algumas horas, soube porque fui despertada.

— Tentei acordar Gabi, mas ela apagou de vez, e acho que depois

de tudo...

— Deixa ela dormir. — complementei, e Fábio assentiu, abrindo a porta do carro, e saindo do veículo. Suspirei profundamente, e abri a porta também, apenas para esticar minhas pernas. Fiz um leve alongamento, com um olho preso no carro, no qual Gabi dormia.

— Eu só vou comprar um café. — falou, e eu assenti, sem olhá-lo, focando em alongar meu pescoço. — Ane?

— Sim? — perguntei, sem procurar seus olhos, ou melhor, evitando encontrá-los.

— Você... Você quer algo? — neguei de imediato com a cabeça, e pude senti-lo se afastar, como se apenas sua presença fosse o bastante para deixar todo o ambiente carregado.

Eu não poderia começar a esquecer o que acontecera entre nós?

Eu estava apaixonada por ele, mas antes daquilo, nós éramos algo. Por mais que eu sempre evitasse, eu sabia que sempre fomos. Lutei, evitei e desviei de cada afirmação a respeito, para estar ali, sem saber como agir a frente dele, porquê de repente, parecíamos estranhos.

Peguei o celular no bolso traseiro da calça e mandei uma mensagem para minha mãe, avisando onde estava e tentei não pensar tanto a respeito. Menos de cinco minutos depois, notei-o sair de dentro da

conveniência, e a cada passo que dava para perto de mim, meu coração parecia querer falhar uma batida.

Era aquilo estar apaixonada?

A sensação sufocante de não saber onde diabos o seu coração vai parar diante um pensamento, ou até mesmo, à frente da pessoa para a qual ele decidiu se entregar?

— Sei que não queria nada, mas como ainda temos boas horas... — entregou-me um energético, do meu sabor e marca favoritos, fazendo-me apenas assentir, e tentar não pensar tanto.

Eu poderia apenas ignorar os pequenos detalhes sobre nós, porém, de repente, eles se tornaram o foco. Era como se pela primeira vez, em meio ao mar de bagunça que chegamos, e diante da covardia dele, eu me sentisse pronta para nos ver de outra percepção. *Eu estava atrasada, não era?*

— Obrigada. — falei, olhando-o, no segundo em que ele abriu a porta do carona para mim. *Por que ele não poderia apenas ser um imbecil? Tinha mesmo que ser o imbecil arrependido?*

No segundo em que ele entrou no veículo, e Gabi praticamente roncava no banco de trás, Style começou a tocar. Fiquei presa à música, que sempre me recordava dele, e de repente, parecia a trilha sonora perfeita

para nós.

“Então assim vai

Ele não consegue ficar com seus olhos selvagens na estrada

Leva-me para casa

As luzes apagadas, ele está tirando o seu casaco”

Fechei os olhos, com a cabeça encostada contra a janela e tentando, novamente, esquecer que os motivos daquela confusão de sentimentos, estava bem ali, com o olhar perdido na estrada. Porém, apenas consegui me lembrar de como era aquele olhar perdido sobre todo meu corpo.

Seria uma longa viagem...



— Eu nem acredito que dormi tanto. — Gabi falou, jogando-se

contra o sofá, e eu revirei os olhos, segurando-me para não jogar uma almofada na sua cara.

— Eu só cochilei um pouco, por isso vou subir, tomar um banho quente e já colocar uma roupa quente. — rebati, piscando um olho para ela, e jogando minha mochila nas costas, enquanto carregava a mala de mão em direção as escadas.

— Eu acho que vou continuar um pouco mais de sono aqui...

— Aproveita porque mais tarde vamos ver o lago, e amanhã a noite vamos para o bar...

— Sofrer com sertanejo...

— E caubóis. — complementei, e ouvi sua risada, enquanto eu já subia o primeiro degrau.

— Eu te ajudo. — Fábio falou, apenas pegando a mala de minha mão, e subiu as escadas com a mesma, sem me dar tempo de ter qualquer reação.

Quando finalmente cheguei no corredor, ele esperava com a mala ao seu lado, enquanto a mochila dele estava jogada em suas costas.

— Obrigada, eu acho. — falei, indo até a mala, e no segundo que a puxaria, ele a travou com o pé, fazendo-me encará-lo.

— Não suporto essa situação, Ane.

Respirei profundamente, encarando-o, sabendo que não tinha como simplesmente fugir.

— Não precisava vir com a gente até aqui, só porque fez uma situação sobre isso. — rebati, e puxei a mala em minha direção. — O que quer que diga? Como quer que eu aja?

— Eu sei que detesta mentira, e eu sei que... *Porra!* Eu fiz merda atrás de merda com você nesses últimos tempos. Agi como um adolescente assustado e...

— Vai me dizer que é por minha culpa que te confundi ao te agarrar ou culpa da bebida?

— Vou te dizer que fui covarde. — admitiu, acertando-me em cheio com tamanha honestidade. Depois do que acontecera no dia anterior, não esperava, de fato aquilo. Nem sabia o que esperar. — Eu olho para você e eu não consigo pensar em outra coisa que não seja te trazer para mim. — pisquei algumas vezes, incrédula. — O que eu sinto por você mudou, de tantas formas que... Estou assustado para caralho, mas eu não vou mentir ou fugir... Eu quero você.

Suspirei pesadamente algumas vezes, tentando me equilibrar diante de cada palavra. *O que eu poderia responder? Eu conseguiria responder?* De todos os cenários que nos coloquei durante a noite insone que tive, em

nenhum deles, me coloquei na situação em que ele me diria tal coisa.

— Eu resolvi escolher a cama. — a voz de Gabi invadiu o ambiente, e agradei internamente pelo *time* perfeito de minha melhor amiga.

Desviei do olhar de Fábio e apenas rumei em direção ao quarto que sempre fora meu naquela antiga fazenda que pertencia a eles. Sabia que o olhar dele me acompanhou, como se em busca de respostas, porém, apenas lhe ofereci o silêncio.

Eu estava fugindo dele. Estava fugindo daquela declaração inesperada, que sequer poderia considerar. *Ou poderia?* Estava fugindo da mesma maneira que ele o fez por todos aqueles dias.

De repente, era como o ditado popular dizia: *chumbo trocado não dói*. Talvez doesse, porém, pela primeira vez, não era eu a pessoa ferida.



“Uma simples complicação, falhas de comunicação

Levou à precipitação

Muitas coisas que eu queria que você soubesse

Tantos muros construídos que não consigo quebrar”^[10]

Ane

— Uma hora passa. — Gabi falou, enquanto olhávamos em direção ao lago. Ela segurava a corrente pendurada em seu pescoço, como se longe dali. — Uma hora, eu sei que vai passar.

— Sabe que nenhum homem, nem ninguém define sua felicidade, certo? — perguntei, e seu olhar parou em mim. — Eu te disse antes de tudo isso, que estava abrindo mão de si por ele. A questão é que ninguém, mesmo que ele não tivesse feito essa merda toda, merece isso. Antes de tudo, você é você.

— Fui cega. — admitiu, deixando uma lágrima descer, e passei um braço sobre seu ombro, trazendo-a para perto. — Acho que vi apenas o que queria, e agora...

— Agora vai sofrer enquanto a gente dança e come muito bem. — complementei, levando uma mão ao seu rosto e secando uma das lágrimas.

— Obrigada por fugir comigo por esses dias. — falou, e eu sorri, como quem dizia: sempre. Nós duas sempre estaríamos ali uma pela outra. Se existia uma certeza além na minha vida, era que Gabi, era minha irmã. — Mas não vai fugir de me contar o que houve, e porque Fábio está pisando em ovos com você. — soltou, e eu soube, que por mais que evitasse aquele assunto, eu não poderia fugir. — Ele sempre te provocou ou se provocaram, mas agora... Parecem estranhos.

— A gente transou e no dia seguinte, ouvi ele dizendo para você que não estava comigo. — falei de uma vez, como se para não ter que voltar naquilo. Eu era direta demais para dar voltas, ainda mais, para com ela.

— Puta que...

— Não quero que tome partido ou ache que tem alguma dor para tomar. — falei, antes que ela pudesse querer me defender com unhas e dentes. — O único real problema disso tudo é que eu odeio mentira, e você sabe disso.

— Fábio também sabe. — levou as mãos ao rosto, parecendo incrédula. — Ele... *Meu Deus, Fabinho!*

— Ele tentou se explicar e tudo mais, mas você me conhece e eu não gosto desse drama. Não quero um namoro ou casamento, não quero...

— Está apaixonada por ele? — cortou-me, acertando-me em cheio, por entender que ela me conhecia bem o bastante, para fazer a pergunta que ninguém mais faria.

— É mais complicado que isso, Gabi. — fugi da real resposta, assim como, via-me fugindo daquele sentimento.

— Você está. — praticamente concluiu, e eu não pude negar, porque como ela sabia, eu não mentiria. — O que eu posso fazer? Eu... Eu notei como ele te olha diferente, naquele almoço em casa, e até disse para ele sobre. Por isso liguei naquela manhã, porque pensei que ele estava com você.

— Ele estava, mas agiu como um babaca. — falei, sem querer

entrar nos reais detalhes.

— Por isso ele parece tão receoso... — suspirou profundamente. — Sabe que eu não vou me meter, porque eu sei que você não gosta que eu interfira, mas...

— Mas eu tô bem, e isso que importa. — falei, e sorri para ela. — Agora, por que a gente não volta para casa e te ajudo a fazer um bolo de chocolate? — indaguei, e ela me olhou como se desconfiada.

— Como sempre, fugindo de falar dos seus sentimentos e problemas. — empurrou meu ombro e eu sorri, sem poder negar. — Mas eu vou fazer o seu bolo favorito, e você um suco de maracujá.

— Perfeito para gente começar nossa semana aqui.

Levantei-me com ela, e no momento em que dei um passo para frente, notei que Fábio caminhava em nossa direção. Apenas pela forma como meu corpo reagiu, e por como minha mente se embaralhou, soube que não poderia mais me arriscar. Não com ele.

— Eu vou adiantando o bolo e... Você! — apontou para Fábio. — Se fizer outra merda, esqueça que sou sua irmã! — olhei-a incrédula, e ela piscou um olho em minha direção. — Você, me dê alguns minutos sozinha voltando para casa.

— Golpe baixo. — rebati, e ela sorriu, dando passos largos em

direção do caminho que fizemos até ali, minutos antes. Já era tarde da noite, mas como sempre, as luzes pontuais espalhadas pela enorme fazenda e as próprias estrelas, eram capazes de nos dar luminosidade suficiente. Caso não o fossem, a lanterna do celular sempre estaria a postos.

— Ela é sutil. — Fábio falou, parando a cerca de três passos de mim, enquanto eu apenas permaneci no lugar, cruzando meus braços. — Sei que não quer conversar ou me ouvir, Ane.

— Não quero que a gente confunda mais as coisas. — soltei, sabendo que aquela mistura que fizemos, acabara por me deixar afoita e ansiosa.

Não gostava da sensação. Eu estava apaixonada por ele, mas se fosse por minha escolha, queria não estar. *Poderia eu, ser uma exceção do romance? Poderia eu, apenas me apaixonar por outro, certo? Ou quem sabe, apenas me desapaixonar por ele?*

— Eu fodi tudo, eu sei. — olhou-me profundamente, e eu quis fugir, mas não consegui. — Você é parte da minha vida, desde que olho para trás. Sei que pode querer não me entender, e eu fiz muito para que não quisesse, mas eu... Eu tô aqui perdido também. Eu só... Eu só não quero te perder.

Suas palavras eram profundas, de forma que me atingiam em cheio.

Sabia que eu entendia perfeitamente o que ele me causava, mas olhando-o, era claro que estava apenas confuso. Não poderia lhe dar outra chance de me tocar, para que no fim, descobríssemos que era apenas desejo. Me quebraria. E eu, acima de tudo, não lhe daria tal poder novamente. Porque sã do que sentia, seria apenas burrice. Além de tudo, eu não queria ele fora da minha vida. A controversa era assustadora.

— Podemos só fingir que a nossa noite não existiu, então? — perguntei, e ele abriu a boca para responder de imediato. Vi-me levando uma mão a sua boca, e o calando de imediato com meu toque. Aquele simples movimento, fazendo-me querer mais. — Não sabe o que sente, e eu... Não quero um relacionamento, Fábio.

— Ane...

— Podemos esquecer isso e voltarmos apenas a ser a gente, sempre funcionou. — falei, engolindo meu próprio coração e retirando minha mão de seus lábios. Vi-me sorrindo, e tentando colocar ali, alguma verdade. Eu estava sendo a hipocrisia em pessoa. — Não mentimos um para o outro, certo?

Estendi-lhe minha mão, e notei a forma como seu olhar se desviou de minha boca para ela, no segundo seguinte. Ele assentiu, e sorriu em minha direção.

— A gente se provoca, discute, debocha... — apertou minha mão, puxando-me levemente para si, como se para me girar, e eu fui, sem conseguir me conter. — E eu te mimo, do jeito que você diz odiar.

— Geralmente, eu odeio. — assumi, e senti-me presa a si, enquanto ele desceu os lábios para minha bochecha, e me deu um leve beijo bem ali.

— Não quero te magoar, nunca mais. — falou, e eu assenti, notando o quão sério estava sobre aquilo. Então, para me proteger, exatamente daquilo, era melhor enterrar o sentimento. Em algum momento, ele passaria, assim como, se transformou naqueles anos todos, em que o conhecia.

Empurrei-o, do jeito que sempre fazia, procurando meu espaço, e ali, buscando minha sanidade fora de sua presença. Ele sorriu, e veio novamente para mim, tentando passar um braço ao redor do meu ombro. Encarei o lago, com ele ao meu lado, e todo meu coração imerso no sentimento que parecia tão vivo, que ele não precisava perguntar, para saber. Contudo, agradei internamente, por ele não ter ideia e talvez, nunca de fato compreender por completo.

— Foi aqui que a gente conversou sozinhos pela primeira vez, há muitos anos... — falou, e pisquei algumas vezes, virando-me para encará-lo. — Você devia ter o que? Dez anos?

— Gabi sempre estava comigo, então... — sorri, tentando fisgar na memória. Contudo, fora fácil, porque, sabia que foi a primeira vez, que rejeitei o abraço de alguém, ao meu redor, e a pessoa não me odiou.

Eu sempre fora cuidadosa ao extremo, com todos que se aproximavam de mim, e com Fábio, não foi diferente. Porém, a forma como ele reagia, a cada pequeno detalhe meu, fez com que a cada momento, minha armadura tivesse uma rachadura. Era engraçado pensar, que desde criança, ele o fazia.

— Eu te empurrei e você apenas riu, e disse que um dia, eu ia implorar para te abraçar. — neguei com a cabeça, sabendo que a pequena Ane, assim como eu, não eram pessoas que imploraram. A não ser, a algo superior. — E até hoje... — empurrei seu abraço, e ele sorriu abertamente, sabendo o que aquilo significava.

— Algumas coisas nunca mudam, coisa linda. — falou, e eu tive que concordar.

Ao mesmo tempo que sabia, que algumas outras coisas, se modificavam por completo. Como o meu sentimento por ele. Como a noite que eu não poderia esquecer, mesmo que quisesse. Porém, não era o suficiente para encarar o amor.

Eu sabia que não estava preparada. Assim como sabia, que ele não

era o cara certo, por mais que a parte de mim, completamente romântica que resolvera aparecer, apontasse que ele era uma das melhores coisas que eu poderia ter.

PARTE II

“Dez meses sóbria, devo admitir

Só porque você está limpa

Não quer dizer que não sente saudades

Dez meses mais velha, eu não me renderei

Agora que estou limpa, jamais arriscarei”

Clean – Taylor Swift



“A noite que não podemos realmente esquecer

Quando nós decidimos

Afastar os móveis para poder dançar

Baby, como se tivéssemos uma chance”^[11]

CERCA DE DOIS ANOS DEPOIS

Ane

— Experimenta esse! — dei o morango na boca de Fábio, que o mordeu, quase pegando meu dedo no caminho, e me fazendo empurrá-lo para o lado.

Se eu pensei, por algum momento, que a decisão de sermos apenas amigos e não confundirmos nada mais, funcionaria para que nos afastasse, eu estava completamente errada. Aquela decisão, por fim, nos unira. Talvez fosse o momento certo para acontecer, e encontrei nele, o sorriso além do homem que fui e ainda era apaixonada – encontrei um melhor amigo.

— Eu devia te proibir de vir na feira comigo. — reclamou, puxando os enormes carrinhos de feira que lotei, para ambos. — Por que mesmo estamos fazendo uma introdução alimentar de mais mil vegetais e frutas?

— Porque você está beirando os trinta e eu não quero morrer porque só como miojo. — pisquei um olho, enquanto carregava algumas sacolas, e ele revira os olhos.

Existia uma virada grande na nossa vida desde dois anos atrás, para ali. Gabi tinha se decidido e realmente, ficara no interior, mudando sua vida toda para lá, e tornando a fazenda a sua casa, assim como, a segunda

casa minha. Contudo, por mais que a distância não fosse algo que realmente nos afastasse, acabou por me aproximar ainda mais de Fábio.

Éramos nós dois ali, na cidade que antes, éramos quatro. Antônio poderia ser desconsiderado naquela equação, já que até aquele momento, tudo o que fizera fora deixar o marco de rejeição na vida de Gabi. Não sabia em que momento, aquilo se revolveria.

No fundo, eu sentia que existia *algo* ali ainda, toda vez que tinha que encontrá-lo para alguma eventual reunião na empresa, na qual voltara a trabalhar há cerca de um ano e trabalhava no setor que sempre desejei: o Recursos Humanos. Fábio não era mais meu chefe como na época do estágio, mesmo que no fim, o fosse, por ser o dono de tudo aquilo, porém, ao menos, não o era diretamente.

Mesmo assim, lá estávamos nós, de roupas sociais, na feira, em plena madrugada de sábado para domingo. Após jantar com ele na sala da presidência, e ficar presa lá devido a um relatório que ele tinha que revisar naquela mesma noite. Eu jogada no sofá porque meu expediente acabara, e ele, focado em terminar o seu trabalho, para podermos ir embora.

Nos tornamos mais do que um dia pensei que teria com alguém – nos tornamos parceiros. E permanecia entre nós, a sinceridade. A qual, por mais que lhe entregasse tudo de mim, ainda agradecia, todos os dias, por ele nunca me indagar se o amava romanticamente. Porque após todo

aquele tempo, o sentimento que jurei que sumiria, apenas quadriplicou, e a cada dia, aumentava.

Um amor que eu escolhi esconder, para ser sua parceira.

Um olhar que ele me dava de desejo, ainda ali, mas que nunca cruzávamos a linha.

Gabi poderia jurar de pé junto que estávamos presos um ao outro, e que ele era o cara que mais permanecera na minha vida e cama por tanto tempo. Porém, mal sabia ela que a realidade era clara, de que minha cama era para ele dormir, mas nunca mais o foi, para que ele se tornasse meu.

— Pensativa. — falou próximo a minha orelha, fazendo-me tomar um susto, e bater contra seu peito. — A gente precisa, realmente, ir para casa.

— Ninguém mandou ficar preso no trabalho. — dei de ombros, e ele resmungou. — Aliás, eu poderia estar lindíssima em uma balada, mas olha só onde estou...

— Da última vez que saiu com seus milhares de amigos que eu até agora não consegui decorar todos os nomes, acabou me ligando e me fazendo sair feito louco atrás do bar. — reclamou, sorrindo de lado, como se achando a última bolacha do pacote. Por sorte, ele não tinha total certeza, de que era a minha.

— Em minha defesa, eu estava tão bêbada que só pensei no meu número de emergência, e como Gabi mora há horas daqui...

— Está me chamando de segunda opção? — dramatizou, fazendo-me sorrir abertamente da cara franzida, como se tivesse o machucado. Tão Fábio que me doía por dentro amá-lo daquela forma. *Eu conseguia, realmente, esconder tão bem aquilo? Ou ele enxergava, e para não me magoar, fingia que não?*

Ao menos, não mentíamos um para o outro. A nossa promessa, permanecia intacta.

— Estou dizendo que é meu contato de emergência, e dentre tantos que eu tenho... Sinta-se privilegiado. — pisquei um olho e ele apenas me direcionou um olhar mortal, enquanto colocava os carrinhos dentro do porta-malas, e eu organizava as sacolas com frutas e verduras mais sensíveis sobre o banco de trás. — E eu acho que é um bom dia para eu ter um massagista em casa.

— Você me convida para sua casa apenas com segundas intenções.

Mal sabia ele, que as enterrava lá no fundo da minha alma, naquela noite perdida entre nós, há dois anos. Apenas por pensar, lembrava de como foi ser tocada em cada canto por ele, e ser devastada por cada parte dele se tornando uma parte de mim.

— Apenas as melhores. — rebati, fechando a porta, e assim que fui abrir a porta do carona para que eu entrasse, ele o fez. Algumas coisas não mudavam.

A forma como o olhar negro me desestabilizava. A forma como um simples toque dele me energizava. Era fogo puro a minha frente, que eu apenas tentava tornar vapor, ao recordar que: éramos amigos. E eu amava a parceria que tínhamos.

Se para mantê-lo, eu precisava, aceitar que nunca seríamos nada além, eu conseguiria viver. Na primeira vez que confundimos as coisas, me descobri apaixonada. Não poderia, sequer vislumbrar, uma segunda vez. *Não podia ou não queria?* Era a pergunta que valia minha sanidade mental.

— Minha playlist, sua ou a nossa que ainda continua em péssima construção? — indagou, fazendo-me sorrir, sabendo que se tornara algo nosso, assim como, aquela amizade. — Pela sua cara, a nossa.

— Eu gosto de ir de Taylor Swift a Linkin Park do nada.

E eu gostava de tudo que fazíamos juntos. E eu gostava do que construímos naqueles dois anos. Dois anos que valiam mais do que um dia cheguei a sentir por qualquer outra pessoa. Dois anos em que, por mais que tentasse, não conseguia me entregar ao toque de mais ninguém.

Fábio

Olhar para ela, todo o dia, era revigorante, ao mesmo tempo, que me massacrava, não poder estar tão próximo quanto gostaria. Dois anos de nós dois construindo algo que nunca imaginei ter com alguém, mas como sempre, só poderia ser dela. Dois anos em que minha irmã criava teorias sobre nós, e nenhuma delas poderia ser confirmada.

Ane soltou um gritinho, fazendo-me soltar a sacola sobre o balcão da cozinha, e correr em direção ao seu quarto. Quando cheguei lá, a cena que me aguardava, fez-me engolir em seco, e mesmo que quisesse rir, a risada ficou presa em minha garganta, devido à forma como a pouca exposição do seu corpo para mim, me fazia sentir.

Me fazia lembrar de como foi tê-la. Me fazia lembrar de como foi perdê-la. Se era que algum dia, de fato, a tive. Não sabia dizer, já que o que acontecera entre nós, ficara enterrado, e mesmo assim, parecia tão vivo ali, ao vê-la, presa na própria regata e a porta do guarda-roupas. Sua barriga exposta e todo meu corpo lembrando de como foi tê-la, ali mesmo,

em meus braços.

Foco, Fábio!

— Se você não me ajudar, eu juro que...

— Vai parar de fazer sopa na janta? — cortei-a, tentando fugir de meus próprios pensamentos sobre como aquela mulher me enfeitiçava.

— Fábio! — reclamou, e eu gargalhei.

Parei ao seu lado, e fui virando-a, enquanto tentava soltá-la do preguinho exposto na madeira do guarda-roupa.

— Me lembre de dar um jeito nos preguinhos expostos do seu guarda-roupa. — falei, assim que finalmente consegui soltá-la, e ela se apoiou em mim, sorrindo lindamente, enquanto seus cachos caíam sobre o seu rosto. Não consegui me conter e levei os dedos a eles, colocando-as atrás de sua orelha.

Dois anos de toques simples e uma sensação esmagadora em atingindo. Porém, era claro o limite existente entre nós, porque por mais que quisesse ultrapassá-lo, não poderia. Ela me queria ali, como seu parceiro. Seu parceiro no crime, como ela mesma diria. Seu parceiro em noitadas de karaokê, tequila e música. Seu parceiro de ressaca e cafés da manhã que mais pareciam um almoço. Seu parceiro de trabalho até tarde e se perder na feira logo após. Mesmo eu querendo mais, depois de

finalmente entender o que sentia, sabia que não podia estragar tudo. Não daquela vez.

Se antes de descobrir que a amava, tão profundamente, não estava preparando para perdê-la, no agora, sabia que jamais arriscaria. Ane era uma parte de mim, mesmo que me partisse vê-la em outros braços, eu me negaria a machucá-la novamente.

— O que foi? — indagou, e eu sorri, levando meus lábios até seu rosto e lhe dando um leve beijo, como sempre fazia.

— Coisa linda, mas desastrada. — pisquei um olho, afastando-me, antes que aquela aproximação se tornasse tão estarrecedora que não pudesse disfarçar. Nunca mais menti para ela ou sobre ela, porém, aquele sentimento ficara guardado em mim. Guardado de forma que eu sabia que poderia estragar tudo.

Porque eu queria tudo. Tudo dela. E eu sabia, pela conexão que criamos, que ela não me olhava da mesma forma. Sempre era apenas a parte de mim, que a desejava tão ardentemente como minha, que se enganava. Se um dia, anos atrás, ela disse que confundimos tudo e acabamos nos estragando, ali, eu sabia que não confundia mais nada – eu a amava, perdidamente.

Como minha amiga. Como minha parceira. Como minha mulher.

Mesmo que ela não pudesse me entregar tudo.

— Eu devia ter escutado sua mãe e feito um conceito aberto com esse guarda-roupa velho. — falou, no momento em que me joguei contra a cama, e como sempre, era impossível não lembrar de quando estivemos bem ali, em outros lençóis, perdidos um no outro. *Não pense nisso!*

— Acho que ia enlouquecer por ter que organizar sempre as roupas, já que é ótima na sua bagunça. — rebati, e ela encarou o móvel, como se pensando a respeito.

— Preciso dar um jeito de me tornar organizada.

— Do mesmo jeito que estamos tentando ser saudáveis? — indaguei, e ela revirou os olhos, jogando-se ao meu lado da cama. Sua cabeça ficou sobre meu braço e eu suspirei, apenas por sua aproximação. Se ela notava que tinha tal reação toda vez que ela se aproximava, sabia disfarçar muito bem, talvez, pelo fato de não poder retribuir. Porém, sempre que aqueles olhos castanhos claros paravam no mais profundo escuro dos meus, eu acreditava que ela era minha. Ao menos, por alguns segundos.

— Eu tô podre. — reclamou, ajeitando-se melhor ao travesseiro, com meu braço ainda debaixo de si. — Aliás, Gabi já está me falando do aniversário dela, que sabemos, faltam semanas, mas...

— Já temos um script todinho. — falei, lembrando da ideia que tive para surpreender minha irmã naquele ano.

Era uma tradição de família, e qualquer pessoa, como Ane, que adentrava a nossa vida, o sabia, e fazia parte. Aniversários eram o nosso momento. Desde sempre e para sempre, me veria querendo fazer o melhor, no dia especial, das pessoas que amava. Fora assim que meus pais nos ensinaram, e era como fazíamos.

— Ela já tem um script todinho. — rebateu, e a encarei, semicerrando os olhos. Notei que ela já tinha os olhos quase fechados, e estava prestes a apenas apagar. Conhecia-a como a palma da minha mão, e era como se pudesse ficar ali, como sempre, apenas para olhá-la. — Mas eu falo disso mais tarde..

— Bons sonhos, coisa linda. — falei, levantando o que podia de minha mão e passando-a contra seus cabelos. Em menos de cinco minutos, ela apagou por completo, e eu sabia, que não demoraria muito, para que acontecesse o mesmo comigo.

Um dia cheio de trabalho. Uma noite ainda mais cheia. E uma madrugada apenas nossa. No final, a conta sempre parecia positiva, porque, terminava com nós dois, na mesma cama. Mesma que não da forma como eu realmente gostaria, era o mais próximo do paraíso que eu já chegara nos últimos anos.



“Foram meses e meses de idas e voltas

Você ainda estava em cima de mim

Um vestido manchado de vinho, que não posso mais usar”^[12]

Ane

Flores?

Fábio sorria, segurando o buquê de rosas vermelhas, e eu fiquei

presa a cena de ele, chegando casualmente em minha casa, com elas.

— Ideia da Gabi, fanfiqueira? — indaguei, e notei a mudança de seu semblante, enquanto ele assentia. Veio para perto de mim, assim que aceitei as flores, e beijou meu rosto. — Não posso nem dizer que odiei, que merda!

— Minha irmã garantiu que eram suas favoritas. — comentou, como se colocando aquela linha clara entre nós. Tudo bem que as flores não eram apenas por eu ser a mulher amada, não da forma que desejava, contudo, por que flores em um dia comum? — Pergunta. — insistiu, enquanto eu cheirava as rosas e focava em seu olhar negro.

— Por que estou ganhando flores em um dia comum? — indaguei, e ele deu de ombros, como se fosse algum mistério não compartilhado, ou quem sabe, algo óbvio.

— Porque eu acho que merece. — respondeu simplesmente, dando de ombros. — Perguntei a Gabi o que podia fazer de especial para você, e... por já estar tão repetitivo com os morangos...

— Os morangos nunca vão ser demais. — rebati, enquanto ele caminhava até meu sofá, se jogando.

Fiz o mesmo caminho, com o lindo buquê em mãos e quase me derretendo por completo. Ele o fazia comigo em momentos em que não

estava preparada. Talvez, nunca o estivesse. Existia uma magia das surpresas dele, que sempre, me causavam algo que meus sentimentos ficavam à flor da pele.

Se um homem te dá sorrisos e flores, ele pode ser o cara certo. Lembrei do que minha mãe dissera quando almoçamos com ela durante a semana. Fábio junto a mim, como sempre, e como ela diria, minha segunda pele. Lembrava-me de ter corrigido e dito que ele não me dava flores, mas sim, frutas. No caso, agora, não tinha como fugir.

No segundo em que encostei a cabeça em seu ombro, e o olhei dali, sorrindo, notei a forma como me encarava, como se fosse a coisa mais linda que já vira. Sempre a sensação de reciprocidade me confundido. Sempre a necessidade da reciprocidade nublando a realidade.

— Eu amei. — anunciei, e ele sorriu, olhando-me de forma tão profunda, que eu queria apenas complementar que também o amava. Contudo, como já era de praxe, me calei. — Mas eu vou ligar para Gabi, que com certeza vai pedir sobrinhos.

— Ela acha que estamos em um tipo de relacionamento que não sai do lugar. — complementou e eu assenti.

Por mais que explicasse a ela sobre os limites que existiam entre eu e Fábio, ela parecia mais do que decidida de que nós éramos uma

realidade. Que existia um romance entre nós, que apenas ela conseguia enxergar. No caso, eu também via, o maior problema e empecilho, era que não poderia pedir aquilo a Fábio.

— Eu gosto do que a gente tem. — admiti, e sorri para ele, deixando o buquê sobre meu colo, enquanto me dividia em seu olhar.

— Eu também. — falou, apertando meu nariz, e a sua honestidade era tamanha, que eu sempre entendia, que era o que ele poderia me entregar. — Aliás, tenho uma novidade.

Sondei-o, como se em busca da verdade ali descrita, mas não encontrei nada. Ele apenas ficou em silêncio, enquanto eu o cutucava para me dizer, e ele sorria do martírio.

— Vai matar a fofoqueira. — provoquei.

— Eu conheci alguém. — soltou, pegando-me completamente desprevenida, e se não fosse o fato de estar sentada, com toda certeza, teria despencado.

Não o via de fato com alguém em todo aquele meio tempo, por mais que todas as vezes que saíssemos juntos, me preparasse ou tentasse me preparar psicologicamente, para vê-lo em outros braços. Contudo, não presenciara de fato. Fábio falava sobre algumas mulheres que o interessavam, mas nunca nada demais. Nunca, fora algo como aquilo.

— E ela? — perguntei, tentando fingir que a simples ideia de ele estar apaixonado, me aterrorizava.

— Ela é única. — soltou, fugindo do meu olhar, e levando as mãos ao rosto, ficando curvado. Por sorte, ele não veria a forma como eu estava assustada. — Eu não sei dizer, eu só...

— Está apaixonado. — complementei, e engoli em seco. Quando ele me encarou, tão profundamente, como se confirmando o que eu dissera, sorri abertamente, tentando parecer animada por ele. Usando tudo o que existia em mim, de amor por ele, para aceitar que ele era o amor de outra pessoa. — Vivi para te ver cair por alguém.

Ele sorriu, e pegou uma de minhas mãos, beijando-a e levando até seu rosto, em um gesto tão nosso, que imaginei, que em algum momento, aquilo se perderia. E quando ele estivesse com ela? E se ela estivesse apaixonada por ele também? E... por que não eu?

Merda!

— Eu combinei de ajudar meu pai com alguns papéis pendentes em casa, mas... Posso aparecer qualquer hora?

— Sabe que sim. — falei, enquanto ele se levantava, e eu permaneci sentada, sem confiar em minhas próprias pernas para se moverem.

Queria ser a amiga que pergunta tudo e quer saber tudo sobre o amor dele, porém, seria me martirizar. Então, apenas coleí o sorriso no rosto, enquanto o vi sair de meu apartamento, deixando-me para trás, sem ter a mínima ideia do que me causara.

Olhei para as rosas e depois, para a porta fechada atrás de si. Meu coração se martirizando por ser tão burro e não ter notado. O homem que eu amava, estava apaixonado por outra, e eu, não tinha ideia daquilo. Como poderia?

Deitei-me no sofá, com o buquê sobre meu corpo, e tudo de mim, apenas paralisado ao ponto que tínhamos chegado. Eu poderia apenas aceitar? Eu poderia apenas assentir e vê-lo ser feliz? Seria tão fácil? No caso, apenas uma fala dele, e eu tinha certeza, de que a resposta para a última pergunta era não.

Fábio

— Péssima ideia. — reclamei, batendo contra o volante, assim que estacionei na frente da casa de meus pais.

Eu só queria falar sobre ela, e de como me sentia realmente sobre ela. Contudo, o tiro realmente saía pela culatra. Ane não demonstrou absolutamente nada, e ela sequer, pareceu interessada. No fim, aquele teste apenas me mostrava que ela era minha amiga e nada mais. Só poderia estar assistindo filmes românticos muito ruins para acreditar que despertaria algo nela ou veria alguma reação.

— Péssimo em romance. — falei para mim mesmo, no momento em que meu celular vibrou, e notei que era uma ligação de Gabi.

— Oi maninha. — soltei, sem conseguir disfarçar o quanto estava desestabilizado pela situação.

— *Ela gostou das rosas?* — indagou, como boa torcedora oficial do casal, e eu me vi negando com a cabeça, como se ela pudesse ver.

— Ela amou. — respondi, sabendo que por mais que quisesse despejar tudo o que sentia por Ane para ela, seria injusto. Não queria, de forma alguma, colocá-la, em uma saia justa. — Você sabe que nós somos amigos, não é, Gabi?

— *Sei que é claro, pela forma que se olham, que se amam.* — rebateu de imediato, como sempre fazia. — *Vocês podem jurar aos mil céus e deuses que não são um casal, mas eu sei que são.*

— Acho que eu e Ane só desistimos de te fazer mudar de ideia. —

comentei, e ela riu do outro lado da linha. — Enfim, ela amou as rosas e se surpreendeu muito.

— *Você diz que vocês não têm nada além de amizade, mas do nada, me liga no meio da noite, pedindo ideias de como surpreender Ane... — debochou e eu não pude sequer contrariá-la. — Mas eu não me meto no que acontece entre vocês, porque isso seria injusto. Eu os amo, juntos ou separados. Mas eu sei, que um dia vão me dar razão.*

— Obrigado por entender. — falei por fim, e era como se pudesse vislumbrar o olhar idêntico ao meu que sentia saudade. — Aliás, quando vamos nos ver?

— *O mais rápido possível, porque meu aniversário...*

— Falta quase um mês, mana.

— *Não se discute com a aniversariante. — rebateu, e eu tive que rir. — Eu tenho que comer algo, mas... Sabe que sempre pode vir me ver.*

— Eu sei. — soltei, e desfiz a ligação.

Desci para meus contatos e notei que Toni mal me respondera após adiantar o dia e sair de férias. Sabia que ele precisava de um tempo longe do trabalho, no qual se enfiou feito maluco nos últimos dois anos, porém, era claro que ele fugia mas sempre parava no mesmo lugar – no amor por minha irmã. No fundo, eu torcia para que se fosse para ser, apesar dos

pesares, que eles se resolvessem.

— *Você se enfiou na puta que pariu, não me importo, mas cara, pode mandar um emoji para me dizer se tá vivo, porra!* — falei no áudio para ele, e não me surpreendendo em nada, ele mandou um emoji de et, que era o único que sempre usava, segundos depois. *Babaca*. Pelo menos, um babaca vivo.

Desci do carro com o celular em mãos, e meu coração falhou uma batida, assim que vi uma foto de Ane com o buquê que lhe entregara em mãos. *Ela entendia que me matava por dentro vê-la ali tão linda, sem poder tocar? Sem poder ser minha?* Só queria poder dizer que era ela. Sempre foi ela. Ela era a minha confusão mais bonita. A coisa mais linda que colocara os olhos. E fora exatamente o que respondi para a foto que me enviou: coisa linda.



“Assim como o nosso último beijo
Eternamente o nome em meus lábios
Eternamente o nome em meus lábios
Assim como o nosso último”^[13]

Ane

Eu estou bem e linda, vou sobreviver alguns dias ao lado do Antônio.

Gabi Gabi... Promete que vai cuidar desse coração, ok? Eu tô tentando ficar livre esse final de semana, e já estarei aí. Aliás, bom casamento.

Guardei meu celular, com a preocupação em todo meu corpo. Ajeitei meu blazer, e olhei-me no espelho do banheiro. *O que fazer quando o cara que quebrou o coração da sua melhor amiga, agora está na casa dela?*

E eu ainda morava horas de lá e não consegui folgar. Suspirei profundamente, segurando-me para não falar com Fábio sobre. Descobrira a respeito há alguns dias, em uma ligação comum com Gabi, a qual, sequer soube explicar o que Antônio fazia lá. Ninguém sabia, no fim.

Minha vontade, era usar aquele curto intervalo que tinha e bater na porta da presidência. Ele era o melhor amigo do Antônio, ele deveria saber das reais intenções dele ao ir ver Gabi, depois daqueles dois anos. Porém, era um campo minado.

Sabia que ele, de alguma forma, perdoara o amigo pelo o que fez, e eu não poderia julgá-lo, porém também não conseguia entendê-lo. Por aquilo, apenas guardei a informação, enquanto tentava processá-la junto a

Gabi.

Uma mensagem de Fábio apareceu em minha tela, chamando-me para sua sala. O destino tinha suas artimanhas, no fim. Respondi um simples “ok” e saí do banheiro no momento seguinte. Entrei no elevador e após alguns andares, cheguei ao da presidência.

Era um prédio grande e se de fato não nos conhecêssemos, não o veria com tanta frequência. Contudo, ele não era apenas o chefe dos meus chefes, ele era meu amigo. *O amigo que você quer tirar o terno toda vez que vê*, minha mente acusou e eu não poderia negar.

Assim que abri a grande porta de madeira e a empurrei, encontrei-o andando de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos pretos que encostavam no colarinho da camisa cinza que usava naquele dia. Lembrei-me de que foi a qual escolhi em nossa última saída de compras. Fábio, até naquilo, era parecido comigo – ele amava sair e passar horas experimentando roupas.

— Vai fazer um buraco no chão. — falei, batendo meu salto contra o piso, e ele parou, virando-se para mim, com o semblante tão sério, que me desconcertou. Ele ficava tão bonito sério. *Foco, Ane!*

— Antônio usou um cliente nosso no interior como desculpa para ir ver a Gabi! — anunciou, olhando-me profundamente, e aquilo não me

surpreendeu em nada. Pelo pouco que Gabi me disse, ele dissera que fora para lá por causa de trabalho. — Ele está de férias, porra!

— Eu disse a Gabi que ele usou disso para ter algum motivo a mais, que não seja implorar o perdão dela. — rebati, e Fábio arregalou os olhos. — Nem me olha assim! Eu descobri esses dias, e não ia comentar até que ele ou ela te contassem. Se não a gente vai discutir, pela milésima vez sobre esse caos dos dois.

— Que merda! — reclamou, indo até sua mesa, e encostando-se na mesma. Por um segundo, eu sequer estava interessada no drama que enfrentávamos pelos nossos dois melhores amigos, e pior, que com Fábio, envolvia duas pessoas que ele amava. Olhando-o dali, todo bagunçado em seu terno, apenas imaginei-me arrebitando botão por botão, mais uma vez. — A gente precisa fazer algo.

— Eu não sei você, mas já fiz meu pedido para o chefe do setor, para que eu possa estar livre no sábado, e daí, ter o final de semana para estar lá com ela. — comentei, e ele assentiu, passando a mão pela barba. Movimento sexy demais para meu psicológico. — Você é o dono, então...

— Por que ninguém ao meu redor pode ser simples e calmo no amor? — indagou, parecendo para que o nada, ou talvez, para tudo, e eu fiquei estática.

Lembrei naquele exato momento de quando falou a respeito de ter conhecido alguém. O assunto pareceu morrer, junto as rosas que ele me entregara há alguns dias. Eu não conseguia falar mais sobre, e muito menos querer saber. *Por que o faria?* Seria total masoquismo, e eu não conseguiria me segurar por muito mais tempo, apenas nublando meus sentimentos por ele.

Ele aparecia com rosas vermelhas em um dia comum, que eram para mim. Ele então falava sobre ter conhecido alguém e não negava que estava apaixonado. Algo, naquela conta simples, não batia. Ou era minha mente apaixonada apenas presa a uma ilusão.

— As pessoas dificultam. — falei, e dei passos até ele, parando ao seu lado, e me encostando também contra a mesa. — Eu notei que Antônio queria me dizer algo quando passou no setor do RH esses dias, mas... Como eu ia adivinhar que depois desse tempo todo ele ia querer resolver algo?

— Acho que ele sempre quis. — soltou, e o encarei de lado, buscando por mais respostas. — Sabe que eu não posso te contar sobre, é uma história dele, que nem Gabi sabe.

— Só sei que é cansativo. — soltei, segurando-me contra a madeira da mesa. — Ficar dois anos sem sequer ver um ao outro, e de repente, aparecer na porta da pessoa... Gabi está a própria confusão.

— Eu só espero que se for para eles se acertarem, que seja. — falou, parecendo pensar sobre algo longe dali. — Dois anos pode minar um amor, ou fazer aumentar, não acha?

Sua pergunta me pegou despreparada, e eu apenas me vi assentindo, porque concordava, por completo. Dois anos ao lado dele, e em vez de apenas esquecê-lo ou transformar o sentimento, via-me o amando. Eu era o exemplo perfeito do que acontecia quando o amor não era minado com o tempo.

— Mas você não parece ruim no amor. — soltei, sem conseguir me conter, mas também, não ultrapassando qualquer linha que poderia me ferir. Ao menos, eu pensava que não.

— Eu sou péssimo. — confessou, e vi-me levando uma mão ao seu rosto, o que o fez me encarar. — Não me olha com pena! — debochou, e eu tive que rir, por mais que a visão dele, tão honesto, sempre me atingisse. — Mas é sério, eu as vezes só não sei mais o que fazer. — comentou, como se pensando sobre, e odiei o fato de que ele, com toda certeza, pensava nela.

Quem era ela?

Por que ela?

Por que eu achava que era eu? Porque você quer que seja, com

todas duas forças.

— Não é mais fácil só falar? — perguntei, e a hipócrita em mim gritou, porque, no fim, eu era a contradição em pessoa. Por que apenas não dizia a ele que o amava? Que o queria? Que queria tentar de novo?

— Por medo? — deu de ombros, e fugiu de meu olhar. — Por medo de foder tudo, literalmente. — sua voz saiu baixa, e me vi pensando em nós dois, anos atrás.

Se ele estava tentando me deixar maluca, ele estava conseguindo. Porque tudo o que falava, as suas ações, apenas me faziam pensar que ele estava se referindo a mim.

— Vai ficar tudo bem. — vi-me falando, e passando a sua frente. Uma de minhas mãos foi para seu rosto, e aquele simples toque, como sempre, me atingira por completo. Tudo dele, capaz de reviver todas as partes de mim. — Se precisar, faço o mesmo que com Gabi. Colo cada pedacinho seu.

— Quem cuida de você, em? — indagou, colocando uma mão em minha cintura, olhando-me profundamente. — Sempre está disposta a cuidar de todo mundo, mas e no fim, Ane, quem cuida de você?

— Vocês fazem isso sem perceber. — confessei, e aceitei seu abraço. Nele, eu suspirei e me permiti, apenas acreditar que eu nunca o

perderia. Nem mesmo, para o seu amor. E quem sabe, eu o fosse. Era uma sensação de merda, porém, a sensação de tê-lo, era o bastante, por agora.

Assim que me afastei, seus lábios vieram para minha bochecha, e tive que segurar tudo de mim, para não desviar e deixar que meus lábios fossem dele. Eu poderia confundir tudo de novo? Eu poderia confundi-lo?

— Por que a gente não sai pra dançar hoje? — perguntou, e a ideia, por mais tentadora que fosse, apenas me fez querer negar. Precisava de um tempo, comigo mesma, para tentar entender o que eu faria. De alguma forma, sabia, que já estava esgotada por esconder o que queria dele.

Aquele toque. Aquele olhar. Aquele corpo. Aquele homem.

— Estou cansada. — falei, e ele me encarou surpreso. — Por que não vai e se diverte por mim? — indaguei, e ele assentiu, levantando-se, e sorrindo em minha direção.

— Está começando a querer me abandonar ou é impressão? — sorri, empurrando-o de lado, e negando com a cabeça.

— Não vai conseguir se livrar de mim, nem quando quiser. — pisquei um olho para ele, e dei passos atrás. — Tenho que voltar ao trabalho.

Ele assentiu, e apenas ficou me encarando, como se tivesse mais a dizer. Porém, mesmo presa aquele curto momento, sabia que o que aqueles

lábios que eu tanto desejava, poderiam fazer, não era o que eu realmente buscava. *Ou era?*

Eu buscava tudo.



“Seu beijo, meu rosto

Eu assisti enquanto você ia embora

Seu sorriso, meu fantasma

Eu caí de joelhos

Quando você é jovem, você só corre

Mas você volta para aquilo que precisa”^[14]

Ane

No meio da noite, insone.

Comecei a cantar baixinho, a música que me fizera quase tomar uma meia garrafa de vinho, junto ao fato de que quebrava a cabeça para entender se Fábio realmente amava outra pessoa. A que ponto eu tinha chegado?

— *Por que não eu, a, a... Por que não eu?*^[15]

Andei até a cozinha, sem saber porque estava tão incomodada naquela noite, a ponto de não conseguir pregar o olho. Não sabia se porquê Fábio tinha que chamado para sair em uma noitada e me neguei, ou porque Gabi poderia ter o seu coração destroçado pela mesma pessoa. *Oh merda!*

Meu celular se iluminou sobre o balcão e assim que notei o número de Fábio, não pensei duas vezes ao atender.

— Já acabou a noitada? — perguntei, segurando a risada, por saber que ainda eram duas e meia, e quando saíamos juntos, ficávamos fora até o dia raiar. Ele era perfeito para mim, até naquele detalhe.

— *Olá. — uma voz feminina que eu desconhecia falou do outro lado da linha e travei. Seria a tal amada? — Ane, certo?*

— Sim. — respondi, completamente desconfiada.

— O senhor Fábio bebeu demais e ele não para de dizer seu nome... Desculpe incomodar, mas precisamos de alguém que o busque aqui no bar.

— *Putá merda! — soltei, correndo em direção ao quarto com o*

celular na orelha. Geralmente, era eu que fazia tal coisa. Pela primeira vez, era eu, sendo usada como seu contato de emergência. — Pode me mandar o endereço por mensagem? Eu tô indo agora.

— Ok, senhora. Obrigada.

— Eu que agradeço. — respondi, e minha preocupação chegou a níveis extremos. Primeiro: por que Fábio bebera a ponto de eu ter que buscá-lo em um bar? Segundo: o que diabos estava acontecendo?

Se a tal mulher que eu sequer tive coragem de perguntar mais a respeito desde que falou sobre, tivesse quebrado o coração dele, eu quebrava a cara dela. Ou no fim, eu estava quebrando o coração dele sem perceber? Era uma bagunça tão grande, que era até pior que há dois anos. Puta merda!

Minutos depois, finalmente estacionei na frente do bar, e dentre as pessoas que dançavam e conversavam com a música alta, localizei-o. Estava praticamente deitado sobre o balcão, enquanto Mia, a que deveria ser a atendente que me ligou, e me mandou mensagem falando o endereço e seu nome, oferecia-lhe uma água. Coitada da menina, Fábio! Dando mais trabalho do que o próprio trabalho dela já dava toda noite.

— Desculpe por isso. — falei, assim que me aproximei, e ela assentiu, dando um leve aceno, e entregando-me a garrafa d'água. — Ei,

você! — bati em sua orelha, e ele piscou algumas vezes, finalmente levantando o olhar.

Quando me viu, seu semblante mudou por completo e mesmo notando seu olhar bêbado, ele parecia tão lindo como sempre.

— Coisa linda..

— Coisa linda nada. — rebati, dando-lhe a água. — Bebe, que eu vou te levar para casa.

— Para sua casa, né? Que poderia ser nossa ou você poderia se mudar para o meu apartamento e... — ignorei sua fala sem sentido algum e praticamente empurrei a garrafa em sua boca, e finalmente, ele bebeu um pouco. Ele sorria de um jeito, que estava claro que parecia em outro universo, mesmo que me reconhecendo. — Eu...

— O que? — perguntei, aproximando-me, e tocando seu rosto com carinho. — Quase me mata de preocupação, agora sei porque fica puto quando me busca assim.

Ele me deu um meio sorriso e negou com a cabeça.

— Eu gosto de te buscar, porque daí você vai terminar a noite comigo. — falou, e suas palavras eram tão claras, que se não fosse pelo cheiro de uísque e vodca que o rodeava, assim como, a forma como sua cabeça pendia, jurava que não estava bêbado. — Eu te amo, Ane.

Paralisei diante das palavras, e minha mão também parou sobre sua barba por fazer. *O que?* Era o que queria perguntar. *Ele está bêbado!* Minha mente lembrou e suspirei profundamente.

— Eu também te amo. — falei, admitindo o que sentia, mesmo que ele sequer se lembrasse no dia seguinte. Se o fizesse, com toda certeza, interpretaria que o corripondi com o amor de amigo que sentia. Ai ai, aquilo só piorava.

— Por que não como seu? — indagou, no momento em que o levantei, e tentei ignorar suas falas perdidas. Felizmente, ele precisava de pouca ajuda para se mover, e logo mais chegaríamos ao carro. — Eu ainda te quero, como há dois anos... — sua voz me torturando, e eu tentei focar que com toda certeza, estava realmente fora de sua sanidade.

Ou eu fosse a mulher que ele falou, e minhas desconfianças não seriam infundadas. Poderia levar em consideração suas falas bêbadas? Ele estaria sendo sincero até ali?

— Vem. — falei, ao colocá-lo no banco do carona, e passar o cinto ao seu redor. Por um segundo, apenas o encarei, e a proximidade que tínhamos, me fez implorar por aqueles lábios, como sempre.

— Eu te quero ainda mais. — confessou, e eu assenti, tentando enterrar aquela conversa comigo. Com toda certeza, ele estava mais

perdido do que nunca naquele momento. Bêbado e teletransportado para o que paramos anos atrás.

Assim que me sentei e saí com o carro, pensei em lhe dizer para apenas se concentrar em não vomitar ou algo do tipo, mas quando o encarei por um segundo, notei que já estava com os olhos fechados e perdido em seu sono. Se eu demorasse mais alguns minutos, ele teria, realmente, dormido no balcão de um bar.

— O que aconteceu com você, em? — perguntei, e o silêncio foi minha resposta. — O que tá acontecendo com a gente?

Minutos depois, e a cada momento que ele chamava meu nome em seu sonho, meu coração falhava uma batida. *Por que aquela tortura comigo? Por que aquela falsa esperança me rodeando?*

— Ei. — falei, assim que estacionei, e tirei meu cinto, fazendo o mesmo movimento para com o dele. — Fábio. — chamei, em um tom que não o assustasse, e toquei seu rosto, em uma leve carícia. Minhas mãos presas ao seu rosto, e aquele olhar negro se tornou meu. — Preciso de você

acordado para subirmos.

— Ane? — indagou, como se perdido, e eu neguei com a cabeça.

— Cama primeiro, explicações depois. — falei, e saí do carro, para abrir a porta do lado dele.

Ele veio até mim, escorando-se com o braço ao meu redor, mas sem depositar seu peso. Quando adentramos o elevador, a imagem de nós dois, ali, no reflexo, me mostrava o quanto éramos bonitos juntos. *Ele conseguia ver o mesmo?*

— Nós somos bonitos juntos. — comentou, sorrindo e beijando meus cabelos, como se lesse meus pensamentos.

Sorri para ele, sem saber ao certo como me portar. Os últimos dias pareciam confusos, diferente do que nos éramos nos últimos dois anos. De repente, era como se entrássemos em um looping. Talvez porque meus sentimentos estivessem mais fortes do que nunca. Talvez porque os sentimentos dele, pertencessem a outra pessoa... ou fossem de fato meus.

— Vem cá! — puxei-o comigo, para dentro de meu apartamento, e sorri ao vê-lo ir esbarrando nas paredes e móveis em direção ao meu quarto. Era como se aquele lugar lhe pertencesse, tanto quanto, pertencia a mim. — Tenta não quebrar nada, principalmente, algum osso! — gritei, enquanto fechava a porta, e tentava enterrar as palavras que ele me

destinara, em meu âmagô.

Quando cheguei na porta do meu quarto, paralisei com a cena de ele, jogado na minha cama, transversalmente, e já apagado. Tudo que ele parecia precisar, era dormir. Não o julgava, porque quando bebia demais, era o que buscava fazer em seguida. Fiquei ali por alguns segundos, indagando-me de quantas vezes não bebi apenas para esquecer como ele me fazia sentir, mesmo com ele ao meu lado.

Sentei-me na beira da cama, cruzando minhas pernas uma sobre a outra, e passei as mãos sobre suas costas. Só conseguia pensar em como as coisas poderiam ser diferentes. Existia tal possibilidade? Eu tinha me tornado o clichê que tanto julguei minha melhor amiga por adorar. Por ele, encararia até mesmo um clichê que eu apenas adorava em romances.

Sorri da forma como chamou meu nome, mais uma vez, em seu sono, e indaguei-me: *o que tanto ele sonhava comigo? Por que tanto me chamava?*

Bonito demais para os pensamentos. Sexy demais para não o desejar. Carinhoso demais para não me apaixonar. Intenso demais para deixar ir. Tudo em Fábio Moraes era demais, assim como, a forma como ele me fazia sentir.

— Eu te amo, mais do que dois anos atrás... — confessei e passei

uma mão em seu rosto, aproximando-me levemente. — Mais do que tem ideia. E é como meu... meu homem.

Encostei nossas testas e era como me apaixonar por ele, mais uma vez. Ele poderia amar quem fosse, mas eu estava ali, sabendo que não mudava o que eu sentia. Tentara, sem sucesso algum encontrar em qualquer outro toque, o que o dele me dava. Contudo, apenas me via terminando a noite, em uma cama, sorrindo com ele.

Fechei os olhos, e sabia que ele estava preso, em meus sonhos mais selvagens, assim como, na maioria das minhas músicas favoritas. Comecei a cantar, sem conseguir evitar. Ele era a parte mais bonita de uma noite insone, e parecia, a coisa mais linda que já vira.

“Eu pensei "os céus não me ajudarão, agora

Nada dura para sempre

Mas isso vai me derrubar

Ele é tão alto, e impossivelmente lindo

Ele é tão mau mas faz do jeito certo

Já dá para ver o fim, enquanto isso começa

*Minha única condição é
Diga que se lembrará de mim
Ali parada, em um lindo vestido
Encarando o pôr-do-sol, baby*

*Lábios vermelhos e bochechas rosadas
Diga que irá me ver de novo
Mesmo que seja apenas em seus sonhos mais loucos
Sonhos mais loucos, oh*

*Eu digo, "ninguém precisa saber o que fazemos"
Suas mãos estão em meu cabelo
Suas roupas estão em meu quarto*

*E sua voz é um som familiar
Nada dura para sempre...”^[16]*

Parei de cantar, sabendo que realmente, nada durava para sempre.
Nós dois, talvez tivesse um prazo de validade. Talvez, fosse o momento de

eu apenas lhe dizer, mesmo que estragasse tudo. Mesmo que me custasse ele. Mesmo que estivesse trocando os pés pelas mãos. Deitei-me ao seu lado, sem ter a mínima ideia do que fazer, e me aconcheguei em seus braços. Eu poderia apenas aproveitar aquele toque, uma noite mais.



“Você me toca uma vez e eu sei que é realmente alguma coisa

Você descobre que eu sou ainda melhor do que

você imaginava que eu pudesse ser”^[17]

Fábio

Minha cabeça pesava. Pisquei algumas vezes, girando na cama, e apenas pelo cheiro, sabia que estava na casa de Ane. Inalei ainda mais os lençóis e sorri. Não sabia como tinha parado ali, contudo, era bom me sentir em casa. Ane era meu lar, e ela sequer tinha noção sobre. Ou se

tinha, disfarçava muito bem.

Sentei-me na cama, buscando-a pelo ambiente, mas não tinha sequer vestígio dela por ali. Suspirei profundamente, e tentei me recordar do que acontecera. Contudo, nada se passava de fato por minha mente. Apenas acabei bebendo mais do que deveria, ao ter uma falha tentativa de coragem de ligar para ela e me declarar.

Como disse a ela, eu era péssimo no amor.

Levantei-me, usando apenas minha cueca, e não tinha ideia se tinha dado trabalho a ela, tirando minha roupa, ou se ela teria feito aquilo, para que eu dormisse melhor. Apenas conseguia ter alguns lapsos, como de nós dois, em um elevador. *O que de fato teria acontecido?*

Dei passos em direção a sala de estar, e busquei-a em meio a escuridão. Ane adorava ficar no escuro e era algo que sempre me assustava, porque quase sempre, no meio da noite, quando acordava, ela estava perdida em algum canto da casa, apenas mexendo no celular, em escuro total.

— Coisa linda? — indaguei para o escuro, e busquei alguma mínima luz, que poderia ser da tela do celular.

Ao chegar próximo ao sofá, a localizei, deitada na poltrona, toda torta, com o celular em mãos. Ela deveria ter apagado ali, e vi-me, tirando

o aparelho de sua mão. Parei o movimento, quando percebi que ela olhava uma foto nossa. Sorri, porque também tinha várias fotos nossas em meu celular, até mesmo, na mesa de trabalho. Mal sabia ela que era muito maior do que a amizade que compartilhávamos.

— Ei! — falei, bloqueando o aparelho e o deixando sobre o sofá.

— Ei, Ane! — insisti, tocando seu rosto, e ela piscou algumas vezes.

— Eu tô sonhando? — perguntou, e olhou ao redor, como se acostumando com a escuridão. — Você tá quase pelado no meio da minha sala ou eu to sonhando?

— Eu ainda quero saber onde minhas roupas foram parar. — comentei sorrindo, e me virei para ela, a qual se levantou com minha ajuda.

Ane usava como sempre uma grande camiseta e seus shorts curtos de dormir. Era tamanha a nossa intimidade, que geralmente, algumas camisetas minhas, apareciam com ela. *Quando ela pegava em meu closet?* Não tinha a mínima ideia.

— Eu tirei de você, depois de me trocar... Acho nada confortável dormir com a roupa social. — piscou um olho, espreguiçando-se ao levantar.

— Fiz ou disse alguma merda? — acabei perguntando, quando ela

se jogou novamente na poltrona, como se quisesse permanecer por ali. — E por que não vamos para cama dormir?

— Disse que me amava. — soltou, e seu olhar se perdeu em direção ao teto. — Me perguntou por que não podia te amar como meu. — seu olhar voltou para o meu, e engoli em seco. — Sei que me disse sobre ter conhecido alguém, e eu sei que posso ser a maluca do livro de romance nesse instante, posso foder tudo também... Mas passei, todo esse tempo, até o sono me levar, pensando em como seria se o que você disse fosse verdade.

— Ane...

— Você me ama, não é? — indagou, e eu sabia que era a pergunta, que mais desejei que ela o fizesse a mim, em todo aquele tempo.

— Sim. — respondi de imediato, e fiquei ali, completamente exposto, enquanto ela parecia pensar sobre algo.

Acabei indo até o interruptor, que ficava a alguns passos de mim, e acendendo a luz. Aquele escuro todo, sequer me dava a chance de entender as expressões dela. Por mais que temesse que aquele era ponto de virada entre nós, onde poderia perdê-la, eu queria ser claro, a respeito de tudo.

— Como ama a Gabi? — perguntou, e só então notei que ela não pareceu entender de fato o que eu queria dizer. Na realidade, deixar aberto

a interpretações, era um risco.

— Eu te amo, Ane. — falei, sentando-me no tapete a sua frente, e puxando uma de suas mãos para mim. — Eu te amo, e isso não tem nada a ver com a parceria que temos. Ou quem sabe, tudo. Eu me apaixonei por você há dois anos, e desde então... Eu te amo, perdidamente. Então, quando disse bêbado que queria que me amasse como seu, é porque o que mais quero durante todo esse tempo, é te amar como minha.

Seu olhar saiu do meu, no mesmo instante em que afastou sua mão da minha. Senti o golpe de tal gesto e a resposta que tanto temi, bem ali. Engoli em seco, e então abri a boca para tentar consertar as coisas, ou quem sabe, dizer-lhe que aceitava o que ela poderia me dar.

— Eu amo o que a gente tem, mas não posso mentir para você que não quero mais.

— Por isso me disse que conheceu alguém? — rebateu, e mordeu o lábio inferior. — Estava falando sobre mim, esse tempo todo?

Ela pareceu me ler tão bem, que fiquei estático. No segundo em que ela se levantou da poltrona, passando por mim, com uma mão na cabeça, fiz o mesmo caminho, sabendo que precisava que ela entendesse.

— Eu sei que pode parecer estúpido isso, mas eu só queria ver se você notava, ou se importava. — confessei, e ela me encarou, tão séria,

que de repente, não consegui ler absolutamente nada de suas expressões.

— Ane, tá tudo bem se a gente continuar só sendo amigo, eu não quero estragar o que temos ou...

Então, em menos de meio segundo, apenas senti aqueles lábios sobre os meus, e o seu corpo, se agarrar perfeitamente ao meu. Não consegui fazer outra coisa que não fosse, aceitá-la, bem ali. O seu gosto de novo como meu. O seu toque, outra vez, marcando o meu corpo. Do jeito que eu sonhara e me recordava naqueles anos – só que ainda mais forte, mais intenso.

— Por que eu me esqueço que você é tão brega? — perguntou, assim que nos afastamos, e eu a segurava em meu colo, sem conseguir acreditar que ela estava ali, comigo. — Se eu não tivesse me deixado levar pelo terror de você amar outra pessoa, eu teria entendido de primeira.. Fábio, você me ama.

— Eu sou péssimo no amor, né? — perguntei, sorrindo, e ela acabou fazendo o mesmo, encostando nossas testas, enquanto suas mãos estavam em meu rosto. — Não quero ser péssimo com você, e nem pedir mais do que pode me dar.

— Eu quero você. — falou, ao sair do meu colo, e deixar com que minhas mãos fossem para seu rosto, tocando-a da forma que tanto desejei.

— Tudo o que eu quis há dois anos, e me assustei para caralho. Eu corri

não porque você foi um babaca ou parecia perdido, mas porque, eu tinha medo. Medo do que você me causava. E aí... Acabei te amando ainda mais.

— Ane... — uma lágrima desceu, sem que conseguisse evitar, e encostei nossas testas, sem nem saber o que dizer. — Eu ainda tô bêbado ou preso em um sonho, é isso? — indaguei, como se não conseguisse acreditar.

— Não está. — respondeu, e seus lábios vieram para os meus, dando-me um leve beijo, mas que me marcara por completo. — E eu tenho sonhado com aquela noite, todos os dias... o seu toque no meu corpo, o jeito que você se move...

— Porra! — soltei, puxando-a para ainda mais perto, e meu corpo todo já entregue a ela. — A tortura de te ter tão perto e não poder te ter por completo. — confessei, descendo meus lábios para seu pescoço, e mordendo-o da forma que eu lembrava, que ela adorava. Ela gemeu, sendo o som do paraíso que só encontrei com ela. — Diz que me quer. — pedi, levando uma mão ao seu cabelo, e puxando-o para trás.

Assim que a encarei, ela sorria, como se tivesse a certeza ali, de que poderia tudo para comigo. Era claro e óbvio que sim. Bastava ela pedir. Bastava ela me querer.

— Eu te quero. — falou, e não pensei mais, apenas tornei aqueles

lábios meus.

Ane

As mãos dele estavam em meu cabelo, enquanto as minhas perdidas ao tentar retirar o único tecido que o cobria. No segundo em que o empurrei na cama, e tirei a camiseta, que por ironia ou não, era dele, optei apenas por ficar nua de vez, e ir até ele. O olhar negro me consumia, como se finalmente liberto. Ali, era claro o desejo que ele sentia e a forma como me adorava. *Como não vi aquilo antes?*

— Sabe quantas vezes sonhei com isso? — perguntou, com suas mãos descendo na lateral de meu corpo, queimando-me no simples toque.

— Acho que preciso que me prove, o quanto realmente me quer. — provoquei, enquanto levava meus lábios para os seus, e apenas senti-o me virar na cama, e em um segundo, seu corpo estava sobre o meu.

Seus lábios não precisavam me dizer nada, porque sozinhos, eles faziam a história. Desceu-os, lentamente por meus seios, fazendo-me agarrar aos cabelos que eu tanto queria bagunçados entre meus dedos. A

cada beijo, lambida e mordida, ele descia mais, e seus olhos, nunca saíram dos meus. O retrato do pecado, bem ali. Disposto a me enlouquecer.

Quando o prazer chegou, com sua boca tomando tudo de mim, levando-me a entender que por mais que tentássemos e escondêssemos, aquele desejo fazia parte de nós. Era nosso. E era tão bom, estar ali, exposta, em todos os sentidos, para ele.

— Depois de você, sempre foi você. — falou, assim que nossos olhares se conectaram, e eu sabia o que queria deixar claro. Que ele não esteve com mais ninguém. — Sempre vai ser você, Ane. — uma lágrima desceu, e meu coração se afundou, assim como meu corpo todo implorou para que o tomasse.

— Perdidamente. — falei, tocando seus lábios com os dedos, e sentindo-o se posicionar em mim. Diferente de apenas o desejo que nos envolveu anos atrás, existia mais. Sempre existiu mais. E ali, era fácil perceber. Era fácil aceitar.

Ele me tomou, e fechei os olhos, sem conseguir me conter, enquanto meu corpo todo, o recebia como se fosse o lugar certo. Cada parte de mim, completamente eletrificada, e meu coração na mesma sincronia que a dele. *Ele conseguia ver em mim, que era apenas dele? Que depois dele, esqueci qualquer outro nome que fosse?*

— Eu sei. — falou, como se pudesse me ler, e eu gemi, no primeiro movimento que seu corpo fez. — Eu te amo. — falou, e sua mão segurou com força a lateral de minha bunda, levando-me ainda mais para ele. — Eu não vou me cansar de repetir isso.

— Não canse. — falei, levando minhas mãos pra sua bunda, e trazendo-o ainda mais para mim. Ele gemeu, e aquele era o som que eu tanto queria ouvir novamente, em tempos. Suspirei profundamente, nublada pelo seu toque. Perdida pela sua voz. Aterrorizada pelo sentimento de posse. Apaixonada por cada parte dele.

A cada encontro de nós dois, eu sabia que não tinha volta. Se era, que algum dia, de fato, o tivemos. Ele era o meu, o tanto quanto, eu me descobri completamente dele.



— Lembra de quando a gente dançou, no aniversário da Gabi? — indagou, enquanto eu estava vestida apenas com sua camisa social, sobre seu colo, e ele com uma das calças de moletom, que geralmente deixava

em algumas gavetas minhas.

Nós tínhamos uma vida juntos, mesmo que não admitíssemos antes. Era um fato, que nada mudava. E o sexo, sinceridade e entrega, apenas complementavam e exacerbavam aquilo.

— O de dezoito? — indaguei, e ele assentiu, beijando meu ombro, enquanto eu terminava de tomar o chocolate quente que ele fizera. Horas de sexo, perdida em seu corpo, e ali estávamos nós, presos um no outro, novamente. — O que tem?

— Eu só pensei em como seria, poder dançar, a noite toda, com você. — confessou, e tocou meu rosto, fazendo-me sorrir, enquanto colocava a caneca no chão, e me virava para si. — É um sonho, preciso dizer.

— A gente dança sempre, em boates, festas na empresa... Mas eu sei o que quer dizer. — comentei, sabendo que aquele momento, me marcara também. Nunca, dançar com alguém, me enfeitiçara tanto. Deixara-me tão presa e sem chão. — Por que não dança comigo agora? — perguntei, e ele arregalou os olhos, mas era claro, pelo sorriso, que adorou a ideia.

Era quase de manhã e logo mais, teríamos que estar na empresa, mas aquilo, parecia ser apenas um detalhe.

— Ane Sousa, aceita dançar comigo? — perguntou, como o bom cavalheiro que era. O lado dele que eu amava o tanto quanto odiava. Com certeza, existia mais amor.

Levantei-me de seu colo, fazendo uma leve reverência, e ouvi sua risada.

— Vamos ter que afastar os móveis. — avisei, e ele praticamente correu para abrir espaço no tapete da sala, e eu sorri, enquanto levava a caneca para a cozinha. Quando voltei, ele se encontrava perfeito, no centro do tapete, com uma mão esticada em minha direção.

— Me concede essa dança? — perguntou novamente, no tom que eu adorava, e neguei, enquanto lhe esticava a mão e aceitava. Era uma contradição gostosa que sempre gritava entre nós.

Amar Fábio Moraes nunca pareceu uma boa opção, mas ali, depois de tudo que acontecera entre nós, era perfeito. Porque era o melhor clichê que eu poderia sonhar em ter, mesmo nunca tendo desejado.

— Alexa, tocar Dress da Taylor Swift. — pedi, assim que ele me puxou para perto, e seu riso era minha resposta. — O que acha dessa música?

— Que eu quase morria no carro, toda vez que você cantava ela. — anunciou, fazendo-me gargalhar, enquanto me guiava, e não pude evitar,

imaginá-lo todo tenso enquanto dirigia. *Como eu não percebi?*

— Se eu tivesse planejado uma vingança de dois anos por você ter sido babaca, não funcionaria tão bem. — debochei, e nossos olhares se encontraram, enquanto ele dramatizava.

— Acha que de todos os mocinhos que você tanto ama e me conta de romances, eu mereço uma redenção? — perguntou, surpreendendo-me, como sempre, por realmente prestar atenção em cada coisa que lhe contava. Além de tudo, ele era meu melhor amigo. Ele se tornara uma parte de mim. Me apaixonei pelo irmão da minha melhor amiga, uma vez, mas ali, apaixonava-me pelo meu melhor amigo também.

— Talvez. — falei, mordendo o lábio, e dançando com a música, que chegara no refrão. — *“Gravei seu nome na cabeceira da minha cama porque eu não quero você como um melhor amigo... só comprei este vestido para que você pudesse tirá-lo...”*^[18] — cantei, olhando-o, e sabia que ele me entendia por completo. Seu olhar mudou, e a cadência era clara.

Fez-me gira a sua frente, usando apenas sua camisa, e era como, se ela fosse o vestido perfeito para que ele tirasse.

— Vou tirar todos os vestidos que quiser. — anunciou, assim que voltei para seu corpo, e senti-me ainda mais perdida por aquele sentimento. — Sendo seu melhor amigo, parceiro...

— Amante. — falei, e ele assentiu, trazendo seus lábios para os meus.

Os olhos negros me encontrando, segundos depois, inundando com a escuridão que ele apenas tinha ali. Porque no resto, tudo nele, era pura luz. Ele era uma das luzes que me guiavam, todos os dias. E eu não saberia dizer como, mas sabia, que por mais que tivesse sido tão mais complicado do que poderia, era certo.

Enquanto eu estava em seus braços, girando pela minha sala de estar, eu soube que era o suficiente, porque era nosso. Só nosso.



“Estou rindo com meu amor
Construindo fortalezas debaixo dos lençóis
Confio nele como um irmão
Sim, você sabe que fiz uma coisa certa”^[19]

Ane

O barulho do meu celular me despertou e eu pisquei algumas vezes, ao notar que o sol já se fora, e sabendo que os braços fortes de Fábio

estavam ao meu redor. Ele tinha um sono pesado, e portanto, era fácil, apenas sair e voltar para a mesma posição, ou até mesmo, atender uma ligação próxima a ele.

Tínhamos ido para o trabalho direto, sem sequer pregar o olho. A nossa madrugada/começo de dia juntos, tinha sido tão arrebatadora, que não conseguimos dormir. Por aquilo, assim que chegamos do trabalho, e como sempre, ele resolvera vir ao meu apartamento, apenas acabamos desabando na cama. O sono que não tivemos na madrugada, lado a lado, após um dia de trabalho. *Poderia se tornar algo rotineiro?*

Sorri sozinha apenas pela ideia. A pequena lembrança de tudo que aconteceu conosco naquele curto espaço de tempo, bem ali, fizera-me saber que eu não tinha como voltar atrás. Eu não queria.

Ainda ouvindo o toque de meu celular, o peguei, e dei de cara com uma chamada de vídeo de Gabi. Pisquei algumas vezes, puxando minha mesa de cabeceira que tinha rodinhas, e onde meu notebook estava, para atendê-la por ali.

Assim que cliquei na chamada, e seu semblante apareceu, soube que alguma merda acontecera. Ainda mais, porque a realidade me acertou e lembrei que Antônio estava por lá. *Filho da puta!* Eu precisava ir para lá no dia seguinte.

— O que ele fez? — perguntei de imediato e ela piscou algumas vezes, como se surpresa. — Gabi, que merda Antônio fez?

— *A gente transou e eu... sei que fui fraca, e... Ai cacete! — pareceu estar perdida por alguns segundos, e notei a preocupação em seu olhar. — Rejeitei ele minutos depois.*

— Puta que pariu! — soltei, completamente surpresa, e senti Fábio se mexer ao meu lado, mas não tinha como Gabi vê-lo ali.

Não que quisesse escondê-lo, mas sequer sabia o que éramos naquele momento. O medo do que aconteceu há dois anos me rondou, porém, meu foco no momento era o que acontecera com Gabi. Ela tinha rejeitado o cara que a rejeitou? *Era a minha garota, porra!*

— O que? — gritei, sem conseguir crer. — Você rejeitou o Antônio depois de transar enlouquecidamente com ele?

Ela abriu a boca para dizer algo, mas se calou no seguinte. Ou seja, era real. Ela o fizera. Comecei a gargalhar, orgulhosa da minha melhor amiga e bati palmas, que geralmente, era o seu gesto de comemoração. Por ela, até aquilo eu faria.

— Fábio! — vi-me gritando o nome do homem apagado ao meu lado, que se não o fizesse, continuaria dormindo.

Por um segundo, joguei a minha insegurança do passado pela

janela, e precisava compartilhar aquele momento com ele. Mesmo que ele fosse o melhor amigo do Antônio. *Foda-se! Ele mereceu!*

Ele se levantou lindamente sem camisa, olhando-me enquanto piscava algumas vezes, como se acostumando com a realidade.

— O que foi, coisa linda? — perguntou em um tom baixo, abraçando-me pelas costas, e quase me derreti por completo bem ali. Ele era o meu ponto fraco, e agora tinha total noção daquilo. Acertava-me onde precisava.

Cutuquei-o com o braço, e ele pareceu finalmente notar o notebook a nossa frente, e por alguns segundos, temi por sua reação. *Por favor, não me faça te perder por outra merda dessas!* Vi-me pedindo, mesmo que confiasse totalmente nele. O problema era que a vaga ideia de perdê-lo, de alguma forma, era assustadora. Assim como, amá-lo livremente, me assustava para caralho.

Ele então praticamente passou a minha frente, e sabia que sua superproteção com Gabi estava ativada. Por mais que não entendesse como ele podia conciliar a amizade com Antônio, mesmo depois de toda aquela merda.

— O que aconteceu? — ele perguntou, e eu não pude me segurar.

— Sua irmã rejeitou tão gostoso o seu amigo. — falei, e ele

arregalou os olhos em minha direção, voltando-se para ela no segundo seguinte.

— O que aconteceu? — ele perguntou em um tom sério, o qual me surpreendeu, e vi-me presa aquela conversa.

— *Não é como Ane está falando, eu só... As coisas entre nós saíram do controle, e eu soube que não tinha como voltar, nem mesmo, a sermos amigos.* — *ela falou e notei a tensão clara no homem à minha frente.* — *Por que parece tão preocupado?*

— Vocês conversaram, sobre tudo? — a pergunta de Fábio me assustou, e acionou toda minha curiosidade. — Então, simplesmente não sente mais nada por ele?

— Opa opa! — cortei-o, sem conseguir evitar. — Eu te chamei apenas para comemorar, um minuto de paz que o carma funciona. O papo real é comigo. — empurrei seu ombro, e ele pareceu não entrar na brincadeira ou entender.

— As coisas são mais complicadas do que imagina, Ane. — a forma séria como ele me encarou, me deixou ainda mais perdida. — Sei que te vi sofrer por ele, por mais tempo que gostaria. Mas eu vi o outro lado da moeda também, maninha.

— Vai mesmo o defender, depois de toda essa merda? —

perguntei, odiando o caminho que aquela conversa tomava. Não aceitaria, de forma alguma, que alguém defendesse Antônio após o que fizera. Nem mesmo, o homem que eu amava.

— Eu vi os dois lados. — ele rebateu e neguei com a cabeça, sem acreditar. — Eu preciso saber se conversaram, mana.

— *A gente... — desviei o olhar para Gabi, que parecia completamente confusa, e eu sabia, que precisava estar lá por ela.*

— Eu sei que pode parecer que estou comprando um lado e que... Pensa o que quiser de mim, mana. Mas você sabe que eu nunca, jamais, te falaria para dar a chance para um cara, se eu não tivesse certeza que vale a pena. Se o ama, como um dia disse que amava... Sei que o sentimento é confuso e traz mais do que a gente pode lidar. — ele então me encarou, e tudo que acontecera entre nós me atingiu em cheio. Sabia que me sentia da mesma forma. — Mas se o ama, dê essa chance não a ele, mas a esse amor.

— *Antônio está por um jogo, Fábio. — ela falou, claramente angustiada, e sabia que já era demais. — Não posso deixar ele vencer.*

— Se ainda pensa isso dele, então, com toda certeza não sabe nada do que realmente aconteceu. — Fábio falou e por mais que quisesse compreender, sabia que não existiam razões que justificavam o que Antônio fez. Poderiam explicar, mas jamais justificar.

— Ela não precisa saber de tudo para entender que o cara pode pisar no coração dela, de novo. — rebati, e ele me encarou como se processando aquilo.

— Assim como eu não preciso de muito para entender que você pode fazer isso comigo. — falou, e me atingiu em cheio, porque era o exato poder que ele exercia sobre o mim. O que nos manteve tão perto quanto afastados naqueles últimos dois anos. Ele então voltou o olhar para a tela, e eu fiquei ali, querendo saber mais. — Eu te amo, irmãzinha. E eu sei que vai me matar quando descobrir o que sei, mas... É uma história dele. Ou melhor, de vocês.

— *Eu não amo Antônio. — Gabi falou e eu tive que revirar os olhos, porque eu sabia, que era uma mentira que contava a si mesma, todos os dias naqueles dois anos.*

— Não pode mentir para as pessoas que te conhecem tão bem e achar que vai as enganar. — falei, e ela me encarou profundamente, e eu entendi: não estava sendo fácil. — Eu não apoio esse relacionamento, mas eu sempre vou estar aqui, para pegar cada caquinho seu e por no lugar, se for preciso. — fui sincera, e notei a forma como ela parecia devastada.

— *Não vai precisar. — falou, secando uma lágrima, e me quebrou vê-la de tal forma. — Eu tenho que ir, só liguei para... Eu vou sair para dançar e esquecer um pouco desses dias. Tem sido uma montanha russa.*

— Eu vou estar aí, para dançar com você amanhã. — falei, sabendo que finalmente teria um tempo livre para poder vê-la e se precisasse, afastá-la de Antônio e qualquer um que quisesse feri-la. — Consegui folga para esse final de semana, e não tente me negar. Eu vou de todo jeito. Aliás, seu irmão vai me levar.

— Eu? — Fábio indagou, entregando-me um sorriso de lado, que eu sabia, já respondia o óbvio: ele iria.

— *Amo vocês. — falou e meu coração se apertou pela saudade e preocupação. — E se puderem, já façam meu sobrinho. Obrigada!*

— Sua...

Ela então desligou na nossa cara, e eu revirei os olhos, porque ela sempre era assim. No segundo seguinte, apenas senti mãos no meu rosto e um corpo se deitando sobre o meu.

— Pela primeira vez, nesses anos, posso não só sonhar em realmente fazer o sobrinho que Gabi tanto pede. — soltou, no tom leve e gostoso que eu tanto adorava, e eu neguei com a cabeça sorrindo.

— A gente mal se acertou e você quer me engravidar, homem. — seus lábios vieram para os meus e eu sorri em meio ao beijo, porque por mais que tudo pudesse ser confuso, quando era certo, apenas o era. E com ele, só poderia ser. — Primeiro, vamos ver onde isso vai dar...

— Em um altar. — falou sonhador, e eu apertei sua barriga, fazendo-o focar em mim. — Segundo? — indagou, beijando meu pescoço, e fazendo-me quase gemer com o resvalar de seus dentes em minha pele.

Quente.

Quente como o inferno.

Dois anos sonhando com aquele toque, e ele estava ali, novamente como meu.

— Segundo, quero ter gatos e cachorros antes de qualquer outra ideia mais séria. — continuei, e suas mãos me firmaram, no segundo em que sua boca passou sobre meu seio, e em seguida desceu para minha barriga.

— Uma ideia mais séria, seria um filho nosso? — perguntou, levantando minha camiseta, e beijando minha barriga exposta, deixando-me presa a intimidade que compartilhávamos.

— Por que a gente perdeu tanto tempo? — vi-me indagando, e puxei-o para cima, para ter seu olhar diretamente no meu.

— Porque eu ferrei tudo mentindo para você. — respondeu, e mesmo que quisesse apenas acreditar naquilo, sabia que não era o todo responsável.

— Mas estamos no lugar certo agora. — acariciei sua barba e

soube que ele era o meu lugar certo, bem ali.

— Acho que devíamos adotar um gato. — falou, antes de quase encostar nossos lábios e eu sorri abertamente. — Daí, pode ser que você consiga pensar em como é ter um anel meu no seu dedo e um filho nosso...

— Você quer um gato comigo para usá-lo como chantagem ou ponte? — rebati, debochando dele, o qual não negou. — O que eu faço com você, Fábio?

— Me ama, assim como eu te amo. — falou, e seu sorriso mudou completamente de figura, dando-me a intensidade que sempre estivera ali, cercando-me. — Perdidamente, coisa linda.

— Amo você, perdidamente.

Uni nossas bocas, e soube que não precisava falar mais nada. Nós poderíamos ser diferentes em mil coisas e detalhes, mas em uma única e realmente importante, éramos iguais: a gente se amava. E aquele, era o nosso recomeço, na mesma cama, onde tudo começou.



“Pegamos nossos corações partidos, colocamos em uma gaveta

Todo mundo aqui era outra pessoa antes

E você pode querer quem você quiser”^[20]

Ane

— Eu aposto que vou quebrar a cara e eles vão ter se entendido. —
falei, no momento em que Fábio chegou próximo ao centro da pequena
cidade.

— Eu aposto quem faz o almoço amanhã, que vou encontrar Antônio ainda chorando as mágoas. — comentou, com um sorriso de lado, que no fundo, eu tinha certeza, que ele achava o mesmo que eu. Apertei sua mão sobre minha coxa, consolidando a aposta, que com toda certeza, eu venceria. Meu coração não se enganava sobre. — Eu só quero ver a cara da Gabi ao descobrir que a gente está junto.

— Na cabeça fanfiqueira dela, a gente está há dois anos nessa, e eu só te enrolo. — falei, rindo ao lembrar que minha melhor amiga realmente acreditava naquilo. No fim, como sempre, ela tinha um pouco de razão. — Não sei como ela não deixou escapar que eu te amava, e você me amava... — neguei com a cabeça, incrédula. Gabi era realmente, a pessoa a quem sempre poderíamos confiar.

— Acho que ela nos considera cegos mesmos. — falou, ao estacionar o carro, e eu agradeci aos céus, porque, precisava, urgentemente, esticar as pernas. — E vamos combinar, nós somos. — complementou, fazendo-me revirar os olhos, assim que pulei do carro, e passei a me alongar.

Deveríamos ter ido direto para a fazenda, mas do jeito que estava, reclamaria mais metade do caminho por minhas pernas estarem dobradas, mesmo que tentasse esticá-las sobre o painel. Eu era uma péssima companhia de viagem.

No segundo em que me virei para olhar a rua, paralisei ao notar a cena. Gabi e Antônio juntos, e abraçados.

— Puta que pariu! — falei, e de repente, as pernas, sequer me incomodaram. — Eu não to acreditando! — praticamente gritei, sem conseguir evitar, e corri em direção ao casal. Meu lado protetora gritando.

Vi Gabi beijando Antônio, e por um segundo, me perguntei o que diabos acontecera com aqueles dois. No fim, eu estava certa. Pelo jeito, eles entraram na espiral tão maluca quanto a minha e de Fábio. Contudo, não pude evitar olhar para Gabi e querer socar sua cara porque estava morta de preocupação e ela ali, beijando o babaca.

O amor era realmente uma caixinha de surpresas. Olhei entre os dois, e de repente, meu olhar ficou preso na gata que estava no colo de Gabi. *Meu Deus, eles tinham uma gatinha!*

— Ane! — ouvi o grito de Fábio a minhas costas, e com toda certeza, ele estava tão perdido quanto eu.

— Ok, então... vocês se acertaram? — perguntei, olhando diretamente para Gabi, que eu conseguia entender, apenas assim. Era claro, como ela me encarou, que estava dando uma nova chance a eles. *Ah minha amiga, eu te entendo.* Minha vontade era dizer: bem-vindo ao clube dos corações burros e empacados.

Virei-me então para Antônio e realmente, quis acreditar que ele faria bem a ela, por mais que não conseguisse.

— Eu juro, que se pensar por um segundo, em machucá-la. Cara, eu acabo com a sua vida! — acusei, colocando um dedo sobre seu peito, e deixando claro, que não existia ninguém, que me impediria de o destruir, se ele ousasse pensar em fazer ela derramar outra lágrima sequer.

— Sei que não gosta de mim, Ane. Por um bom tempo, nem eu mesmo o fiz. — falou, e pareceu completamente sincero. — Mas eu amo essa mulher, e eu juro, que não tem porque se preocupar.

— Ok. — falei, sabendo que não cabia a mim decidir por eles. — Agora, alguém pode me dizer, de onde saiu essa coisa mais fofa do mundo? — perguntei, passando a mão na pequena gata, e querendo roubá-la para mim. Troquei um leve olhar com Fábio, que estava bem próximo, e me segurei para não rir, lembrando da nossa conversa no dia anterior.

— Cara, vocês adotaram um gato. — ele falou, ao cumprimentar o amigo. — Eu fiz uma aposta com Ane, de que te encontraria no bar chorando as mágoas.

— Aliás, você me paga! — Gabi falou, dando-me a pequena, a qual eu já me apaixonara por completo. Ela era tão pequenina. — Como teve coragem de ir para Escócia e não me ver?

— Eu...

— O que? — perguntei de imediato, virando-me, e sem entender absolutamente nada.

— Acho que preciso te contar algumas coisas. — Gabi falou, e apenas encarei Fábio, com a pergunta clara: *O que diabos aconteceu? Tem a ver com o fato de entender Antônio?*

Gabi então me puxou para si, levando-me para andar pela rua da pequena cidade, enquanto eu morria de amor por sua gata.

— Ele estava na Escócia também. Implorou que Fábio o mostrasse onde nós estávamos. — comentou, parando próxima a um banco, e apenas o encarei. — Ele me viu beijando Michael.

— Puta que pariu! — soltei, e me lembrei do último caso de quase amor que Gabi tivera. Eu jurei que seria madrinha de casamento dela, com um escocês, porém, o coração dela nunca batera tão forte aquele ponto por ele. — Então Fábio me viu com John? — perguntei para o nada, e fiquei perplexa. — O que eles estavam fazendo lá?

— Ele queria me surpreender e explicar porque agiu como agiu, e... É uma história longa, que eu quero te dar todos os detalhes ainda, mas agora, eu tô tão feliz que...

— Ok, detalhes depois. — falei, e soltei o ar com força. — A gente

se entendeu. — soltei de uma vez, e Gabi me encarou surpresa. — A gente está junto, real. Eu e Fábio. — expliquei, e os olhos negros idênticos aos que era apaixonada, se arregalaram.

— Eu disse que se amavam, cacete!

— Mas ele é complicado, eu sou complicada, e agora... Fábio! — praticamente me virei, gritando por seu nome, e sabia que viraria notícia na cidade do interior, porque não era comum agir daquela forma no meio da rua. Ao menos, não ali.

Ele conversava com Antônio, há alguns metros, e então os dois caminharam em nossa direção, e eu fiquei ainda mais abalada.

— Você estava na Escócia? — indaguei, e ele assentiu, trazendo uma das mãos para a pequena no meu colo, e praticamente a roubando de mim. Não tive reação, porque estava perplexa. — Como conseguiu me esconder isso? — perguntei, sem acreditar. — Eu passei meses falando da viagem, contando todos os detalhes da cidadezinha...

— Falou sobre John? — Gabi alfinetou, e eu a encarei como se pudesse pular no seu pescoço.

— Eu a vi com ele, e felizmente, ela não me contou nada a respeito do amor escocês. — ele falou, fazendo um gesto de desprezo com as mãos, e em um tom que deixava claro, que ele não gostara nem um pouco do que

viu. — E obrigado pela parte que me toca, maninha.

— De nada. — Gabi rebateu, e eu revirei os olhos para ambos.

— Não fui pedida em casamento, não tinha muito o que contar. — falei, no tom certo, para provocar Antônio, que já se sentava ao lado de Gabi, e trazia-lhe para perto de si. — Aliás, nunca vou entender como disse não.

— Ane! — Gabi reclamou, e Fábio gargalhou alto ao meu lado, puxando-me para si.

— Coisa linda e terrível, da minha vida. — comentou, beijando-me, ao me entregar a gatinha, que me tomara toda atenção novamente.

— Antônio não poderia pedir por uma cunhada pior. — soltei, e ele negou com a cabeça, sorrindo.

— Eu gosto dessa bagunça toda. — respondeu, olhando-me com carinho, e odiei o fato de ele não me odiar por odiá-lo. — E ainda vai gostar de mim, Ane.

— Já gostei, como chefe na época do estágio. — dei de ombros. — Agora gosto 1% porque vocês adotaram uma gatinha.

— Nala. — Gabi falou, e eu me derreti por completo. O nome de uma das personagens principais do nosso desenho infantil favorito, o qual já assistimos milhares de vezes juntas, mesmo depois de adultas.

— Por que a gente não adota um Simba? — Fábio perguntou, fazendo-me revirar os olhos e querer socar sua cara.

— Rei leão é golpe baixo. — rebati, olhando-o, e ele deu de ombros.

— É exatamente aí que combinamos de começar...

— Não vou engravidar tão cedo, Fábio! — cortei-o, e ele revirou os olhos, copiando-me.

— Como assim já estão tendo filhos? — Gabi indagou, e eu a olhei sem paciência.

— Seu irmão e eu mal nos acertamos e ele já quer me engravidar e casar. — falei abertamente, e foi naquele exato momento, que percebi, como as coisas mudaram.

De repente, nós quatro, no centro de uma cidadezinha, falando sobre relacionamento, outros amores, gatos, casamento e filhos. Como tínhamos chegado ali? Vi-me perguntando, mas a resposta era clara: não importava como, mas sim, o porquê.

— Eu ainda vou te engravidar e vamos casar. — sussurrou e eu bati com o cotovelo em sua barriga, fazendo-o se afastar.

— E diziam que não se amavam. — Gabi debochou e revirei os olhos.

— E você dizia que nunca ficariam juntos. — rebati, e ela levantou as mãos em sinal de rendição, como quem dizia: *culpada*. — Como diria dona Leila, o peixe morre pela boca.

— Nesse caso, a gente se ferrou.

Sorri para minha amiga, assentindo, e ouvindo o miado de Nala em meu colo. Com os homens que nós amávamos ao redor, entendia-a ainda mais, no olhar que me entregou: tínhamos encontrado os nossos clichês. As duas fanfiqueiras, que cresceram devorando livros de romance de todos os tipos, estavam presas ao amor. E de alguma forma, era bem mais bonito do que nos livros, talvez, porque era real.



“Você se lembra, nós estávamos sentados à beira d'água?

Você colocou seu braço ao meu redor pela primeira vez

Você tornou rebelde a cuidadosa filha de um homem descuidado

Você é a melhor coisa que já foi minha”^[21]

Ane

— *Sei que me ligo porque te obriguei como sempre a me avisar se chegou bem à fazenda. — minha mãe falou do outro lado da linha, e eu*

tive que sorrir, olhando para o lago, em quase completa escuridão, se não fosse pelas poucas luzes ao redor e as estrelas. Algumas coisas, realmente, não mudavam. — Mas eu preciso saber, por que está suspirando ao telefone?

— Eu o amo. — confessei, e suspirei profundamente. — Lembra que eu prometi, que nunca amaria alguém, por que vi o sentimento machucar a gente?

— O que a gente sofreu no passado, nas mãos daquele homem, nunca foi por amor, minha querida. — ela falou, enquanto eu deixava uma lágrima descer, e assentia para o nada. O homem que ela citara, tecnicamente, era meu pai. Contudo, nunca o fora de fato. — Eu sou grata por ele não ter estragado esse sentimento tão bonito.

— Eu tive de você, o mais belo e sincero. — confessei, e sorri sozinha. — Estou emotiva, minha mãe. Fábio me faz sentir assim.

— Eu te perguntei se era ele, e você não conseguiu negar, lembra? — indagou e eu lhe disse um simples “sim”. Ela me perguntara aquilo, no segundo em que Fábio foi ao banheiro, após almoçarmos com ela durante a semana. — Estava na sua cara, assim como, na dele.

— Eu sei. — falei, e ela gritou “e por que demorou tanto então?” — Agora eu sei. — complementei e sabia que se estivesse ali, ela estaria

me endereçando um olhar mortal.

— *Ele te faz bem. — falou e eu sabia que era verdade. — E eu estou louca para ver a minha menina de branco.*

— Até você já quer me casar, mãe. — gargalhei sozinha, e neguei com a cabeça. — Estou muito bem, passos de bebê.

— *Isso mesmo! — gritou, surpreendendo-me. — Pode me dar um neto.*

— Eu me esqueço, às vezes, que herdei toda minha sinceridade de você. — sorri ainda mais. — Eu só queria dizer que te amo, minha mãe. E muito.

— Eu também, minha filha. — respondeu, dando-me o quente no coração, que apenas ela conseguia. — Se cuide, Ane, do jeito que...

— A senhora me cuidaria, eu sei. — respondi, e ela desfez a ligação, não me surpreendendo em nada. Por aquelas e outras, ela se dava tão bem com Fábio.

— Fugindo? — a pergunta veio as minhas costas, e me virei, encontrando o homem que estivera exatamente ali comigo, anos antes, no momento em que fizemos a escolha de sermos apenas amigos.

— Talvez. — provoquei, e seus braços vieram ao meu redor, puxando-me para si. Uma de suas mãos parou em meu rosto e eu fechei os

olhos diante do seu toque. — Uma vez, me disseram que algumas coisas não mudavam. — falei, e ele sorriu lindamente, como se preso na mesma lembrança que eu.

— Queria tanto ter dito que eu queria que a gente mudasse, que te queria como um louco. — falou e eu assenti, sabendo que não mentia.

— Se a gente tivesse ficado junto naquela época, talvez, não estivéssemos aqui hoje. Talvez não tivéssemos ficado tão próximos, mais apaixonados...

— São muitos “talvez”. — comentou, e eu assenti, agarrando-me a seu corpo. — Gosto da certeza que temos agora.

— Eu gosto de olhar para você e não ter que esconder mais nada. — confessei, e ele passou o nariz levemente sobre o meu, fazendo-me rir. O toque dele, me tornando uma viciada. Para alguém que apenas negava o seu toque no passado, era atordoante.

— Pela primeira vez estou feliz por ser óbvio e brega. — soltou, e eu tive que rir. — Porque se não percebesse que estava falando sobre você, ia acabar fazendo uma serenata ou algo pior.

— Ia cantar Taylor Swift? — provoquei e ele mordeu o lábio inferior, sorrindo.

— Eu ia cantar o seu álbum todo favorito, se isso me desse uma

chance, de te ter nos meus braços de novo. — confessou, e eu sabia que não poderia duvidar. Ele era capaz de tudo quando queria algo, até mesmo, das coisas menos usuais.

— Qual o meu álbum favorito então? — desafiei-o, e ele sorriu abertamente como se fosse fácil. — Por que parece tão fácil assim? — indaguei, apertando sua barriga e ele gargalhou.

— Nada sobre você é realmente fácil, coisa linda. — apertou meu nariz, e me trouxe novamente para si. — Mas eu sei que é uma boa mistura de Speak Now com 1989, talvez uma pitada de Reputation.

— Sem querer arriscar um só, né? — rebati, e ele me olhou, como se me desafiasse.

— Eu duvido que tenha um só favorito. — falou, e eu revirei os olhos. — Então vai lá, me diz.

— Odeio o fato de você ter acertado em cheio. — respondi, e ele me lançou o olhar arrogante e poderoso, que como sempre, me fazia apenas rir dele. — Como me conhece tão bem e não percebeu que eu te quero na minha cama?

— Eu não sou bom em alguns detalhes, devo dizer. — admitiu, e eu neguei com a cabeça. — Você sempre pareceu tão bem consigo mesma, com as noitadas, com seus amigos que eu... Não sei, não pensei que

pudesse querer o meu amor, e muito menos, sentir o mesmo.

— Se a gente não considerar que eu voltava sempre para dormir com você ou passarmos o dia seguinte juntos. — falei, e ele sorriu, como se lembrasse.

— Pensei que fosse minha pobre mente iludida. — assumiu, e eu ri ainda mais.

— A gente é parecido no amor. — confessei, e ele negou com a cabeça.

— Não é péssima como eu, acredite. — tocou meu rosto com ambas as mãos, e vi-me segurando contra elas, completamente apaixonada. — Não há nada péssimo em você.

— Seu cavalheirismo me irrita e excita na mesma proporção. — sussurrei e ele me olhou como se pronto para tirar toda minha roupa. — Não me olha assim! — pedi, e ele pareceu entrar no jogo.

— Assim como? — perguntou, descendo uma mão para meus lábios, e medindo-os com os dedos.

Aquele homem sabia exatamente onde tocar para me ter louca por ele. Era por aquilo, que não existia a possibilidade de no fim, não estarmos juntos por completo. Existia algo que sempre me puxou para ele, e pelo jeito, a sensação esmagadora também o atormentou por todo aquele tempo.

— Como se quisesse te foder contra essa árvore? — perguntou a minha orelha, puxando o lóbulo, e cravei minhas unhas contra seu peito, sabendo que a ideia era realmente tentadora.

— Eu sempre quis foder ao ar livre. — confessei, e seu olhar voltou para o meu. Ele então puxou meu cabelo pela nuca, fazendo-me arfar. Por todos os infernos, eu queimaria, sempre, com aquele homem.

— Ok casal clichê número dois! — o grito de Gabi o fez parar no segundo em que nossos lábios quase se encontraram. — Eu quero tirar uma foto nossa! — gritou ainda mais alto, e ouvi seus passos se aproximando.

— Nunca pensei que minha irmã, depois de adulta, seria uma empata foda.

— Idiota! — falei, empurrando-o pela barriga, e sorrindo. — Por que vamos tirar uma foto a essa hora? — perguntei, indo até Gabi e agradecendo a escuridão parcial, para que ela não notasse que eu estava uma boa bagunça e o irmão dela, sem condições.

— Porque eu estou feliz. — falou, assim que me aproximei de fato, e puxou-me pela mão. — Eu já era feliz, mas ter vocês todos aqui, ao mesmo tempo... — suspirou, como boa romântica e sensível que era. Gabi era minha metade, sem dúvida.

— Eu sei. — complementei, e passei um braço ao seu redor, trazendo-a para mim. — E onde está o seu príncipe nada encantado? — perguntei, e ela sorriu, e assim que nos aproximamos da casa, era claro o brilho em seu olhar. Ela o amava.

— Quando vai parar de implicar com ele? — indagou, mesmo que já sabendo da resposta.

— Nunca. — respondi, piscando um olho, e então notei Antônio parado na entrada da casa, como se nos esperando.

Ele me olhava como se grato, e sabia exatamente sobre o que era. O homem já viera pronto para pedir minha amiga em casamento, antes mesmo, de ter ideia se ela o aceitaria de volta em sua vida. O mais engraçado de tudo, foi tê-lo pedindo minha ajuda e de Fábio para que aquilo acontecesse. E poderia dizer, que talvez, ele ganhara um 1% a mais comigo. Talvez, 0.5.

melhor de tudo, era que Gabi não desconfiava de nada. E eu, como sua melhor amiga, sabia, o quanto ela ficaria chocada e amaria tudo o que ele planejou. O romance perfeito para a mocinha perfeita.

— Aliás, a gente pode convidar o Michael *pro* seu casamento? — indaguei, e ela me encarou espantada.

Pisquei um olho para Antônio, o qual pareceu tenso por alguns

segundos. Mal sabia ele, que poderia confiar em mim, contudo, eu o faria passar todo o nervoso possível. Ninguém mandou ser um babaca no passado. Os jurois seriam por minha conta.

— Primeiro, que eu não vou casar tão cedo. — rebateu, e notei o exato momento em que ele pareceu voltar a respirar, ao mesmo tempo que, com certeza, estaria se perguntando: *Gabriela diria sim?* Eu não perderia aquilo por nada, mesmo sabendo que era uma resposta óbvia. — E segundo, por que convidaria o meu ex?

— Porque a gente quase foi ao casamento dele. — rebati, e ela pareceu pensar sobre. — Somos adultas e maduras. — falei, mordendo o lábio inferior, e segurando-me para não rir.

— O que você tá falando para que Antônio esteja a ponto de infartar? — a voz de Fábio se fez presente, e eu tive que gargalhar, sem conseguir me segurar. Gabi foi até o seu amor, sentando-se sobre seu colo, e me olhando mortalmente.

— Ele vai sobreviver. — falei, virando-me para o meu amor, e sorrindo. — Aliás, e a foto? — perguntei, e Gabi fez um sinal em direção à nossa frente. Olhei em direção ao que ela mostrava, e localizei um tripé com uma câmera.

— Temos cinco segundos. — Antônio comentou, olhando algo no

pulso, que deveria ter algum timer ou algo parecido. Daquele tipo de tecnologia, meu conhecimento era zero. — Três...

Quando pensei em me arrumar, Fábio apenas me levantou para si, fazendo-me rir, e senti os flashes sobre nós, enquanto eu tentava evitar que ele me colocasse muito no alto. O casal fofo de um lado, e o casal maluco do outro. Bom, no fim, nós quatro, éramos boas histórias de amor a serem contadas.

o melhor clichê era nosso

“E você sabe que eu faria tudo por você

Sentaria com você nas trincheiras

Te daria minha vida selvagem, te daria um filho”^[22]

Depois...

— Ravena! Simba! Nala!

Ane chamou ao chegar ao corredor, e ouviu o barulho de outra coisa caindo. Arregalou os olhos, e tentou não fazer tanto barulho, e odiando o fato de ter acordado com aquilo. Os gatos dela e de sua melhor amiga, deveriam estar destruindo alguma coisa, como sempre. Não sabia ao certo, em que momento apenas aceitaram, que aqueles três juntos, eram problema na certa.

Contudo, ela e Fábio sempre insistiam e trazer os pequenos quando visitavam Gabi, com Antônio a tiracolo, mesmo que Ane o considerasse um cachorro. *Deveria ser o que? Quatro da manhã?* Bufou, ao descer as escadas com cuidado, e caminhar em direção a cozinha. Paralisou um passo, quando o som de destruição parou, e viu os três pestinhas de quatro

patas correrem em direção à sala, como se não tivessem feito absolutamente nada.

— Ótimo! — reclamou, sabendo que acordara à toa, e que no fim, era como se eles tivessem um relógio biológico perfeito para acabar com seu sono de madrugada.

Por um segundo, viu-se indagando de como seria, ter um filho. Com toda certeza, o seu sono se tornaria um mito. E ainda mais, Fábio teria que se virar e perder o sono pesado, porque eles se dividiriam em 50 a 50. Sequer sabia porque estava pensando sobre aquilo.

No momento em que pensou em apenas voltar para o quarto, parou o passo, ao ver Gabi saindo do banheiro ao final da sala de jantar, claramente pálida e com os olhos marejados. Correu até a melhor amiga, e a encarou por inteira, procurando algum machucado ou algo que pudesse explicar tal situação.

— O que aconteceu? — perguntou, engolindo em seco, e levando Gabi até a cadeira, fazendo-a sentar. — Gabi, pelo amor de Deus...

— Eu acho que to grávida. — Gabriela confessou, e lhe mostrou uma sacola, que carregava. Assim que Ane abriu-a, notou pelo menos cinco testes de gravidez, mas todos eles fechados. — Eu... Eu acabei de vomitar de novo, mas to morrendo de medo de fazer o teste.

— Por que? — Ane indagou, completamente perdida, e com o coração na mão.

— Eu e Antônio ainda vivemos longe um do outro e... — ela soltou o ar com força, claramente emotiva. — Não sei se tenho coragem de fazer.

— Mas você vai ter. — Ane falou firmemente, e fê-la levantar, trazendo consigo a sacola com os testes. — Se estiver, a gente vai amar tudo isso. E ele ainda mais. — falou, e sabia que por mais que não apoiasse aquele relacionamento, era claro o amor que sentiam um pelo outro. Antônio e Gabriela eram o complemento um do outro. Todavia, entendia por completo a insegurança da melhor amiga.

— Faz comigo. — Gabi praticamente implorou, fazendo Ane arregalar os olhos. — Só para eu conseguir me acalmar, não sei. — soltou, e Ane assentiu, sem saber ao certo se deveria ou não. No caso, quando se tratava de Gabi, se fosse para ajudá-la, ela faria qualquer coisa.

— Você faz xixi no seu potinho aí. — Ane falou, mostrando o banheiro atrás da amiga, e suspirando profundamente. *Aquela madrugada rendia.* — Eu vou no banheiro aqui na frente... — fez sinal para o que ficava do outro lado da escada, e viu Gabi assentindo. — Aqui. — deu um teste para a melhor amiga, e foi até o outro banheiro.

Ane apenas pensava o quão maluco era tudo aquilo. Enquanto Gabi

estava em lágrimas e sorrisos, sem saber ao certo o que estava fazendo. Gabriela foi a primeira a sair do banheiro, deixando lá dentro, o teste, que logo mais, deveria aparecer o resultado. Viu Ane entrar em seu campo de visão e soltou o ar com força, a amiga, sempre estava ali, para o que fosse, e ela, nunca poderia ser menos grata.

— Ok, o meu teste tá lá, diz que precisa esperar um tempo, algo assim, mas...

— De 1 a 3 minutos. — Gabi falou e Ane apenas assentiu, sequer tinha prestado atenção nos detalhes. — Pode ver para mim? — indagou, depois de algum tempo, e Ane assentiu, entrando no banheiro pelo qual a melhor amiga saía. Assim que olhou para o teste, soube que a resposta era óbvia. Escrito claro: Grávida.

Quando voltou para fora do banheiro, com o teste em mãos, encontrou Gabi olhando para um igual ao que ela carregava, com os olhos arregalados.

— O que foi? — perguntou, aproximando-se, e por um segundo, esquecendo-se de dar a notícia. No momento que Gabi lhe entregou o outro teste, leu a mesma palavra, e sorriu. — Por que me fez ir ver se fez outro e...

— É o seu. — Gabi falou, e Ane paralisou por alguns segundos.

— O que? — Ane indagou, sem conseguir crer. Por um segundo entrou em uma espiral que não sabia como sairia. — Eu...

— Eu também tô grávida. — Gabi falou, pegando o teste que a amiga trouxera do banheiro, e que era dela. — Ane... — balançou a melhor amiga em completo choque. — A gente vai ser mãe.

E aquela era outra história, que ainda precisava ser contada...

Fim

E chegamos ao fim, e eu espero que de alguma forma, Ane e Fábio tenha alcançado as expectativas de todas que me pediram por eles. Um casal completamente diferente do primeiro, em mil questões, contudo, praticamente iguais, quando se trata do amor. Sei também que, dá saudade assim que a gente lê “FIM”, porém, queria dizer que caso se interessem, poderemos ter um cadinho mais, dos dois casais em um livro bônus. Adoraria escrever sobre como ficou a vida de todos eles, e ainda mais, sobre a gravidez dupla. Essa ideia tá firme e forte aqui comigo. Não sei, apenas jogando para vocês, para me contarem, se gostariam de ter um pouco mais deles rs

Caso tenha gostado da leitura, não esqueça de deixar sua avaliação. Ela é muito importante para que a história chegue a outras pessoas e desperte interesse nelas. E caso, queira conhecer mais do meu trabalho, recomendo que me encontre nas redes sociais, principalmente, o Instagram (@alineapadua).

Muito obrigada por chegar até aqui

Espero te ver em outras histórias 💎💎

Com amor,

Aline

Contatos da autora

Instagram: @alineapadua

Wattpad: @AlinePadua

Facebook: Aline Pádua

Grupo do facebook: Romanceando com Aline Pádua

Meus outros livros: [aqui](#)

^[1] Trecho da canção intitulada Sparks Fly da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

^[2] Série de livros de romance de época da escritora norte-americana – Julia Quinn

^[3] Trecho da canção intitulada Style da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

^[4] Trecho da canção intitulada Style da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

^[5] Trecho da canção intitulada Enchanted da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

^[6] Trecho da canção intitulada How You Get The Girl da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

^[7] Trecho da canção intitulada So It Goes... da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

^[8] Trecho da canção intitulada Wonderland da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

^[9] Trecho da canção intitulada Haunted da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

^[10] Trecho da canção intitulada Story Of Us da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

[11] Trecho da canção intitulada Out Of The Woods da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[12] Trecho da canção intitulada Clean da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[13] Trecho da canção intitulada Last Kiss da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

[14] Trecho da canção intitulada This Love da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[15] Trecho da canção intitulada *Por que não eu?* do artista brasileiro Leoni.

[16] Trecho da canção intitulada Wildest Dreams da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[17] Trecho da canção intitulada Sparks Fly da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

[18] Trecho da canção intitulada Dress da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[19] Trecho da canção intitulada Call It What You Want da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[20] Trecho da canção intitulada Welcome to New York da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[21] Trecho da canção intitulada Mine da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Speak Now, data de lançamento: 2010.

[\[22\]](#) Trecho da canção intitulada peace da artista norte-americana Taylor Swift –
álbum: folklore, data de lançamento: 2020.